

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO
CURSO DE LETRAS – TRADUÇÃO- FRANCÊS

Mislene Luiz Silva de Oliveira

A Expressão dos Movimentos Tropismais *Entre a Vida e a Morte*,

de Nathalie Sarraute

Brasília

2011

Mislene Luiz Silva de Oliveira (07/50590)

A Expressão dos Movimentos Tropismais *Entre a Vida e a Morte*,
de Nathalie Sarraute

Monografia apresentada junto ao curso de
graduação em Letras-Tradução-Francês
da Universidade de Brasília como requisito
parcial para obtenção do título de bacharel.

Orientadora: Prof^a Dr.^a Germana Henriques
Pereira de Sousa

Co-orientadora: Prof^a Dr.^a Ana Helena Rossi

Brasília
2011

Agradecimentos

Agradeço a todos aqueles que me deram apoio e que acreditaram junto comigo no sucesso desse projeto, especialmente a minha orientadora, Germana Henriques Pereira de Sousa, e a minha co-orientadora Ana Helena Rossi.

Sumário

Introdução.....	6
Objetivos.....	6
Justificativa.....	6
Metodologia.....	7
Tópicos do Relatório.....	7
A Expressão dos Movimentos Tropismais <i>Entre a Vida e a Morte</i>	9
1 - Nathalie Sarraute	9
1.1 – Biografia.....	9
1.2 –Recepção da Obra sarrautiana na França.....	10
1.3 - A Obra sarrautiana: Tropismos.....	11
1.4- Sarraute e o <i>Nouveau Roman</i>	14
2 – Publicações de Sarraute.....	15
2.1 – Obras traduzidas no Brasil.....	17
3– <i>Entre la Vie et la Mort</i>	17
3.1- O que é a Expressão <i>Entre a Vida e a Morte</i>	20
3.2 – Análise da Estrutura Textual.....	25
3.2.1 – Recursos Estilísticos.....	25
3.2.1.1– Linguagem.....	25
3.2.1.2 – Organização Narrativa.....	27
3.2.1.3 – Figuras de Linguagem.....	29
3.2.2 – Recursos Gráficos.....	31
3.2.2.1– Aspectos Gráficos.....	31
3.2.2.2 – Pontuação.....	32
4 – Tradução de <i>Entre la vie et la mort</i>	35
5 – Comentários da Tradução de <i>Entre la vie et la mort</i>	68
5.1 – O uso de « <i>On</i> » e suas possibilidades.....	68
5.2 – A tradução de homófonos e aliterações.....	70
5.3 - A tradução de expressões idiomáticas da língua francesa.....	71

5.4 – O uso do verbo « <i>Faire</i> ».....	72
5.5 – A tradução dos pronomes pessoais « <i>vous</i> » e « <i>tu</i> ».....	74
5.6 – Omissão dos pronomes na tradução.....	76
5.7 – A tradução de palavras que designam aspectos culturais.....	77
Conclusão.....	79
Referências Bibliográficas.....	80
1 – Dicionários e Enciclopédias.....	80
2 – Obras Teóricas.....	81
3 – Obras de Escritores do Movimento “Nouveau Roman”.....	81
a. Sarraute.....	81
i. Em Francês.....	81
ii. Em português.....	81
b. Demais Escritores.....	82
4 – Artigos Científicos.....	82
5 – Entrevista.....	83
6 – Referências do Vocabulário.....	83
6 – Anexos.....	84
6.1 – Texto Original de <i>Entre la vie et la mort</i>	84
6.2 – Glossário.....	118
6.3 - Mapa do Departamento <i>Hérault</i>	127

Introdução

O primeiro contato que tive com a obra de Nathalie Sarraute se deu em uma aula de tradução de textos literários durante minha graduação, quando minha então professora Germana Henriques Pereira de Sousa nos propôs a tentativa da tradução de alguns trechos da primeira obra de Sarraute, *Tropismes (1939)*, confesso que achei um trabalho incrivelmente árduo, pois era extremamente complicado identificar os personagens na obra.

Mais tarde percebi que os romances sarrautianos em nada pareciam com aquela literatura tradicional que estava tão habituada a ler. Assim como sempre me movi durante toda minha vida em busca de desafios, fui atrás de mais esse: me dedicar a entender e traduzir a obra sarrautiana. Pedi, então, à professora Germana orientar-me em meus estudos sobre a obra de Sarraute, o que ela aceitou prontamente.

A importância literária inerente à toda a obra de Sarraute é inquestionável devido à revolução por ela realizada na forma literária. Por isso o **objetivo** desse trabalho é compreender a complexidade da tradução de uma obra desse porte, dotada de um estilo tão particular de escrita e enfrentar os desafios tradutórios impostos por ela.

Os **motivos** para se traduzir Sarraute são diversos. Sem dúvida é uma obra que contém uma riqueza literária muito grande e que foge a uma doutrina de escrita tradicional ou conservadora, muito ligada à história da literatura francesa e das relações complexas entre os escritores e a língua francesa. A obra de Sarraute é peculiar, pois não se atém a amarras impostas pelos gêneros literários já existentes e acaba por recriar esses gêneros de um modo diferente.

Percebe-se, assim, que essa inovação precisa ser divulgada para que sua obra possa vir a ser utilizada como referência para outros que se aventurem no mundo da literatura. Ora, uma obra com tamanha qualidade precisa ser estudada e se tornar acessível para o público de diferentes países, afinal de contas essa é a utilidade prioritária da tradução, divulgar e possibilitar o acesso a diferentes culturas.

Com esse trabalho pretendemos explorar um pouco mais da obra dessa autora e entender *os tropismos*, que são a fonte de toda a força criativa e que levou Sarraute a

escrever. Além disso, procuraremos observar as características do *Nouveau Roman*, como movimento estético na França; como elas se manifestam e quais efeitos causam no texto.

Nós ousamos aqui tentar entender a razão pela qual uma proposta de tradução à obra da Nathalie Sarraute é um trabalho tão árduo e ao mesmo tempo tão desafiador, por não conseguir transmitir todos os elementos presentes na obra sarrautiana aos quais um francófono tem acesso, seja pelo conhecimento dos elementos culturais, seja pelos elementos oriundos da biografia pessoal da autora e de suas experiências que estão presentes em sua obra *Entre la vie et la mort*. Para tanto, tentaremos recriar os tropismos em português e nos colocar na situação *Entre a vida e a morte* que Sarraute explora em sua obra, como a situação limite à qual o escritor e, por conseguinte, o tradutor são confrontados.

Traduziremos e analisaremos trechos sequenciados da obra *Entre la vie et la mort* por entendermos que essa é a melhor forma de compreensão da obra. Não foram extraídos fragmentos aleatórios por uma razão muito simples, o texto em si é composto a partir de uma progressão de ideias, das quais as palavras surgem para dar continuidade a essas ideias, gerando assim um fluxo contínuo de pensamento que não poderia ser desfragmentado, pois perderia sua continuidade e, por certo o seu foco.

Sobre a questão **metodológica** no que diz respeito à análise literária do texto da Sarraute, serviu-nos de base o livro 'O Uso da Palavra em Nathalie Sarraute' (SOUSA, 2010) uma vez que ele destrincha os elementos constituintes da obra sarrautiana, possibilitando assim uma análise mais minuciosa do texto e conseqüentemente a execução do trabalho crítico que deve prenunciar a tradução.

Ao término desse trabalho, esperamos ter compreendido os tropismos e conseguido absorver essa energia criativa que moveu Sarraute a escrever por tanto tempo. Desejamos possibilitar o acesso de sua obra à comunidade lusófona e poder analisá-la sob a perspectiva de um leitor que teve acesso à obra através dessa tradução.

Para nos acercarmos da questão, vamos dividir o trabalho em **tópicos**: primeiro apresentaremos quem foi Nathalie Sarraute, a obra desenvolvida ao longo da vida e sua participação como *Nouvelle romancière*. Em seguida analisaremos a obra a ser traduzida: a estrutura textual e os aspectos referentes a ela. Depois traduziremos e comentaremos as características do texto. Por fim colocaremos o texto original, um glossário que

desenvolveremos a partir do nosso trabalho de tradução e outras informações importantes que vierem a surgir ao longo da execução do nosso trabalho.

A Expressão dos Movimentos Tropismais *Entre a vida e a morte*

1 - Nathalie Sarraute

1.1 – Biografia¹

Nathalie Sarraute nasceu em Ivanovo, Rússia em 18 de julho de 1900 sob o nome russo Natacha Tcherniak. Seu pai Ilya Tcherniak era químico e doutor em ciência, sua mãe Pauline Chatounowski era escritora de romances. Sarraute nasceu russa e judia e mais tarde naturalizou-se francesa. Quando seus pais se divorciaram ela somente tinha dois anos de idade. Dos dois aos cinco anos Sarraute morou em Paris com sua mãe, dos seis aos oito habitou alternadamente na França e na Rússia ora na companhia do pai ora na da mãe, quando completou 9 anos ela foi morar definitivamente com seu pai na França².

Sarraute começou a frequentar a escola no ano 1909 em Paris, quando se mudou definitivamente para a capital francesa. Foi inicialmente alfabetizada em russo e francês, e aprendeu em seguida alemão e inglês, influenciada pelas babás da sua irmã, filha de seu pai com a segunda esposa. Sempre muito dedicada aos estudos, Sarraute desde cedo foi apaixonada por literatura. Mais tarde, o estilo de autores como Kafka, Joyce, Proust e Virgínia Woolf serão referências perceptíveis em sua escrita.

Em 1918, ela obteve o diploma de inglês por ter estudado na Sorbonne. Em Oxford estudou química e história, e sociologia e história em Berlim. Voltando para Paris, entre 1922 e 1925 terminou o curso de direito. Sarraute exerceu a profissão de advogada na França.

Nathalie Tcherniak conheceu Raymond Sarraute durante o curso de direito em 1923. Era um homem de grande cultura e conhecedor das artes plásticas que teve uma enorme influência na vida de Nathalie, com quem viria a se casar mais tarde. Por algum

¹ Exceto especificações, os dados biográficos a respeito de Nathalie Sarraute provêm da seguinte fonte: DUARTE, 2007.

² As especificações do período em que Sarraute habitou com seu pai e sua mãe foram extraídas do livro *Infância* (SARRAUTE, 1985).

tempo Raymond Sarraute foi seu único leitor e admirador e a incentivava a escrever, pois admirava imensamente seus textos.

Nathalie e Raymond Sarraute tiveram três filhas: Claude, Anne e Dominique. Raymond Sarraute faleceu em 1985 e Nathalie Sarraute 14 anos mais tarde em Paris no dia 19 de outubro de 1999.

1.2 –Recepção da Obra sarrautiana na França

Sarraute surge como escritora no momento pós Segunda Guerra Mundial, e tem um grande reconhecimento apesar de lento. Muito provavelmente, essa lentidão se deu devido à grande inovação em seu estilo afinal, é um novo modelo literário tão diferente que assusta e até mesmo incomoda ao leitor. Ter seu livro *Portrait d'un inconnu* (1947) prefaciado por Sartre muito ajudou para a aceitação e a divulgação de sua obra.

Com a Segunda Guerra Mundial, a literatura vai conhecer um outro momento, pois se antes e durante a guerra o romance mostrava uma busca de novos valores para o homem, uma saída para a eclosão do nazismo, e revelava explicitamente o posicionamento político dos escritores, depois da guerra há como uma impossibilidade de se acreditar na literatura e nos grandes conceitos da humanidade como justiça e liberdade. (SOUSA, 2011. pp. 2,3)

Percebe-se que o momento era próprio para a inovação, pois o modelo de literatura que sempre havia sido utilizado estava desacreditado. Talvez por isso Sarraute, que por conhecer os clássicos da literatura e perceber que suas grandes verdades não mais condiziam com o período que estava sendo vivenciado naquela época decidiu ousar na forma literária. Mais tarde pôde-se perceber que esse momento era propício para se desprender das ideias que tinham culminado na lástima da humanidade.

Já no fim de sua vida, em 1996 Sarraute teve sua obra incluída na coleção Pléiade, note-se que a maioria dos autores que obtiveram essa honra, foi postumamente, entretanto Sarraute a conquistou ainda em vida. Também devido ao grande reconhecimento que é para

um escritor, ter sua obra compilada nessa coleção, Sarraute mais tarde legitima sua obra e acaba se tornando um cânone da literatura francesa.

1.3 - A Obra sarrautiana: Tropismos

A obra sarrautiana, chamaremos assim o trabalho desenvolvido ao longo da vida de Nathalie Sarraute, pois segundo a coleção Pléiade (TADIÉ, 1996) todos os seus livros compõem uma unidade e possuem uma progressão. A cada obra há uma evolução, um aperfeiçoamento do estilo presente na obra precedente e alguns aspectos já expressos são retomados de suas antigas obras, fechando assim um ciclo qualitativo de produção literária.

Para exemplificarmos: no romance *Le Planétarium* (1959), a figura de *Alain Guimier* já mostra inclinações de um autor incipiente que deseja manter as sensações vivas em sua escrita. *Alain* quer ser um escritor e tem sensibilidade para enxergar nas pessoas o que elas tentam esconder; por isso não se limitaria a representar o mundo do concreto³. A obra *Les Fruits d'or* (1963) mostra a relação de um livro com seus leitores, os quais no fim revelam-se leitores ideais, pois é tamanha a devoção e a interação com a obra que eles acabam se tornando parte dela.⁴

No romance *Entre la vie et la mort* (1968),

Sarraute procura colocar o leitor na mesma posição ocupada pelo autor-narrador, no lugar de onde surgem esses movimentos anteriores à formação da linguagem; o leitor como o escritor e a literatura ficam entre a vida e morte, expressão limite (...) que encena o lugar do escritor na sociedade.. (SOUSA, 2011. p.5)

Através dessas três obras assim dispostas, torna-se perceptível a relação direta que interrelaciona a obra sarrautiana: os *tropismos*. E essas obras em questão mostram diferentes momentos da criação literária: antes da escrita em *Le Planétarium*, durante a criação literária em *Entre la vie et la mort*, e a recepção por parte dos leitores em *Les fruits*

³ Conforme SOUSA, 2010. p. 115.

⁴ Conforme TADIÉ, 1996. p. 1854.

d'or. Percebe-se assim, que a obra sarrautiana é composta por uma unidade e temáticas que se interrelacionam.

Sarraute tem como unidade constituinte de toda a sua obra os tropismos, movimentos interiores, como ela os define. Esses movimentos nortearão toda a sua produção literária e Sarraute procurará dar vazão a eles através da sua escrita. Elemento integrante de toda a sua escritura, tropismos é o nome de sua primeira obra: *Tropismes*, 1939.

Nathalie Sarraute tient à affirmer qu'il existe quelque chose avant le langage – la sensation, le tropisme- et, également, que le langage en général et l'écriture en particulier, ne sont pas les structures qu'on manie mais des expériences que l'on vit.(...)

La sensation, par essence en dehors des mots, dépend toutefois de ceux-ci pour son existence ; mais l'effet produit par ces mots est souvent le contraire de la vie, le langage ayant une tendance innée à exercer « une action asséchante et pétrifiante » sur son objet. La résolution de cette tension entre les mots et la sensation ne réside aucunement dans un dispositif linguistique.⁵ (TADIÉ,1996. p.1850)

Sarraute afirma assim que esses movimentos são interiores e anteriores à linguagem que os revela, apenas, os quais não somos capazes de perceber conscientemente, nem de controlar, aparecem através da linguagem. Eles são uma força que nos move sem nos darmos conta, nem conseguirmos explicar. Assim eles são responsáveis por sensações experienciadas e através da escrita sarrautiana, acabam por se tornar perceptíveis e configuram as experiências vividas. Sarraute na sua obra explicita os tropismos no momento em que eles acontecem para que possamos tomar consciência deles.

Na obra sarrautiana há a tentativa de se mostrar os sentimentos sem, no entanto, dar nomes a eles, pois quando eles são nomeados acabam por perder a essência,

⁵ Tradução nossa: Nathalie Sarraute afirma que existe alguma coisa antes da linguagem – a sensação, o tropismo – e, igualmente, que a linguagem em geral e a escrita em particular, não são estruturas que se maneja, mas experiências que se vive.(...)

A sensação, por sua essência exterior às palavras depende, no entanto das palavras para existir; mas o efeito produzido por essas palavras é sempre contrário à vida, pois a linguagem tem uma tendência inerente para exercer “uma ação que seca e petrifica”o próprio objeto. A resolução dessa tensão entre as palavras e a sensação não residem de modo algum em nenhum dispositivo linguístico.

consequentemente morrem e se tornam sentimentos vazios (SOUSA, 2010). Por isso, em sua obra Sarraute constrói imagens para fazer o leitor sentir de uma determinada maneira, para que possa interiorizar a sua linguagem e acabar vivenciando as sensações descritas em suas obras.

Para Sarraute:

*Le personnage ne [doit] être plus qu'un porteur d'états, un porteur anonyme, à peine visible, un simple support de hasard (...). L'intrigue n'est plus qu'une trame très lâche qui, sans le soutien d'un ordre chronologique, se disloque, se désintègre, disparaît souvent complètement*⁶. (SARRAUTE apud SOUSA, 2010.p. 19)

Assim, Sarraute utiliza os personagens para dar vazão aos tropismos, o leitor da obra sarrautiana não é confrontado a uma história contada, na verdade ele é exposto a inúmeras imagens que são compostas por meio das palavras e que, quando descompostas, algumas dessas palavras são utilizadas para compor a próxima imagem. Através do uso repetido de palavras em diferentes contextos, Sarraute confere a elas diferentes usos, e por isso acaba por causar no leitor novas sensações ao lê-las, recriando, desse modo, essas palavras para que esses diferentes usos as façam causar no leitor novas sensações.

Em todos os seus textos o personagem principal são as palavras. Como a própria Sarraute afirma: “*Mes véritables personnages, mes seuls personnages, ce sont les mots. Mais investis, mais pleins. Ce ne sont pas les mots pour les mots*”⁷.(SARRAUTE apud SOUSA, 2010.p.52) Elas são capazes de dar vazão aos sentimentos e através delas todas as obras são compostas e recompostas, os tropismos somente podem ser evidenciados porque as palavras os traduzem, os fazem emergir dos recônditos da subconsciência. Em suma, a obra de Sarraute é a tradução de sentimentos por meio de imagens construídas através das palavras.

Nathalie Sarraute e outros autores propõem uma forma de expressão diferente na literatura, uma estrutura inovadora de escrita: o *Nouveau Roman*. Ela e os outros *nouveaux*

⁶ Tradução de SOUSA (2010, p.19) : “O personagem não deve passar de um portador de estados, um portador anônimo, quase invisível, um simples suporte ocasional (...). A intriga não passa de uma trama bastante frouxa, que, sem o apoio de uma ordem cronológica, desloca-se, desintegra-se, muitas vezes, desaparecendo completamente.”

⁷ Tradução de SOUSA (2010, p. 52): Meus verdadeiros personagens, meus únicos personagens, são as palavras. Mas investidas, mas plenas. Não são as palavras pelas palavras.

romanciers são responsáveis por uma inovação no estilo de escrita sobre a qual falaremos a seguir.

1.4- Sarraute e o *Nouveau Roman*

O *Nouveau Roman* é a escola literária que reúne nomes como: Nathalie Sarraute (*L'Ère du Soupçon*, 1956), Alain Robbe-Grillet (*Pour un Nouveau Roman*, 1963), Michel Butor (*Intervalle*, 1973) e Claude Simon (*Triptyque*, 1973). Esses escritores foram identificados pelos críticos literários que os integraram como membros dessa escola por, segundo eles, possuírem uma escrita inovadora e desprendida dos elos narrativos tradicionais: personagem, intriga, espaço e tempo cronológico.

O termo *Nouveau Roman* (Novo Romance) designa um estilo de escrita que não segue o tradicional modelo para se escrever romances. *Nouveau*, pois é inovador e propõe uma forma na escrita que nunca havia sido feita, é o rompimento com a forma tradicional de se escrever romance. O termo *Nouveau Roman* surge em oposição ao romance tradicional.

O crítico literário Émile Henriot empregou o termo *Nouveau Roman* depois da reedição de *Tropismes* pelas edições Minuit e da publicação de *La Jalousie* (Robbe-Grillet, 1957)⁸ para criticar esse tipo de escrita que não lhe agradava. Robbe-Grillet utilizou esse termo para definir esse novo estilo literário que rompia com as regras tradicionalmente arraigadas na escrita e lançou o movimento cuja teorização se deu após a publicação de *L'Ère du Soupçon*⁹. Entretanto, o marco do surgimento do *Nouveau Roman* foi de fato a obra *Tropismes*, escrita por Sarraute em 1932 e publicada em 1939. A partir dessa obra surgiu uma vontade de poder se expressar livremente, libertar a energia criativa sem se prender na forma que por ser trabalhada e retrabalhada em busca de um ideal de beleza acaba por matar as sensações que geraram a própria obra.

Os críticos literários afirmam que os estilos literários dos escritores citados em nada convergem senão na liberdade formal e na insubordinação das fórmulas narrativas há tanto

⁸ Sarraute, em uma entrevista concedida à Folha de São Paulo, 1996.

⁹ (*Idem*)

utilizadas. Por isso, muitos críticos¹⁰ não consideram o *Nouveau Roman* como uma escola de fato. Entretanto, há um aspecto comum na obra desses autores que pode caracterizá-los como *Nouveaux romanciers*:

(...) o sujeito despersonalizado. Um sujeito que começa por perder as características físicas, as relações de parentesco (sempre vagas e incertas), o nome próprio, a autoria dos fatos, até chegar ao limite do desaparecimento, ao vazio da identidade. Sarraute percebe que não há mais necessidade de explicitar ao leitor *quem* fala, nem *o que* se fala, pois o importante, segundo ela, é *como* se fala e as sensações que a fala provoca. Assim, a personagem não precisa mais de seus atributos físicos, sociais, e mesmo psíquicos. (MELLO, 2010.p.2.)

O texto cria-se então quase que sozinho, do desdobrar imprevisível das possibilidades do real. Com isso, os *nouveaux romanciers* transformaram-se em pesquisadores desconfiados, procurando algo que ainda não fora explorado e dito. (MELLO, 2000.p. 249.)

O *Nouveau Roman* é uma inovação, o desprendimento de um modelo de narrativa obsoleto e sistemático. Os *nouveaux romanciers* procuram a liberdade de expressão para explorar sensações ainda não evidenciadas na escrita. Não mais se trata de contar histórias para os leitores, e sim de fazê-los emergir nessa realidade diversa e explorá-la com uma perspectiva diferente da qual eles já estavam habituados.

2 – Publicações de Sarraute¹¹

Os seguintes textos de Nathalie Sarraute foram primeiramente publicados pela Editora Gallimard e compilados pela Bibliothèque de la Pléiade em 1996.

- *Tropismes* (1939,1957)
- *Portrait d'un inconnu* (1948)
- *Martereau* (1953)
- *Le planétarium* (1959)

¹⁰ Conforme VERCIER; LECARME e BERSANI, 1982.

¹¹ Conforme DUARTE, 2007.

- *Les fruits d'or* (1963)
- *Entre la vie et la mort* (1968)
- *Vous les entendez ?* (1972)
- *Disent les imbéciles* (1976)
- *L'Usage de la parole* (1980)
- *Enfance* (1983)
- *Tu ne t'aimes pas* (1989)
- *Ici* (1995)

As peças teatrais:

- *Le Silence* (1964)
- *Le mensonge* (1966)
- *Isma* (1970)
- *C'est beau* (1975)
- *Elle est là* (1978)
- *Pour un oui ou pour un non* (1982)

Ensaïos e conferências :

- *L'Ère du soupçon* (1956)
- *Paul Valéry e L'enfant d'Eléphant / Flaubert le précurseur* (Blanche, 1986)

Conferências :

- *Roman et réalité*
- *La littérature, aujourd'hui*
- *Forme et contenu du roman*
- *Le langage dans l'art du roman*
- *Ce que je cherche à faire*
- *Le Gant retourné*

O seguinte romance não foi incluído em *Oeuvres complètes* (1996), por ter sido publicado depois da compilação.

- *Ouvrez* (1997)

2.1 – Obras traduzidas no Brasil¹²

Apenas as traduções de duas obras de Sarraute foram publicadas no Brasil:

- Infância (1985)
- Os frutos de ouro (1986)

Ambos os livros foram publicados pela Editora Nova Fronteira. Traduções de *Enfance* (1983, Gallimard) e *Les fruits d'or* (1963, Gallimard), “são realizadas por tradutores profissionais. Luiz Carlos Brito traduz poesia brasileira para o francês; Raquel Ramallete é co-tradutora de *Vigiar e Punir*, de Foucault, tradutora de Jacques Rancière, e de Calvino.”(SOUSA, 2011. p.6)

3 – Entre la vie et la mort¹³

Obra preferida de Nathalie Sarraute, *Entre la vie et la mort* (*Entre a vida e a morte*)¹⁴ é o aprofundamento de suas obras precedentes *Le Planétarium* (1959) e *Les Fruits d'Or* (1963). Essa obra apresenta traços dos romances antecedentes, pois todas as suas obras além de serem construídas com base nos movimentos tropismais também têm como personagem principal as palavras. *Entre la vie et la mort* apresenta cenas da vida de um escritor em formação e o esforço criativo empregado em sua escrita.

Sarraute tenta mostrar o processo de criação literária. Não se trata de obra autobiográfica, embora seja utilizado o conhecimento do processo de criação literária de Sarraute. O sujeito ao longo de todo o texto é *Il* (ele), pronome que explicita a existência de um personagem masculino e a exclui como personagem principal.¹⁵

Em uma conversa com Benmussa, Sarraute declara: «*Je travaille à partir uniquement de ce que je ressens moi-même. Je ne me place pas à l'extérieur, je ne cherche*

¹² Conforme SOUSA, 2011.

¹³ Conforme TADIÉ, 1996.

¹⁴ Tradução nossa.

¹⁵ Conforme TADIÉ, 1996.

*pas à analyser du dehors. À l'intérieur où je suis le sexe n'existe pas.(...)*¹⁶ » (SARRAUTE apud TADIÉ, 1996).

Percebe-se através dessa afirmação que, apesar de Sarraute não caracterizar o texto como uma autobiografia, ele apresenta elementos extraídos da sua experiência como escritora em sua composição e que, desse modo, cenas retiradas da sua vida, junto com criações puramente literárias compõem o texto. Sarraute não assume o personagem, e por isso o coloca no gênero masculino, pois ao que aparenta ela não quer ser vista como personagem uma vez que o processo de criação é o aspecto mais importante ressaltado no texto. Sarraute utiliza o conhecimento e a vivência como escritora para compor um personagem escritor, mas não se espelha nele, apenas o utiliza como meio de expressão para chegar ao seu fim que é o de mostrar o processo de criação literária.

Eis algo para ser pensado pelos estudos de gênero na literatura. A escritora recusa o entrenchamento do gênero, e reivindica o lugar do neutro na escrita literária. No caso em tela, o uso do masculino tampouco a identifica com um gênero; busca ao contrário a essência do neutro que estaria nessa forma, colocando, assim, a vogal "e", que caracteriza o feminino em francês, num fora do texto. (SOUSA, 2011. p.9)

Sousa afirma que o tradutor de *Enfance* ignora esse aspecto que segundo ela é fundamental e busca uma forma feminina que subverte a ideia do texto de deixar o gênero explícito. Cientes dessa característica, nós tentamos não cometer o mesmo engano que fora feito pelo tradutor e mantivemos o sujeito masculino a fim de respeitar a intenção original do texto.

Nessa obra é criticada a utilização das formas fixadas de escrita e, por conseguinte mortas. É tentada uma fuga aos clichês, à ideia de que a escrita deve seguir uma estrutura arraigada e, portanto, obsoleta, anacrônica. Nesse sentido, Sarraute inova na busca de uma escrita que fuja da narrativa tradicional e da construção de personagens. Ora, deixar os personagens sem nome durante todo o livro não é só uma tentativa de generalização, como é também uma espécie de libertação dos elos narrativos tradicionais.

No texto sobre *Entre la vie et la mort* na coleção Pléiade afirma-se que :

¹⁶ Tradução nossa: Trabalho unicamente a partir do que eu mesma sinto. Não me posiciono do lado externo, nem procuro analisar de fora. No interior de onde eu estou, o sexo não existe.(...)

*Devenir un « écrivain » de ce gabarit, c'est endosser l'uniforme que le monde vous impose; et cet uniforme n'est rien d'autre que les divers portraits dont on cherche à vous affubler ou que le lâche accepte de dresser lui-même à l'intention d'un public avide de ce genre de mets.*¹⁷ (TADIÈ, 1996.p .1848.)

Nesse texto há uma ideia preconcebida da figura do escritor na sociedade, que é quebrada ao longo do livro. São apresentadas cenas da vida de um escritor, organizadas não cronologicamente nas quais são mostrados momentos que podem ocorrer com qualquer escritor. A imagem do escritor passada pela perspectiva de outro escritor faz o leitor repensar até que ponto sua concepção do que seria um escritor estava correta, pois, ao ser confrontado com essa nova imagem, o leitor começa a ver que sua concepção anterior pode estar um tanto aquém da real condição do autor.

*Les vingt-deux sections ou chapitres – non numérotés – du roman ne composent donc pas le portrait d'un écrivain. Il s'agit plutôt d'une série de scènes de la vie d'écrivain, de scènes typiques qui peuvent figurer dans la carrière de tout écrivain.*¹⁸ (TADIÈ, 1996. pp. 1848, 1849.)

No texto não é apresentado um escritor idealizado que enxerga a beleza das coisas de um modo diferente. De fato, é apresentada uma figura mais próxima à realidade, de uma pessoa escravizada pelo seu trabalho, suas ideias e que busca incessantemente a perfeição em seus textos. Entretanto, ao contrário do que se pensa, o escritor não é visto somente como uma pessoa com uma sensibilidade acima do comum, o personagem escritor da obra é apresentado como uma pessoa comum que tem medos e problemas. Ele é visto de perto, pelo leitor que é confrontado a um personagem que sofre com a produção literária, pois, sendo uma atividade incrivelmente árdua, escraviza mentalmente aquele que ousa criar. Como podemos perceber nas seguintes passagens da obra:

¹⁷ Tradução nossa: Tornar-se um “escritor” desse gabarito, é endossar um uniforme que o mundo lhe impõe; e esse uniforme nada mais é do que as diversas personas nos quais se procura enquadrá-lo ou que o covarde aceita criar para si mesmo à intenção de um público ávido por esse gênero de iguaria.

¹⁸ Tradução nossa: As vinte e duas seções ou capítulos – não numerados – do romance então não compõem o retrato de um escritor. Trata-se antes de uma série de cenas da vida de um escritor, de cenas típicas que podem constar na carreira de todo escritor.

« S'il y a quelque chose qui distingue un écrivain, c'est vraiment ça. » Celui-ci ouvre sa main pleine : « Un poète n'est pas, comme on le croit, celui qui sait mieux que d'autres regarder la terre et le ciel, écouter le bruit de la mer, le gazouillis des sources et des oiseaux, un poète, vous en serez un, mon petit ami — les pièces sonnent, elle salue bien bas — un poète, on l'a dit et c'est vrai, c'est celui qui sait fabriquer un poème avec des mots. »¹⁹(SARRAUTE, 1968. p. 31)

(...)Ce qui compte, voyez-vous, je crois, c'est ce tempérament de tâcheron... Comme mon grand-père. Mais moi je suis un tâcheron triste. Jamais satisfait. Mal doué. Le moins doué de tous. Oui, parfaitement. Ne souriez pas, c'est vrai. J'ai parfois la nostalgie de tout abandonner. De travailler de mes mains. L'ouvrier aux pièces, le balayeur de rues, le contrôleur de métro sont moins à plaindre que moi. Jamais un moment de répit. Dès que je me repose, je me tourmente : qu'est-ce que je fais là? Je devrais être à ma table. Et me voilà de nouveau devant ma machine à écrire, en train de taper. Et puis je relis...²⁰» (SARRAUTE, 1968. p. 12)

Esse segundo trecho apresentado mostra como é árduo o trabalho do escritor. E essa é exatamente a temática da obra, pois o escritor também está em uma situação entre a vida e a morte.

3.1- O que é a Expressão *Entre a vida e a morte*²¹

Sarraute sempre teve uma preocupação em manter o texto vivo, ou seja, mostrar as sensações que geraram a obra sem trabalhar e retrabalhar a linguagem a tal ponto que essa obra perdesse conexão com as sensações que a geraram. Pois quando se trabalha em

¹⁹ Tradução nossa: “Um poeta não é, como a gente acredita, aquele que sabe melhor do que os outros enxergar a terra e o céu, escutar o barulho do mar, no chilrar das nascentes e dos pássaros, um poeta, você será um, meu pequeno amigo – as peças tocam, ela o cumprimenta baixinho – um poeta, dizem que é verdade, é aquele que sabe fabricar um poema com palavras.”

²⁰ Tradução nossa: (...)O que conta, veja você, eu acredito, é esse temperamento de labutador... Como meu avô. Mas eu sou um labutador triste. Nunca satisfeito. Mal dotado. O menos dotado de todos. Sim, perfeitamente. Não sorria, é verdade. Às vezes tenho a nostalgia de abandonar tudo. De trabalhar com minhas mãos. O operário de produção, o varredor de ruas, o controlador de metrô menos têm de se lastimar que eu. Nunca um momento de pausa. Tão logo que descanso, atormento-me: o que estou fazendo aqui? Deveria estar em minha mesa. E ei-me de novo em frente à máquina de escrever, batendo. E depois eu releio...”

²¹ Conforme TADIÉ, 1996.

demasia a linguagem para expressar essa sensação, ela deixa de ser genuína, perdendo a conexão com o sentimento que a gerou. A expressão *Entre a vida e a morte* mostra, justamente, essa relação limite na qual o escritor se apresenta, compondo assim uma série de contraposições: a sensação viva *versus* o que seria o estereótipo morto, o extremo entre o isolamento ao qual o escritor está sujeito *versus* a necessidade de aceitação por parte do público.

Avant d'opter pour le titre "Entre la vie et la mort", Nathalie Sarraute avait songé à deux autres possibilités, « Le Geste » et « Le Cercle », qui toutes deux auraient mis l'accent sur cet aspect extérieur qui constitue d'ailleurs la structure du livre. Le faux geste du départ, qui sert à construire l'autoportrait de l'écrivain aux yeux de son public, déclenche une série d'épisodes similaires où l'écrivain est régulièrement amené à répondre aux attentes d'autrui à son sujet. La série se termine par le retour au geste et à la scène d'origine, bouclant ainsi le cercle autour duquel le livre est composé, et permettant au lecteur de mesurer l'enjeu du geste originel.(...)»²² (TADIÉ, 1996.p. 1849.)

No primeiro capítulo é apresentado ao leitor um personagem em um texto que mais parece um roteiro de teatro. A cena em que o personagem bate à máquina e por sucessivas vezes arranca a página e a descarta compõe a imagem de um escritor que, escravizado pelo desejo da perfeição, não consegue encontrar satisfação em sua escrita.

Il hoche la tête, il plisse les paupières, les lèvres... « Non, décidément non, ça ne va pas. » Il étend le bras, il le replie... « J'arrache la page. » Il serre le poing, puis son bras s'abaisse, sa main s'ouvre... « Je jette. Je prends une autre feuille. Je tape. A la machine. Toujours. Je n'écris jamais à la main. Je relis... » Sa tête oscille de côté et d'autre. Ses lèvres font la moue... « Non et non, encore une fois. J'arrache. Je froisse. Je jette. Ainsi trois, quatre, dix fois je recommence... » Il plisse les

²² Tradução nossa: Antes de optar pelo título "*Entre a vida e a morte*", Nathalie Sarraute tinha pensado em duas outras possibilidades, "O Gesto" e "O Círculo", que ambas teriam dado relevância sobre o aspecto exterior que, aliás, constitui a estrutura do livro. O falso gesto de partida, que serve para construir o autorretrato do escritor aos olhos de seu público, desencadeia uma série de episódios similares onde o escritor é regularmente levado a responder aos atentados de outrem a seu sujeito. A série termina com o retorno ao gesto e à cena de origem, fechando assim o círculo em torno do qual o livro é composto, e permitindo ao leitor mensurar o que está em questão com o gesto original.(...)

lèvres, il fronce les sourcils, il étend le bras, le replie, l'abaisse, il serre le poing.
²³(SARRAUTE, 1968. p.7)

Assim, percebe-se desde o início do capítulo que o livro trata de um escritor. Após diversas cenas da sua vida dispostas não cronologicamente, o texto acaba em uma imagem que retorna à cena inicial.

Segundo TADIÉ, (1996, p.1850) *Dans Entre la vie et la mort , l'écrivain finit par se placer à l'abri du monde qui l'a si dangereusement, séduit pour retrouver la solitude en dehors de laquelle aucune écriture n'est possible.(...)*²⁴

*Plus près de moi, mais pas trop près... un peu à l'écart tout de même... mais assez loin de tous les autres... juste à la bonne distance... vous mon double, mon témoin... là, penchez-vous avec moi.. ensemble regardons... est-ce que cela se dégage, se dépose... comme sur les miroirs qu'on approche de la bouche des mourants.. une fine buée?*²⁵ (SARRAUTE, 1968. p. 174)

Como percebemos no último trecho do texto, acima exposto, o personagem, escravizado pelo seu desejo de perfeição, acaba por se proteger do mundo, pois a situação limite à qual ele estava sujeito foi a tal ponto difícil que ele não conseguiu suportar.

Ao longo do texto, Sarraute apresenta, em diversos momentos, situações em que o uso das palavras as tornou mortas, como acontece no terceiro capítulo, quando a criança viaja no trem com sua mãe e brinca com o nome do departamento francês *Hérault*²⁶ e a

²³ Tradução nossa: Ele abana a cabeça, franze as pálpebras, os lábios... “Não, definitivamente não, não está bom.” Ele estende o braço, dobra-o... “Arranco a página”. Ele cerra o punho, depois seu braço se abaixa, a mão se abre... “Descarto. Pego outra folha. Bato. À máquina. Sempre. Nunca escrevo à mão. Releio...” Sua cabeça oscila de um lado a outro. Seus lábios fazem um beicinho... “Não e, não mais uma vez. Arranco. Amasso. Descarto. Assim, três, quatro, dez vezes recomeço...” Ele dobra os lábios, franze as sobrancelhas, estende o braço, dobra-o, abaixa-o, cerra o punho.

²⁴ Tradução nossa: Em *Entre a vida e a morte*, o escritor acaba por se colocar a salvo do mundo que, tão perigosamente o seduziu, para procurar a solidão fora da qual nenhuma escrita é possível.

²⁵ Tradução nossa: Mais perto de mim, mas não perto demais... um pouco à distância, mesmo assim... mas bastante longe de todos os outros... justo a uma boa distância... você meu duplo, minha testemunha... lá, incline-se comigo... juntos vemos... será que isso se desprende, se deposita... como sobre os espelhos que a gente aproxima da boca dos moribundos.. uma gotícula fina?

²⁶ The department is the second level of administrative divisions on the map of France. The department of Hérault is located in the region of Languedoc-Roussillon. The department of Hérault has the number 34 and is divided into 3 districts, 49 townships and 343 municipalities. (Tradução nossa: O departamento é o segundo nível de divisões administrativas no mapa da França. O departamento Hérault é localizado na região Languedoc-Roussillon. O departamento Hérault tem o número 34 e é dividido em 3

partir dele faz surgir outros homônimos *Héros* (herói), *Air Eau* (ar água), dentre outros. Em seus jogos de palavra, esse nome toma vários formatos e faz surgir outras palavras além de imagens. Esse é um excelente exemplo da reificação das palavras conforme Sarraute trata. Nesse caso, Sarraute quebra as fronteiras entre prosa e poesia e propõe uma prosa poética no que diz respeito ao ritmo do texto.

(...)Jouer avec les mots, comme le faisaient à l'époque d'autres nouveaux romanciers avec leurs fameux « générateurs », c'est pour Nathalie Sarraute les traiter en objets, et par conséquent comme s'ils étaient morts.(...) ²⁷ (TADIÉ, 1996. p. 1851.)

Para Sarraute, a primeira forma de matar as palavras é usá-las como se fossem objetos, por não apresentarem nada novo e não expressarem nenhum sentimento, como é mostrado no exemplo a seguir:

Hérault, héraut, héros, aire, haut, erre haut, R.O., rythmé sur le bruit du train roulant à travers les plates plaines blanches. Les images surgissent l'une après l'autre, tirées de sa collection... ²⁸. (SARRAUTE, 1968. p.22.)

Esse jogo com as palavras que o personagem faz quando viaja com a mãe no trem é um exemplo do uso de palavras que as torna mortas e configuram assim um clichê.

(...) Or, ce qui rend le cliché innacceptable pour Nathalie Sarraute, c'est moins son statut de « déjà dit » - car tout a toujours été dit, et l'on vient toujours trop tard – que son manque de rapport avec le réel. Dans le cliché, les mots font abstraction du réel et finissent par agir de façon aussi autonome que dans le jeu de l'enfant. Même autonomie, mais danger bien plus grand, car dans le cliché cette autonomie

distritos, 49 municípios e 343 municipalidades.) (<http://www.map-france.com/departement-Herault/>) Acesso em: 09/11/11

²⁷ Tradução nossa: Brincar com as palavras, como se fazia na época dos outros *nouveaux romanciers* com seus famosos “geradores”, é para Nathalie Sarraute tratá-las como objetos, e por conseguinte como se estivessem mortas.

²⁸ Tradução nossa: Hérault, arauto, herói, área, alta, erra alto, R.O., ritmado no barulho do trem que corre pelas pálidas planícies planas. As imagens surgem uma após outra, tiradas de sua coleção...

tourne à la violence et à la tyrannie, comme l'affirme Nathalie Sarraute dans « Ce que je cherche à faire »²⁹ (...) (TADIÉ, 1996.p.1852.)

Uma das formas de deixar as palavras mortas para Sarraute é usá-las de tal modo que elas percam a conexão com a realidade. Assim, esses jogos de palavras não transmitem nenhuma sensação real, portanto elas são clichê, pois de tanto serem utilizadas perderam a conexão com o sentimento real que deu origem a elas.

Le salut linguistique du texte – c'est-à-dire sa vie – réside pour primer le plus fréquemment chez elle au moyen d'une image de « fusion »(...) ³⁰. (TADIÉ, 1996. p.1853.)

Para as palavras terem vida, elas precisam se fundir em seres vivos. A demonstração de sensações genuínas é o que caracteriza um texto como vivo. Ora, não se deve buscar a verossimilhança, mas a verdade.

Em uma entrevista Sarraute afirma:

(...) Dans l'écriture on ne peut le faire que d'une manière successive. Alors je suis obligée, quand un mot, une expression provoque chez nous une impression globale, je suis obligée de prendre ce mot et montrer une nouvelle sensation que ça provoque, et une nouvelle, et encore une autre, alors que, en réalité, nous le ressentons tout à fait globalement. C'est à la fois que nous percevons tout ça.(...) ³¹ » (SARRAUTE apud TADIÉ, 1996. p.1855.)

A escrita sarrautiana procura explorar novas sensações, através do uso repetido das palavras; ela procura novas abordagens, formas diferentes de se expressar e, por conseguinte, trazer essas palavras de volta à vida.

²⁹ Tradução nossa: Ora, o que deixa o clichê inaceitável para Nathalie Sarraute, é menos a sua condição de “já dito” – pois tudo sempre já foi dito, e a gente chega sempre tarde demais – que sua falta de relação com o real. No clichê, as palavras fazem abstração do real e acabam por agir de modo tão autônomo quanto no jogo da criança. Mesma autonomia, mas perigo bem maior, pois no clichê essa autonomia se volta à violência e à tirania, como afirma Nathalie Sarraute em “O que procuro fazer”.

³⁰ Tradução nossa: A salvação linguística do texto – ou seja, sua vida - reside primeiramente e mais frequente nela por meio de uma imagem de “fusão”(…)

³¹ Tradução nossa: Na escrita, somente se pode fazer de uma maneira sucessiva. Então, sou obrigada, quando uma palavra, uma expressão provoca na gente uma expressão global, eu sou obrigada a pegar essa palavra e mostrar uma nova sensação que ela provoca, e uma nova, e ainda uma outra, enquanto que, na realidade nós a representamos globalmente.

Podemos perceber, assim, que essa busca por deixar as sensações vivas é própria de Sarraute, e que todo o seu trabalho foi desenvolvido impulsionado por essa vontade, essa necessidade de expressão tão diversa que ela apresenta em seus textos. Percebe-se que o escritor se encontra nessa situação *Entre a vida e a morte*, pois busca deixar seus textos vivos apesar de usar palavras que já foram usadas anteriormente e conseqüentemente estariam mortas. A publicação do texto também representa um perigo de reificação ou de congelamento, pois o leitor também corre o risco de buscar os clichês, de querer identificar a obra com o que ele já conhece.

3.2 – Análise da Estrutura Textual

O romance *Entre la vie et la mort* de Nathalie Sarraute apresenta uma estrutura diferenciada, que vamos analisar a seguir. Em vinte e dois capítulos não intitulados, Sarraute apresenta a vida de um escritor, mas não conta histórias; ao invés disso, ela compõe e recompõe cenas através das palavras, nunca nomeando os sentimentos e as sensações, mas de certa forma faz o leitor imergir em suas descrições para que visualize as cenas que ela expõe. Para tanto ela se utiliza de alguns recursos estilísticos e recursos gráficos que descreveremos a seguir.

3.2.1 – Recursos Estilísticos³²

Sarraute compõe suas obras em uma linguagem muito peculiar. Para tanto seu estilo de escrita é dotado de vários recursos que a caracterizam. Perceberemos, a seguir, algumas das características presentes em sua obra.

3.2.1.1– Linguagem

³² As observações referentes aos Recursos Estilísticos feitas nesse projeto foram embasadas nas informações apresentadas em SOUSA, 2010.

A linguagem utilizada na obra de Sarraute muito foge à ideia preconcebida que se tem sobre qual tipo de linguagem que se deveria usar em um texto literário. *Entre la vie et la mort* apresenta uma linguagem corriqueira e mesmo agressiva em sua composição. Palavras como *corne*, *ruminer*, *craché* (chifre, ruminar, cuspedo) dentre outras são muito utilizadas ao longo do texto. No geral, essas palavras poderiam ser consideradas esteticamente desagradáveis, entretanto para a composição do texto a beleza estética não se sobrepõe à legitimidade das sensações originárias do texto. Essas palavras servem a um propósito maior, o de compor uma imagem, que é portadora de sentido. (SOUSA, 2010. cap. 4). A exemplo:

*Ma mère me disait déjà, quand elle me voyait m'isoler dans un coin : Mais qu'est-ce que tu es encore en train de **ruminer**? » Il sourit en écoutant les petits rires tendres, très légèrement scandalisés, qui partent du cercle. « Elle avait raison. Je **ruminais** toujours. Il suffisait parfois d'un simple mot... D'un certain mot qu'on avait dit devant moi, et aussitôt me voilà parti... Pour des heures...³³ (SARRAUTE, 1968. p. 11)*

O verbo *ruminer*, ruminar, remete ao ato de mastigar as palavras. Tem função de verbo de pensamento: ruminar aqui é igual a pensar. Veja-se a definição de *ressasser*, sinônimo de *ruminer*:

Synonymes de ressasser, verbe:

- *Retourner dans son esprit – remâcher, retourner, retourner dans sa tête, retourner dans son esprit, rouler, ruminer.*
- *Répéter sans cesse – chanter sur tous les tons, rabâcher, radoter, rebattre les oreilles à qqn de, redire, répéter, seriner, tympaniser. (cf. Dictionnaire Antidote)*

Como se vê, o uso é pejorativo. Não se espera encontrar esse tipo de palavra como verbo declarativo. Entretanto, Sarraute o utiliza por se tratar de um verbo que expressa a lentidão do pensamento. Essa é uma ação longa, em que se dá muitas voltas. Não precisa

³³ Tradução nossa: Minha mãe já me dizia, quando via eu me isolar num canto: Mas o que é que você está ruminando?" Ele sorri escutando as ternas risadinhas, muito ligeiramente escandalizadas, que partem do círculo. "Ela tinha razão. Estava sempre ruminando. Às vezes bastava uma simples palavra... De uma certa palavra que disseram na minha frente, e tão logo eu partia... Por horas..."

ser um pensamento novo, embora possa sê-lo. No caso de Sarraute, tal verbo é empregado para expressar a questão do tempo e do pensamento, pois a escrita é um ato para se pensar e repensar. Logo, *ruminer* é usado, não somente como verbo declarativo, mas também para expressar essa lentidão de pensamentos e ideias que vão e voltam na cabeça de um escritor.

3.2.1.2 – Organização Narrativa

O texto escrito em prosa poética apresenta uma supervalorização do discurso em detrimento da narração (SOUSA, 2010). Em seu texto, Sarraute nunca conta histórias, e essa é a característica da ruptura com a definição histórica do que é o romance, portanto o *nouveau roman* é chamado de novo, por essa característica do rompimento com o tradicional modelo de romance que conta histórias. Sarraute cria imagens e faz o leitor imergir nelas, ora apresenta diálogos nos quais não cita nomes dos personagens, fornecendo pistas ao leitor para que esse possa se localizar e identificar quem fala no texto, ora faz descrições de imagens para que o leitor observe o que se esconde por detrás das palavras empregadas. Todos esses aspectos, caracterizam o fato de a sua escrita explicitar os tropismos, a partir dos movimentos da ação de “*ruminer*” que constituem o pensamento. Sarraute explora as imagens que ela compõe para explicitar os tropismos no momento em que eles acontecem.

Há a presença de um narrador que, no entanto, não se apresenta como aquele modelo de narrador onisciente amplamente utilizado. Esse narrador apresentado limita-se a apresentar o que ele observa, tão sutilmente que quase passa despercebido; não é apresentado nenhum julgamento de valor tão como não é contada nenhuma história. A voz narrativa serve apenas para direcionar o leitor entre os inúmeros diálogos e monólogos que se apresentam. Como podemos perceber nos trechos grifados, no trecho a seguir.

Son regard glisse de gauche à droite, il plisse les lèvres, il hoche la tête... « Et de nouveau ça ne va pas. » Son bras tire, son poing froisse... « Oh non, il ne fallait pas... Qu'aurions-nous donné pour recueillir, pour conserver pieusement ces ébauches... C'est si précieux... Vous auriez dû nous les laisser... Tous ces états... » Il secoue la tête. Non. Impossible... Il faut se résigner : lui seul est juge. Il est la plus haute instance. La plus impitoyable de toutes. « Je prends une nouvelle feuille

blanche. » Ses doigts s'agitent. Les mots s'alignent. Comment? Un rythme dans la tête? Une arabesque que les mots dessinent? Sa tête tourne de gauche à droite... « Je lis la page d'abord très vite. Et alors, cette fois, peut-être... » Sa main droite tendue en avant s'abaisse. Ses doigts réunis comme pour le signe de croix se posent sur la page. La main se relève, s'abaisse de nouveau... «Je corrige. A la pointe Bic. Toujours. J'ai horreur des stylos. » Le bras pivote lentement sur le coude, fait un demi-cercle... « Je mets la page de côté. Je la laisse reposer. Je n'y touche plus, il faut attendre. Parfois la déception sera terrible, parfois il n'y aura pas un mot à changer. »³⁴ (SARRAUTE, 1968. pp. 12 e 13)

Todo o texto é apresentado no presente, uma vez que os tropismos explorados por Sarraute são expostos no momento em que eles acontecem e para tanto devem se apresentar antes da linguagem. O tempo presente confere simultaneidade ao texto, o que permite explorar as sensações no momento em que elas acontecem. Esse tempo verbal atribui ao texto o frescor de uma sensação que ocorre no momento em que se apresenta.

Il est tout rouge, renfrogné, il est si empoté, si empêtré... il n'y a rien à faire, il ne sait pas jouer... il y a en lui quelque chose... Mais qu'est-ce que c'est? Qu'y a-t-il en moi, Madame, dites- le-moi... C'est quelque chose dont je ne m'aperçois pas, c'est comme une odeur que les autres sentent... Je suis pourtant exactement pareil à eux. Tout pareil. Juste un peu timide. Cela me conduit parfois à être maladroit. A trop oser... C'est peut- être ça? C'est le sens du ridicule qui doit me manquer... aidez-moi, je voudrais savoir, je ne demande qu'à me corriger... Elle soulève ses

³⁴ Tradução nossa: Seu olhar desliza da esquerda para a direita, ele dobra os lábios, abana a cabeça... “E de novo não dá.” Seu braço puxa, seu punho amassa... “Oh não, não era necessário... Que teríamos dado para recolher, para conservar piedosamente esses esboços... É tão precioso... Você deveria tê-los deixado conosco... Todos esses estados...” Ele sacode a cabeça. Não. Impossível... É necessário se resignar: só ele é o juiz. É a mais alta instância. A mais impiedosa de todas. “Pego uma nova folha branca.” Seus dedos se agitam. As palavras se alinham. Como? Um ritmo na cabeça? Um arabesco que as palavras desenharam? Sua cabeça vira da esquerda à direita... “Primeiro leio a página bem rápido. E então, essa vez, talvez...” Sua mão direita estendida para a frente se abaixa. Seus dedos reunidos como para o sinal da cruz pousam na página. A mão se levanta, se abaixa de novo... “Eu corrijo. Com a ponta Bic. Sempre. Tenho horror à caneta”. O braço pivota lentamente sobre o cotovelo, faz um semicírculo... “Coloco a página de lado. Deixo-a descansar. Não toco mais nela, é necessário esperar. Às vezes a decepção será terrível, às vezes não haverá nenhuma palavra para mudar.”

*lèvres molles qui se retroussent très haut, dénudant ses gencives... Oui. Il est bien certain que vous faites assez inadapté...*³⁵ (SARRAUTE, 1968. pp. 32 e 33)

Nos grifos conseguimos perceber a quantidade de verbos que se encontram no presente e que, portanto, conferem simultaneidade ao texto. Caracterizando desse modo, a expressão dos tropismos.

3.2.1.3 – Figuras de Linguagem

Sarraute se utiliza de várias figuras de linguagem ao longo do texto. Em momentos ela usa a concatenação de ações para evoluir com uma ideia até que essa seja completamente desvendada, como se percebe no texto grifado:

*Il perçoit en elle le petit crépitement familial : c'est cette paresse inquiétante, comme chez son oncle... il était si doué, et puis un beau jour il a coupé le fil du téléphone, il a jeté le chat par la fenêtre, il a fini lui-même par sauter...*³⁶(SARRAUTE, 1968. p. 24)

Na escrita Sarrautiana, há sempre a presença de metáforas animais (SOUSA, 2010), líquidas e que contrapõem figuras sólidas às vulneráveis.

« Ces écoutes microscopiques du langage, ou de ses virtualités, se tissent dans les métaphores liquides ou animales qui sont la marque de Sarraute et qui dessinent

³⁵ Tradução nossa: Ele está todo vermelho, emburrado, ele está tão desajeitado, tão embaraçado, não há nada a se fazer, ele não sabe jogar... há nele alguma coisa... Mas o que é? O que tem em mim, Madame, diga-me... É algo de que eu não me dou conta, é como um odor que os outros sentem... No entanto sou exatamente igual a eles. Exatamente igual. Apenas um pouco tímido. Talvez isso me leve a ser desajeitado. A ousar demais... Talvez é isso? É o senso do ridículo que deve estar faltando em mim... ajude-me, eu queria saber, só estou pedindo para me corrigir... Ela levanta os lábios moles que se arregaçam muito alto, descobrindo suas gengivas... Sim. É bastante certo que você faz muito inadaptado...

³⁶ Tradução nossa: Ele percebe nela o pequeno estalido familiar: é essa preguiça inquietante, como em seu tio... ele era tão talentoso, e depois um belo dia ele cortou o fio do telefone, jogou o gato pela janela, e acabou pulando ele mesmo...

*un univers fluide, sensible, dans lequel s'agitent des silhouettes qui ne sont plus que des porte-paroles*³⁷. » (*La littérature en France depuis 1968*. p169)

Note-se no exemplo a seguir que essa característica de Sarraute de usar metáforas líquidas e, por conseguinte, que remetam à ideia de algo mole, caracteriza o personagem como sensível, em contraposição a algo duro e conseqüentemente, rijo.

*Il incline vers elle son visage tout amolli par l'indulgence... elle a raison, cette petite, ne suis-je pas l'un des vôtres, n'ai-je pas votre forme, votre corps périssable, ne suis-je pas faible et seul comme vous, quand la nuit j'appelle?... ne vous ai-je pas montré — et elle a su le voir — que je peine et doute comme n'importe qui?... Des rayons fusent de ses yeux et la caressent. Il opine de la tête lentement... « Ah, vous aussi... »*³⁸ (SARRAUTE, 1968. p.8)

No exemplo a seguir, a agressividade é exposta através de uma metáfora animalesca. A proximidade traçada com os animais confere instintos primitivos ao personagem e, portanto, o caracteriza como um ser mais próximo à condição animalesca.

*Il voudrait s'échapper, mais elles se tiennent postées aux portes, elles gardent les issues. Il court de l'une à l'autre... elles avancent l'une vers l'autre, elles s'approchent de lui de chaque côté, elles le saisissent, elles se le renvoient, et lui, tout droit, ses bras le long du corps, il se fait inerte, un paquet qu'elles se jettent l'une à l'autre, qu'elles reçoivent, qu'elles repoussent... Je vous l'envoie... il fait inadapté... Je vous le renvoie... il fait prédestiné- Inadapté. Prédestiné. Inadapté. Leurs lèvres se retroussent au-dessus de leurs incisives écartées... le bout pointu de leurs doigts grassouilleaux aux ongles peints se redresse comme la queue d'un scorpion.*³⁹(SARRAUTE, 1968. pp.36 e 37)

³⁷ Tradução nossa: Essas escutas microscópicas da linguagem, ou de suas virtualidades, se tecem nas metáforas líquidas ou animalescas que são a marca de Sarraute e que desenham um universo fluido, sensível, no qual silhuetas que se movem não são mais do que porta-vozes.

³⁸ Tradução nossa: Ele inclina em direção a ela seu rosto bem amolecido pela indulgência... ela tem razão, essa pequena, não sou eu um de vocês, não tenho a sua forma, seu corpo perecível, não sou fraco e só como vocês, quando chamo à noite?... eu não mostrei a ela— e ela soube vê-lo — que eu soufr e tenho dúvidas como qualquer um?... Raios irrompem de seus olhos e a acariciam. Ele opina de cabeça lentamente... “Ah, você também...”

³⁹ Tradução nossa: Ele queria escapar, mas elas se mantêm postadas nas portas, elas guardam as saídas. Ele corre de uma a outra... elas avançam uma em direção a outra, se aproximam dele de cada lado, elas o

3.2.2 – Recursos Gráficos

Em *Entre la vie et la mort* muitos recursos gráficos são utilizados para substituir o não-dito, e através da observação desses recursos levantaremos algumas hipóteses para a função que eles desempenham. As informações apresentadas aqui estão conforme SOUSA (2010) e DUARTE (2007) e as nossas observações a partir dessas fontes.

3.2.2.1– Aspectos Gráficos

A disposição dos parágrafos no texto não tem um padrão, alguns são muito curtos com apenas três linhas e outros chegam a ocupar cinco páginas. Percebe-se que cada parágrafo apresenta uma ideia e que enquanto ela está sendo trabalhada, o parágrafo não é acabado. Podendo assim justificar essa disparidade de tamanhos, que se apresenta como um recurso presente na obra de Nathalie Sarraute.

Entre os parágrafos apresentam-se quatro tipos diferentes de espaçamento, alternando entre: momentos sem-espaçamento, espaçamentos simples, duplos ou triplos. Esses espaços podem ser observados como contra-tempos do texto ou mudanças de imagens. Observa-se que quando um parágrafo se inicia imediatamente após o anterior, a imagem que se segue não é assim tão díspar da que foi apresentada no parágrafo imediatamente anterior, e conforme esses espaçamentos aumentam há uma perceptível mudança no tempo cronológico dos acontecimentos ou uma mudança do foco das idéias expostas. Propomos a hipótese de que esses espaçamentos substituam os tempos verbais quanto à apresentação da cronologia das imagens apresentadas.

apanham, o fazem voltar, e ele, todo direito, seus braços ao longo do corpo, ele se faz inerte, um pacote que elas se jogam de uma a outra, que elas recebem, e jogam de novo... Eu o jogo para você... ele faz o inadaptado... eu o jogo de volta... ele faz o predestinado... Inadaptado. Predestinado. Inadaptado. Seus lábios arregaçam por cima de seus incisivos desvios... o fim pontiagudo de seus dedos gorduchos nas unhas pintadas se levantam como a calda de um escorpião.

Avec quelle encre invisible était-ce indiqué? Je n'ai vu qu'une feuille blanche sur laquelle j'ai tracé en toute sincérité... pourquoi aurais-je refusé? Chez nous on ne connaît pas ces fichiers, ces grades.. Je n'ai pas appris...

Il n'a pas appris. Voyez l'hypocrite, l'imposteur. Que vous disais-je? Il mérite cette tenue. Elle montre qu'il a été accepté sous toutes réserves. A titre provisoire. Parce qu'on a eu la bonté de céder à ses supplications. Vous faisiez enfant prédestiné. Jusqu'à nouvel ordre, puisque vous avez fourni tant de preuves... vous-même... C'était dangereux de vouloir soi-même prouver... En pareil cas, "faisiez" est ce qui convient. On ne reviendra pas là-dessus. Inutile de vous débattre, de protester. Vous faisiez enfant prédestiné.

"Faisiez." C'est tout ce que je peux pour vous. "Faisiez" est juste et décourage les imposteur. "Faisiez" indique que vous avez voulu remplir les conditions, que vous êtes venu vous soumettre à nos lois. "Faisiez", c'est tout ce que vous méritez, ne protestez pas. Vous faisiez – sans plus. Ça ne vous suffit donc pas?

Mais que veut-il enfin? Il veut – on a peine à croire à tant de prétention – il voudrait trôner, comme ça, sans autres preuves, sans plus d'efforts, parmi ceux qui sont admis sans réserve. "Faisiez" lui déplaît. Il "était", figurez-vous... L'insensé essayait de nous faire croire ça. Il veut être déjà parmi ceux qui arrachent, qui froissent et jettent, ceux qui ont le droit de raconter comment, pen-

20

dant que tout le monde dormait, ils se levaient et marchaient au clair de lune sur les bords des toits, raides dans leurs longues chemises blanches, parlant, récitant à voix haute, leurs yeux grands ouverts sur la nuit.

Notem-se nessa página os espaçamentos mencionados e o tamanho dos parágrafos. Aqui, temos apenas espaçamentos simples entre parágrafos, que mostram os contratempos das falas, nesse caso, breves.

3.2.2.2 – Pontuação

A pontuação do texto é apresentada conforme sua intenção comunicativa, e sua proposição no texto faz surgir uma nova forma de compor os períodos.

« Regarde donc ce qui arrive... regarde par la fenêtre... là-bas... ce cheval arrêté, tu vois, il ne peut plus avancer, la neige est trop épaisse, la route est barrée... regarde ce qu'il transporte. Moi je ne distingue pas bien. Qu'est-ce que c'est? — C'est un chargement de bois. Quel bois est-ce, crois-tu?... et il se prête à cela... comme le chat qui se tourne docilement quand on lui cherche ses puces, comme le chien à qui on arrache délicatement avec quelques poils les tiques incrustées dans sa peau... il se laisse faire... il sait que c'est pour son bien... — C'est du sapin ou du bouleau. — Tu en es sûr? Pourquoi? — Mais parce que ce sont les arbres qui poussent ici. C'est pour ça que toutes les maisons... — Tu te rappelles, tu disais : Quand je serai grand, je construirai des maisons hautes et étroites comme des tours... tu jouais aux constructions... tu crois que tu aimerais encore?... Il opine de la tête... Mais il faudrait, mon chéri, que ton calcul marche mieux... il faut être très fort, tu sais, pour construire des maisons, des ponts... Je parie que tu as oublié l'addition des fractions... Non, demande-moi, tu verras. » (SARRAUTE, 1968. p. 25)

“Olhe então o que está chegando... olhe pela janela... lá... o cavalo parado, consegue ver, ele não pode avançar mais, a neve está muito espessa, a estrada está bloqueada... olha o que ele está levando. Eu, eu não consigo distinguir bem. O que é?- É um carregamento de madeira. – Que madeira é essa, você sabe?... e ele se presta a isso... como o gato que se vira docilmente quando a gente procura pulgas nele, como o cachorro de quem a gente arranca delicadamente com alguns pêlos os carrapatos incrustados em sua pele... ele o deixa fazer... sabe que é para seu bem... - É abeto ou videoeiro. – Tem certeza? Por que? – Mas porque são as árvores que crescem aqui. É por isso que todas as casas... – Você se lembra, você dizia: Quando eu for grande, construirei casas altas e estreitas como torres... brincava de construções... você acredita que ainda gostava?... Ele opina de cabeça... Mas seria necessário, meu querido, que seu cálculo fosse melhor... tem que ser muito forte, você sabe, para construir casas, pontes... Aposto que esqueceu a adição das frações... – Não, me pergunte, você verá.”

Percebemos que o uso quase abusivo de reticências, aposiopeses, abre o espaço para o imaginário do leitor que é inserido no texto através desse recurso, para que ele possa

completar a ideia com suas conclusões. Os vãos apresentados no texto através das reticências possibilitam o preenchimento desse espaço por parte do leitor que interage diretamente com a obra.

Os travessões indicam o diálogo direto enquanto as aspas separaram a parte dos diálogos expressos, dos monólogos narrativizados . O leitor assim, nesse misto, procurará se situar e identificar onde há o monólogo e o diálogo.

4 – Tradução de *Entre la vie et la mort*

Ele balança a cabeça, franze as pálpebras, os lábios... “Não, definitivamente não, não dá.” Ele estende o braço, dobra-o... “Arranco a página”. Ele cerra o punho, depois seu braço se abaixa, a mão se abre... “Descarto. Pego outra folha. Bato. À máquina. Sempre. Nunca escrevo à mão. Releio...” Sua cabeça oscila de um lado a outro. Seus lábios fazem um beicinho... “Não e, não mais uma vez. Arranco. Amasso. Descarto. Assim três, quatro, dez vezes recomeço...” Ele dobra os lábios, franze as sobrancelhas, estende o braço, dobra-o, abaixa-o, cerra o punho.

E ela agora, sua companheira apagada, pouisa seu olhar ao longe, contempla uma imagem... “Todo o escritório está juncado pelas folhas”. Ela fala com uma voz muito doce, em um tom neutro... “Ele as joga no chão. Sai titubeando. Às vezes fica todo banhado de suor. Quando se fala com ele, não ouve.”

Seu braço é como uma vara metálica articulada que se desdobra e se redobra. Arranco. Amasso. Descarto. A vara se apóia, incrusta-se. O gesto repetido se grava. Ainda. Ainda e ainda. Pego uma nova folha. Seus dedos se agitam. Na página branca as palavras, as frases se formam. Milagre. Como a gente pode? É um grande mistério. Seu olhar corre pelas linhas, ele balança a cabeça. Não e ainda não. Assim, dia após dia peno. Às vezes acordo à noite, pergunto-me. Para que serve tantas lutas e esforços? Por que, meu Deus, por quê?

“Sim. Eu também”.O braço permanece dobrado, a cabeça se imobiliza. Todos os olhos se viram em direção a ela e se fixam. O que ela faz? O que dá nela?

A pobrezinha, como tem medo, ela enfia sua cabeça entre os ombros, queria se tornar invisível, não sabe o que aconteceu com ela... É o impulso sacrilégio, é a vertigem do escândalo, é a audácia dos tímidos, é o gosto do suicídio, é um acesso de furor falso, é a necessidade da destruição das crianças... Não, é um excesso de candura, a inocência de uma

alma muito pura... Eu também – simplesmente. Não somos nós todos iguais, todos semelhantes, irmãos? “Eu também, às vezes, como você, sobretudo à noite me pergunto...”

Ele inclina em direção a ela seu rosto bem amolecido pela indulgência... ela tem razão, essa pequena, não sou eu um de vocês, não tenho a sua forma, seu corpo precívél, não sou fraco e só como vocês, quando chamo à noite?... eu não mostrei a ela– e ela soube vê-lo – que eu sofro e tenho dúvidas como qualquer um?... Raios irrompem de seus olhos e a acariciam. Ele opina de cabeça lentamente... “Ah, você também...”

Ela avança o rosto morno no qual espraia um sorriso de idiota... ela realmente ignora as regras? Ninguém nunca as explicou a ela? Mas é verdade, são coisas que não se explica, a gente nunca precisou explicar essas coisas... quem fala delas?... tem que ser muito obtuso... não ter instinto, ser cego, atordoado, dizer tudo o que se passa pela cabeça... Agora ela começa a compreender, mas um pouco tarde, todos a olham e ele espera... vamos, já que ela também se pergunta à noite, já que ela também arranca e descarta - vejamos isso - é muito interessante... “Conte-nos...” Mas ela cora, balbucia... “Enfim não, não sei por que eu disse isso... não há nada que se compare... É verdade, quem sou eu, eu? Eu não sou nada... é bastante normal que eu me desespere... “Ela se afasta, regressa ao círculo.”

Mas agora eles entram na dança, o espetáculo é divertido demais... suas cabeças avançam, eles se inclinam, se olham... Há ainda alguém entre nós? Há alguém ainda, disfarçado aqui?... Olhos param em mim. “E você?” Me atiram. “Não se defenda. Nós sabemos. Vamos, diga. Confesse.” Empurram-me, me jogam na frente dele, caio aos seus pés... Ele me pega pelo queixo, levanta minha cabeça, esquadrinha meu rosto... “Mas é verdade, por que você nunca diz nada? E você, como você trabalha? Conte-nos um pouco disso...” Grunhi baixo: “Eu? Eu? Mas por que eu? O que lhe faz acreditar? Eu não tenho nada a dizer. Eu não apresento nenhum interesse. Não tem nenhuma importância. Não, eu lhes imploro, não façam pouco de mim...” Todo desganhado, alterado, me solto, procuro me refugiar entre eles.

Eis-me de novo um deles, um elo anônimo. Nossos olhos se fixam nele. Nossos olhares se firmam nele... “Continue. Diga-nos. Você já teria começado... Se não tivéssemos lhe interrompido... mas a gente perdeu bastante tempo... lhe suplicamos... Não nos faça languir...”

Ele se cala. Sob a pressão de nossos olhares ele se fecha em si, se adentra... É necessário esperar. Ele vai sair de novo, vir a nós... Ei-lo. Ele vem. Em nossa direção ele avança... “Eh bem, se vocês quiserem. Eu mesmo não sei nada disso... É uma história bizarra...” A gente diria que ele se divide, se desdobra. Uma metade dele próprio, delegada junto a nós, toma um lugar entre nós no círculo, conosco contempla à distância, interroga... juntos procuramos esclarecer o mistério, explicar o milagre. A outra metade permanecida no meio do círculo, se esforça como ela pode nos ajudar... “Vocês sabem, fiquei órfão muito cedo... uma criança única, sem pai. Nada amado e amado demais...” Mas balançamos a cabeça... “Isso basta? Quantas pessoas pelo mundo afora que foram crianças infelizes... veja, entre nós, aqui mesmo...” Ele o convém. Ainda procura... “Em mim dois sangue muito diferentes se misturaram... Minha mãe era sabóia. Tenho dela sangue italiano. Meu avô materno era pastor. Mesmo após seu casamento ele nada queria para deixar sua casa móvel. Foi necessário o nascimento de um segundo filho. Mas a minha mãe nasceu “na carroça” como a gente dizia. Meu pai era bretão. Mestiço com normando. De seu pai... a gente diz na família que pareço com ele... na sua juventude, tinha sido marmoreador. Conta-se que às vezes ele chegava a modificar as fórmulas que seu patrão o fazia gravar nos monumentos, sobre as lápides funerárias. Era muito alegre, adorava brincadeiras. Acreditava em almas do outro mundo, contava histórias de fantasmas...” Seu tenro olhar acariciava esses ínfimos pedaços de si próprio, essas lantejoulas que cintilam na terra cinza, já faziam pressentir o enorme jazigo... enquanto a metade que ele delegou entre nós, semelhante a nós, conosco medita em um silêncio perplexo... “Eram pessoas que trabalhavam duro, mas felizes por viver. Já eu, sou bastante ansioso. Sempre preocupado. Minha mãe já me dizia, quando via eu me isolar num canto: Mas o que é que você está ruminando?” Ele sorri escutando as ternas risadinhas, muito ligeiramente escandalizadas, que partem do círculo. “Ela tinha razão. Estava sempre ruminando. Às vezes bastava uma simples palavra... De uma certa palavra que disseram na minha frente, e tão logo eu partia... Por horas... – Oh por favor, diga-nos... Que palavras? Que espécie de palavras? – Bem, eu me lembro, veja, que um dia... Eu estava no pátio do recreio... Lia um livro inglês... aprendi inglês cedo... era um romance de Fenimore Cooper... um autor que eu adorava... Um professor se aproximou de mim, olhou por cima do meu ombro e me disse: Ei, você “faz” inglês. Essa palavra: faz... é como se ele tivesse me dado um golpe. Desde então, cada vez

que a escuto, empregada assim... Palavras como essa afundavam em mim. Me faziam mal. Seria necessário extraí-las e examiná-las. Elas revelavam um perigo... Uma presença inquietante. Sim, certas palavras. Ou certas formas de pronunciá-las... Mas eu penso que muitas crianças... ou mesmo muitos adultos... O que conta, veja você, eu acredito, é esse temperamento de labutador... Como meu avô. Mas eu sou um labutador triste. Nunca satisfeito. Mal dotado. O menos dotado de todos. Sim, perfeitamente. Não sorria, é verdade. Às vezes tenho a nostalgia de abandonar tudo. De trabalhar com minhas mãos. O operário de produção, o varredor de ruas, o controlador de metrô menos têm de se lastimar que eu. Nunca um momento de pausa. Tão logo que descanso, atormento-me: o que estou fazendo aqui? Deveria estar em minha mesa. E ei-me de novo em frente à máquina de escrever, batendo. E depois eu releio..."

Seu olhar desliza da esquerda para a direita, ele dobra os lábios, balança a cabeça... "E de novo não dá." Seu braço puxa, seu punho amassa... "Oh não, não era necessário... Que teríamos dado para recolher, para conservar piedosamente esses esboços... É tão precioso... Você deveria tê-los deixado conosco... Todos esses estados..." Ele sacode a cabeça. Não. Impossível... É necessário se resignar: só ele é o juiz. É a mais alta instância. A mais impiedosa de todas. "Pego uma nova folha branca." Seus dedos se agitam. As palavras se alinham. Como? Um ritmo na cabeça? Um arabesco que as palavras desenham? Sua cabeça vira da esquerda à direita... "Primeiro leio a página bem rápido. E então, essa vez, talvez..." Sua mão direita estendida para a frente se abaixa. Seus dedos reunidos como para o sinal da cruz pousam na página. A mão se levanta, se abaixa de novo... "Eu corrijo. Com a ponta Bic. Sempre. Tenho horror à caneta". O braço pivota lentamente sobre o cotovelo, faz um semicírculo... "Coloco a página de lado. Deixo-a descansar. Não toco mais nela, é necessário esperar. Às vezes, a decepção será terrível, às vezes não haverá nenhuma palavra para mudar."

Com ela, ele sente que não há nada a temer... de seu olhar nele fixado corre a confiança, e mesmo, é possível?... mas por que isso não seria possível, aqui, entre eles? a

admiração... Ele pode rejeitar as precauções mesquinhas, as artimanhas esgotantes... “Com você eu posso falar... A você posso dizer tudo... enfim... dizer é o que conta... Há em vocês um quê de generosidade..” Ela levanta a mão como para detê-lo, como se ele a tivesse assustado... “Mas vejamos, não se trata disso entre nós... Você me trouxe pelo menos tanto quanto... Lendo o seu texto, eu pensei: Eis o que a gente espera por meses, às vezes anos... –Sim, estava errado em falar de generosidade. A sua é de segundo grau, é essa que faz da palavra generosidade, pelo único fato da gente a utilizá-la, o signo da avareza... Me perdoe, eu me mostrei mesquinho...” Ela ri, ele sente em seu riso algo como ternura... “Não, você é louco... Mas é verdade, nunca me fale em generosidade. É uma palavra que não têm existência entre nós...” Como sob o efeito de um calmante, sob o efeito de um euforizante, tudo nele descontraí, tudo relaxa, amolece... todas as barreiras nele erguidas, todas essas cercas de arvoredos espinhosos, como aquelas que encerram os pequenos lotes de terrenos bretões, que dividem-no em pequenas parcelas bem fechadas e impedem aquele que ele deixou penetrar em uma delas, de ir aonde ele queira, desapareceram... ela pode entrar em qualquer lugar, tudo é dela, deles dois, que ela se instale onde quiser. Mas ela não tem de se instalar. Ela está aqui desde sempre, sempre viveu aqui, eles fazem apenas um... “ É surpreendente a que ponto me sinto próximo de você... Me parece que você entende tudo...até as menores nuances. Já lendo sua carta, eu senti... Eu a li e reli... Não conseguia acreditar que isso tenha podido acontecer, comigo... Uma resposta assim. Vinda de você! Você que é a primeira. A única. Eu nunca ousei... A ninguém... Seu julgamento... Nada mais conta. Eu sabia, ao lhe enviar, que arriscava tudo nada. – E eu, veja você, ao ler você, pensei, embora o que eu escreva seja tão diferente... – Oh... com certeza...” ele joga ligeiramente o torso para trás, parecendo assustado – um movimento que ele lamenta tão logo não ter podido reprimi-lo, é uma sequela da sua humildade passada... ou de seu orgulho... um reflexo condicionado por tantos anos de solidão, por um tão longo apagamento... “Lendo você, eu me dizia o tempo todo... é surpreendente como tudo isso me diz respeito... o que acontece, é que você e eu, nós falamos a mesma língua... – Sim, não é? A mesma língua. Isso é bom. Eu sempre senti... É bem por isso... Eu tinha mais medo ainda... Mas agora eu sei: você é... mais ainda do que eu não ousava esperar... você é daqui. Ela levanta as sobrancelhas para exprimir surpresa. Sim, é uma palavra minha que usava quando era criança. Havia para mim as daqui e as de lá... Era um tipo de segregação. As de

lá revelavam-se de repente, sempre sem darem conta, por qualquer coisa de indefinível que filtrava deles... uma exalação... Eu reconhecia isso logo. Voltando a pensar nisso, vejo que era sempre, justamente, como você dizia isto... isso ressudava das palavras que eles empregavam, de seu modo de pronunciar certas palavras... Essas palavras permitiam detectar a presença deles. Palavras que lá frequentemente são empregadas sem que ninguém achasse nada para repreendê-las... Mas mesmo alguém daqui ao escutá-las jamais ousaria... São coisas com as quais a gente não toca. Das quais a gente não fala. A gente recebe essas palavras sem resmungar, sem ousar fazer um movimento... – Que palavras? Diga-me, isso me interessa muito. – Bem, o verbo fazer, veja, por exemplo... Me preocupei muito com ele na minha infância... É um verbo rico de possibilidades... É uma arma de vários gumes... Ele produz às vezes agitações... As ondas repercutem muito longe... Lembro-me de uma carta de meu tio a minha mãe em que ele escreveu: “Faço uma pleurisia”. Essa palavra “faço” empregada assim... deixou-me desconfortável... não sabia o porquê... havia aí um tipo de submissão, uma passividade de objeto, uma humildade um pouco abjeta... E ao mesmo tempo alguma coisa que se espraia, que se chafurda... Faço uma pleurisia. Faço uma crise cardíaca... é como se a gente fosse forçado a tocar... eu não sei... Sentia uma repulsão, tinha vontade de me afastar... Sempre sentia isso quando alguém de lá se revela assim por uma dessas palavras. São signos que não enganam. É estranho, se a gente falasse disso a eles, àqueles de lá, a gente teria que explicar isso a eles, nunca poderiam compreender...” Ela esquadrinha seu rosto. Seu olhar é atento e grave... “Ou talvez eles fariam de conta de não entender. As pessoas são talvez menos diferentes em relação ao que você acredita... que você tenha acreditado, quando era criança... – Sim, às vezes agora eu digo a mim que eles não querem... talvez porque eles estejam receosos, ou um pouco preguiçosos, ou humildes... Eles não ousam se fiar em suas próprias sensações, apenas dão o direito de existir àqueles que os mostramos, àqueles que eles conhecem, reconhecem, classificam... E como ninguém nunca lhes falou disso... Ninguém nunca lhes pediu para não empregarem essa palavra, nem explicaram porquê... Teria sido necessário que essa palavra tivesse machucado alguém, que eles sabem que essas feridas merecem ser consideradas com respeito... teria sido necessário para que eles se deixassem persuadir que Baudelaire, por exemplo, tenha sido machucado por essa palavra aí e que a tenha dito em um poema, ou mesmo em suas cadernetas íntimas... mesmo em uma carta, isso teria sido

suficiente... Mas quando não há nenhuma referência... – Sim. Compreendo... Mas que idade você tinha quando pensava tudo isso?- Oh, eu não sei... ainda era pequeno... talvez sete ou oito anos... – Eu era nessa idade um verdadeiro bebê... Ela sorriu ternamente, contempla uma imagem de si mesma... Brincava de boneca. As palavras para mim, nessa idade... – Oh! Você deve ter esquecido... É a idade em que as palavras são brinquedos... a gente abre, quebra... quer ver o que tem dentro... – Você brincava muito nisso? – Sim, era uma verdadeira mania...” Aqui entre eles não há indiscrição, nem reserva, nem falsa modéstia, nenhum pudor... Aqui tudo é pura espontaneidade, ímpeto, liberdade perfeita de cada movimento... abandono... desconfiança confiante... “Acredito mesmo que isso começou antes, desde o início da minha infância. Meu leito ainda tinha grades... Eu me lembro... Sentado à noite em meu leito eu brincava com as palavras... Elas tomavam todos os tipos de formas... Durante horas que eu as pronunciava, com todos os tipos de entonação... Mais tarde eu tive períodos ocupados por uma só palavra... Havia uma, eu me lembro... ele sente em seu próprio rosto um sorriso tenro, sua voz amolece, molha... A palavra herói... arauto clarinando... erra auto... um monge errante na montanha...” Ela se debruça pra a frente... seus olhos claros com pupilas dilatadas ficaram transparentes... no fundo uma pequena luz vacila... “Ah sim. Vejo. Era, tudo isso... Sim, isso fazia... você fazia realmente a criança predestinada.”

Olhe-o. Eu o trouxe de volta. Capturado ao longo de uma breve pilhagem. Nada mais fácil. Eles pedem no fundo para serem pegos. Eles vêm se entregar sozinhos... Coquetes... ostentando seus charmes... Cativas consencientes que esperam em segredo se tornar a esposa do rei.

Agora a gente tem medo, treme, queria voltar para casa... Como alguém foi capaz de se deixar cegar ao ponto de se colocar à mercê desses brutos bárbaros? Perder todo pudor? Se comprometer assim, tornar-se um canalha?

Veja esses olhares de aflição que o pobrezinho lança de soslaio em torno dele. Se ele ousasse taparia o nariz. Os miasmas que nós exalamos o incomodam. Ele é tão delicado...

Mas é tarde demais. A gente pegou ele. Bem feito. Ele estava rondando por aí, procurando chamar nossa atenção, esperando que a gente o ajudasse a cruzar nossas linhas. Ele mostra suas façanhas. Pensou que bastaria desertar para que a gente tão logo lhe propusesse aqui um posto de comando.

Mas não pode ser questão disso. Eis seus documentos. Você vai servir aqui na posição de aspirante. Já está bom. A encarregada da distribuição das roupas em uma só olhada vê o que lhe serve. Não é o primeiro nesse caso, ela vê tantos. Ele está despido, lhe entregam as roupas de baixo, fazem parte do traje regulamentar. Obrigam-no a endossar seu uniforme.

Não, isso não. Eu não quero... isso não... Dá meia volta, se desabotoa, arranca suas roupas... Não, eu não briguei por nada... Eu apenas respondi honestamente quando você me interrogou... Não sonhei nem por um instante... Eu não queria, por nada no mundo... deixe-me ir embora, voltar para casa... Fui atraído para uma armadilha... Ele dá gritos lamentáveis.

Você não queria? Sério? Você não sabia o que dizia? Quer fingir isso? Você não sabia de jeito nenhum o que significavam suas respostas. Você não pretendia nada quando preencheu as fichas, cumpriu as formalidades. Você não quis mostrar que era digno de figurar entre elas, hein, as crianças predestinadas? Vai ousar negá-las? – Não, não pensava nisso, nem sabia que eram fichas. Com qual tinta invisível isso estava indicado? Só vi uma folha branca na qual tracei com toda sinceridade... por que eu teria recusado? Aqui, a gente não conhece esses arquivos, essas patentes... Não aprendi...

Não aprendeu. Veja o hipócrita, o impostor. Que lhes dizia? Ele merece esse traje. Mostra que ele foi aceito sob ressalva. A título provisório. Porque a gente teve a bondade de ceder a seus suplícios. Você fazia a criança predestinada. Até nova ordem, já que você forneceu tantas provas... você mesmo... Era perigoso querer você mesmo provar... Em tal caso “fazia” é o que convém. A gente não voltará lá. Inútil você debater, protestar. Você fazia a criança predestinada.

“Fazia” é tudo que eu posso por você. “Fazia” é justo e desencoraja os impostores. “Fazia” indica que você queria preencher as condições, que veio se submeter a nossas leis. “Fazia”, é tudo o que você merece, não proteste. Você fazia – sem mais. Então não é o suficiente para você?

Mas o que ele quer afinal? Ele quer – mal dá para acreditar em tanta pretensão - ele queria tronar, desse modo, sem outras provas, sem mais esforços, entre aqueles que são aceitos sem ressalvas. “Fazia” o desagrada. Ele “era”, imagine você... O insensato tentava nos fazer acreditar nisso. Ele já quer estar entre aqueles que arrancam, que amassam e descartam, aqueles que têm o direito de contar como, enquanto todo mundo dormia, eles se levantavam e caminhavam à luz da lua pelas beiradas dos telhados, duros em suas longas camisas brancas, falando, recitando em voz alta, seus olhos bem abertos sobre a noite.

Hérault, arauto, herói, área alta, erra alto, R.O., ritmado no barulho do trem correndo pelas pálidas planícies planas. As imagens surgem uma após outra, tiradas de sua coleção...

Hérault... o chifre lilás de contornos frouxos se estende ao longo do mar azul. Sua ponta estreita, encurvada, engastada no Aude amarelo. No seu recôndito estão inseridos o Tarn laranja, o Aveyron verde. O Gard rosa bloqueia a abertura do chifre...

Arauto... Avança lentamente bem reto sobre seu cavalo encarapuçado. Usando seu capacete heráldico, revestido da dalmática de veludo violeta. Segura em sua mão o caduceu. Seus cavaleiros o seguem. Tudo mexe e cintila, as bandeiras, os estandartes, a seda, os bordados de prata e ouro, as jóias, as peles, o cobre das trombetas, o aço das armas...

Herói... Ele está deitado de costas sob o céu escuro cheio de estrelas. Seu braço direito está dobrado. Sua mão enrijecida cerra a haste da bandeira rasgada que cobre seu rosto e a parte de cima de sua roupa branca...

Área alta... o nevoeiro se afasta e descobre o ninho da águia num recôndito do rochedo a pique. Bem embaixo, no vale, as casas são minúsculos cubos brancos e cinzas...

O seguinte: Erra alto... Eis o monge em seu hábito de lã crua. O vento que sopra através da montanha agita seus cabelos. Ele caminha a passos largos. Seus pés descalços pisam a grama rala, as curtas flores violetas, amarelas, brancas...

R. O... R, sobre suas patas afastadas de buldogue espera. O, o círculo está fechado. Tudo se fecha e a gente recomeça...

Hérault... O ramo imóvel do pinheiro se estende em cima da marquise recoberto por telhas arredondadas laranja e rosas. Elas descem como ladeiras, suas pequenas abóbadas se encaixam umas nas outras. Nas ranhuras, entre as fileiras, há rastros e agulhas de pinheiro amareladas, algumas pinhas...

Arauto... – Mas o que você está resmungando há uma hora? Está falando sozinho. Você não vê nada. No entanto é tão bonito. Quantas crianças estariam felizes de poder fazer uma viagem como essa. Mas você não vê nada. Eu te disse isso muitas vezes: o fundamental é ser capaz da atenção, de possuir o dom da observação. No entanto ele é tão aguçado na sua idade. Mas você está sempre voltado pra dentro, ruminando. Diga-me, meu querido, você tem de novo suas “idéias”? Seus medos?- Não. Isso não... Mas isso mexe em minha cabeça... São apenas palavras... Elas giram no barulho do trem... – Veja, estão derrubando as árvores. Aqui todas as casas são de madeira, tinha reparado? mesmo as igrejas... as florestas são uma das grandes riquezas dessas regiões. A gente deveria ter ensinado isso nas aulas de geografia... É igual em todos os países do Norte, você vai ver, também iremos um dia à Suécia... à Finlândia...

Ele percebe nela o pequeno estalido familiar: é essa preguiça inquietante, como em seu tio... ele era tão talentoso, e depois um belo dia ele cortou o fio do telefone, jogou o gato pela janela, e acabou pulando ele mesmo... agora ele erra... erram alto, não, isso não, acabou, páre... formas brancas avançam entre as cruces e os ciprestes... escondem-no, cobrem-no esse quadro, ali, sobre o muro... não posso mais deixar de observá-lo... acorde, é um pesadelo, como você dá uma de criança nervosa... veja... A pálida planície se estende

sem fim com bosques de bétulas, com abetos cobertos de neve... braços de fantasmas se estendem... onde estamos sendo levados? quero voltar, pare... mas não grite assim, está cansado, isso não me surpreende, a viagem é tão longa, feche os olhos, isso te descansará... a procissão de monges com cabeça coberta por capuzes brancos avança lentamente... herói deitado sobre as costas no caixão coberto pelo lençol mortuário, cercado por círios.... Hérault... você não conhece suas subprefeituras... erra alto... mas você está resmungando de novo, isso volta...

Hérault, arauto, heróis, área alta, erra alto, R.O... o barulho do trem agarra-se nisso, o barulho ritmado das rodas vai arrastar isso por horas, as imagens se sucedem cada vez mais rápido... tão logo a palavra é pronunciada, a imagem aparece... as palavras uma de cada vez as levantam, as saem, a gente pode invertê-las sem abrandar seu movimento ritmado pelo barulho das rodas... Ele não tem mais controle sobre elas... ele não pode mais pará-las... é como roer unhas, tirar as melecas de seu nariz, chupar o dedo... como os comichões que provocam as erupções, a agitação monótona que provoca a febre... ela se inclina sobre ele, passa seus dedos sobre sua testa, apalpa o suor de seu pescoço, o pega pelos ombros, o força a se sentar bem ereto e mostra a ele: “Olhe então o que está chegando... olhe pela janela... lá... o cavalo parado, consegue ver, ele não pode avançar mais, a neve está muito espessa, a estrada está bloqueada... olha o que ele está levando. Eu, eu não consigo distinguir bem. O que é?- É um carregamento de madeira. – Que madeira é essa, você sabe?... e ele se presta a isso... como o gato que se vira docilmente quando a gente procura pulgas nele, como o cachorro de quem a gente arranca delicadamente com alguns pêlos os carrapatos incrustados em sua pele... ele o deixa fazer... sabe que é para seu bem... - É abeto ou videiro. – Tem certeza? Por quê? – Mas porque são as árvores que crescem aqui. É por isso que todas as casas... – Você se lembra, você dizia: Quando eu for grande, construirei casas altas e estreitas como torres... brincava de construções... você acredita que ainda gostava?... Ele opina de cabeça... Mas seria necessário, meu querido, que seu cálculo fosse melhor... tem que ser muito forte, você sabe, para construir casas, pontes... Aposto que esqueceu a adição das frações... – Não! Me pergunte, você verá.”

Ei-lo ele limpo, aliviado... agora só isso... “Ouvi-lo imediatamente...” ele se retrai ligeiramente... ela se inclina, vamos, um pouco de paciência e isso terá acabado... “Você

repetia uma palavra... – Oh não, não era nada. - Era. Me diga. O que era? Você parecia tão absorto...” É necessário ser razoável, é para seu bem... deixe que lhe faça... “Eu repetia o nome de um departamento. Hérault – Ah é isso... às vezes você dizia Héraullte... em ortografia você é muito forte. Você ainda se lembra das capitais e das subprefeituras? – Sim. Hérault, capital Montpellier, subprefeituras: Sete, Béziers... – Bravo. E o que tem ao redor? – Ao redor... ele se sente feliz, quieto como se estivesse procurando em um quebra-cabeça o lugar de um fragmento... agora basta apoiar com a palma da mão para fazê-lo entrar e ele vai se encaixar... Ao redor: primeiro embaixo o mar... – Qual mar? – O Mediterrâneo. O golfo do Leão. E depois, da esquerda para a direita, ou melhor, do oeste para o leste: Aude, Tarn, Aveyron, Gard.”

O que você ainda está ruminando? antes, olhe pela janela como é bonito, olhe as pequenas casas... na sua idade, eu podia permanecer na frente delas durante horas, meu coração derretia... essas janelas ornamentadas... como rendas, olhe essas lindas cores... e todos esses vasos de flores, essas cortinas brancas... é como nas casas de contos de fadas... essa aqui... está vendo? Você se lembra daquela sobre três pés de galinha? é ela... não acredita?...

Venha ver os coelhinhos, não tenha medo, estique sua mão, é macio, não é? a gente diria que parecia seda... acaricie eles... ali... como é macio... E esses cordeiros recém nascidos, está vendo, suas patas ainda são moles, eles titubeiam... essa pena, é bonita, tem razão, é necessário guardá-la... e esse marrom, como sua pele é lisa... veja, sinta essa espuma... se você fechar os olhos, poderá sentir melhor o cheiro... é de um frescor... olhe as sombras dos galhos que se refletem na água, a gente os vê tremer... e essas folhas de todas as cores, essas flores, essas nascentes, essa grama, essas pedras, essas cascas de árvores...

Ondas que ela emite... uma correnteza vinda dela o atravessa, o faz estender a mão e levá-la para passear sobre a pele dos coelhos, sobre a penugem dos pintinhos, sobre a cabeça felpuda dos cordeiros, sobre a pele seca e morna da planta das patas dos gatinhos, dos cachorrinhos, sobre rebentos pegajosos ou cobertos por pêlos macios, sobre as penas, sobre as pétalas, o faz levantar os olhos em direção às nuvens, ao céu, aos cumes das árvores, o faz se inclinar para apanhar folhas mortas e trazê-las a ele, as colocar sobre sua

roupa, entre seus joelhos afastados, e esperar... ela vai lhe dizer: como elas são belas... veja essas cores... púrpura, cobre, dourado, fulvo, laranja, vermelho vivo...

“Olhe o que eu faço. De uma só palavra eu posso fazer aparecer imagens de todos os tipos. A gente pode variá-las... – De quais palavras, meu querido? – Por exemplo, da palavra Hérault... Ela dá muitas.. basta pronunciá-la, a imagem sai. Hérault... e trago da casa da Tia-avó. Arauto... um arauto avança pela estrada, em direção ao castelo fortificado... Herói... um oficial em uma farda branca... grita, se lança, seus homens o seguem... Área alta... a gente bate o trigo no alto de um planalto, a palhinha voa, os burros e os cavalos se mexem... Erra alto... uma cordada perdida na tempestade de neve... e por fim R.O. E pááá, tudo pára. É como um bolo de cartas, que a gente espalhou e fechou – Mas como é divertido. Mas você sabe, me parece que falta algum. É, e aqui tem outros, vou te dar alguns. Você tem Ar alto... Uma bela princesa que desce orgulhosamente os degraus de mármore rosa de seu palácio. Ela se mantém cabeça alta. Os cortesãos se inclinam a sua passagem. Ela olha longe com um ar pensativo... E ainda Ar, oh... Um moribundo sobre seu leito com dossel... Seria um dossel de sarja, cor púrpura... o homem palpita, pulsa, seus lábios se entreabrem, ele pronuncia dificilmente: ar... e depois sua cabeça volta a cair, ele dá seu último suspiro: Oh... Também há Ar. Água. Tinha pensado nessa?

- Não. R.O. agora. Rrrrr.... o grande buldogue se mantém sobre suas patas afastadas... sua bocarra está completamente aberta, atenção, ele vai te morder, ele se joga sobre você, todas suas presas para frente, ouoh, ouoh, ouoh. Não, vá, não tenha medo. Aqui O. Tudo está anulado. Zero.

- Em que você está pensando, meu querido? Você está aí todo encolhido... Você está resmungando como o seu velho avô... –Não estou resmungando... – Sim, eu lhe ouvi, você estava falando de um herói... Estava contando histórias a você mesmo... – Não. Não era nada. Eram apenas palavras.

Ela espera, se estica, se abre para absorver, saboreia o antegosto do que ele vai lhe lançar: os contos de fada, os países das maravilhas, as lutas dos cavaleiros, os exploradores

descendo com suas jangadas, os rios infestados de répteis, marchando na savana, na selva onde eles espreitam os selvagens com cabeças emplumadas, com faces manchadas, percorrendo as extensões geladas sobre os trenós acoplados a renas, cachorros, dormindo sob as árvores, sob a tenda, nos iglus... ela vai abocanhar isso, engoli-lo... e ele joga a ela apenas esse osso ressecado, redondo, liso, nu... nem mesmo um pequeno naco comestível em cima que ela pudesse arrancar, que ela pudesse lambe... Nada. Apenas palavras.

Palavras... Oh meu querido... ele disse: “palavras...” em sua inocência, em sua candura, com esse pudor, ele disse isso: não, não é nada, são apenas palavras...

Apenas palavras... para ela, isso pôde acontecer... Todas essas esperanças, todas essas premonições enquanto ela o carregava, esse pressentimento, essa certeza, esse orgulho quando a gente o mostrou a ela, quando, o colocou em seus braços... Isso parecia insensato... Mas quem disse que são sempre os loucos que vencem? Não havia a menor razão de acreditar que ela entre todas, um dia seria visitada. Bem que houve, na família, um tio-avô violinista, uma avó que havia tido um diário durante sua viagem às Índias... trechos dele haviam sido publicados na *Gazette du Poitou*... Mas daí a ousar pensar... Era loucura. E eis que isso se realizou... é possível?... Apenas palavras...

O malvado, o pequeno perverso que sente prazer ao fazê-la sofrer, ele queria repeli-la, tentou decepcioná-la, acreditou que poderia enganá-la quando deixou cair isso de sua boca aborrecida, com seu ar de pequeno bruto carrancudo... Não, não é nada. São apenas palavras.

“Palavras... Ele repete palavras a ele mesmo. Ele brinca com palavras... e no entanto a gente nunca lhe diz nada para o impulsionar, a gente evita encorajá-lo, essas coisas assim devem vir naturalmente, e as crianças são tão espertas, elas sentem tão bem admiração pelos adultos, elas são tão cômicas... Eu sabia que ele tem muita imaginação, seus deveres de francês já são tão bem feitos, mas você tem razão... todas as crianças... eu sabia que isso não significava nada. Eu via seus lábios mexerem, ele fala consigo mesmo por horas... eu pensava que ele contava histórias a si mesmo... eu sei, é o que fazem todas as crianças... com certeza, ele é particularmente sensível... ele ainda era muito pequeno quando fechava

os olhos para fungar o musgo, a grama cortada, ele ficava com o ar extasiado... ele amava passar sua mão sobre a casca das árvores, ele recolhia as folhas do outono, as juntava e ficava lá sem mexer, contemplando-as... mas isso... sei o que você me dirá... somente você confessará... você sabe bem que as palavras... as palavras sozinhas, por elas próprias, com seu aspecto, seu peso, seus bruxuleios, suas ressonâncias... ele passa horas virando-as e revirando-as... é necessário ver por vezes seu ar quase embasbacado... – Sim, as cabeças com contrição se inclinam, é necessário dizer que esse fraco apenas pelas palavras... há ali provavelmente, de fato, um signo...”

Ele sente seus olhares que o triscam de leve, como se dirigindo a outro lugar, percebe seus cochichos, nem mesmo seus cochichos, conhece essas trocas mudas entre eles... enquanto que ela o empurra na frente dela...

Ninguém dá um centavo a nenhum dos outros, daqueles que arrecadam, segurando em suas mãos as folhas do outono, dos brotos, dos gatinhos, esticando as imagens dos arautos, dos monges, dos ninhos de águia, dos pinheiros guarda-sol, das marquises... mas ela depositou na caneca que ele estendeu a eles alguma coisa que os incitaria a se mostrar generosos... uma bela moeda de dinheiro... Apenas palavras... Os dedos mexem nos bolsos, nas bolsas... Aí. Tome: “É um dos sinais... um dos que contam...” “ Se há alguma coisa que distingue um escritor, é realmente isso.” Esse abre sua mão cheia: “ Um poeta não é, como a gente acredita, aquele que sabe melhor do que os outros enxergar a terra e o céu, escutar o barulho do mar, no chilrar das nascentes e dos pássaros, um poeta, você será um, meu pequeno amigo – as peças tocam, ela o cumprimenta baixinho – um poeta, dizem que é verdade, é aquele que sabe fabricar um poema com palavras.”

Saiu contra sua vontade: a primeira palavra veio. Ele sabia que não era a palavra que convinha, ele agarrou desastrosamente essa no lugar de outra, ele é tão desajeitado, seus reflexos são tão lentos, ele perdeu a cabeça quando eles vieram chamá-lo para se juntar a eles... isso nunca acontece... eles sem dúvida precisavam de um jogador para completar o time... qualquer um deveria recusar no último momento... ele sabia disso, mas ele estava

como varrido, uma onda de felicidade rebentou nele e o derrubou, ele se agarrou a qualquer coisa, a essa palavra...

Ele foi muito desvolto, era como um jogador que vê a qualquer momento aparecer na frente dele um grande monte de moedas de ouro e que confiante em sua sorte enfrenta-o inteiro para um novo número... Ele pegou essa palavra, a qual eles usam, e como se a palavra pertencesse também a ele, como se ele tivesse se tornado semelhante aos outros, um dentre eles, descuidadamente ele a apresentou na frente deles... “O que ele disse?” Seus risos rebentam...

Ele está todo vermelho, emburrado, ele está tão desajeitado, tão embaraçado, não há nada a se fazer, ele não sabe jogar... há nele alguma coisa... Mas o que é? O que tem em mim, Madame, diga-me... É algo de que eu não me dou conta, é como um odor que os outros sentem... No entanto sou exatamente igual a eles. Exatamente igual. Apenas um pouco tímido. Talvez isso me leve a ser desajeitado. A ousar demais... Talvez é isso? É o senso do ridículo que deve estar faltando em mim... ajude-me, eu queria saber, só estou pedindo para me corrigir... Ela levanta os lábios moles que se arreganham muito alto, descobrindo suas gengivas... Sim. É bastante certo que você faz muito inadaptado...

Estou perdido, tenho medo, estou sozinho no campo inimigo... sem defesa... me proteja, fui deixado em uma região da qual ignoro os costumes, as leis... há ali um mistério... uma ameaça escondida... ninguém quer me esclarecer... – É verdade, você não sabe. No entanto são coisas que a gente sabe de nascença. Isso não se aprende. Ou antes, a gente aprende isso naturalmente, sem estar consciente disso, como a gente aprende a ficar de pé ou a falar. Mas você, é verdade, você faz inadaptado.

Eles são como duendes, gnomos maliciosos... eles rolam no chão, pulam com os pés juntos das camas, das cadeiras, eles se jogam um sobre o outro sem razão e se batem... todos os seus gestos têm um ar desordenado, distraído, um pouco perdido... eles os interrompem sem pausa como levados por não se sabe qual brusca impulsão, qual onda de

desejo tão logo esquecido... eles escorregam, se balançam, sobem, se enlaçam, se dão empurrões, têm risos loucos, sorrisos... eles sabem o que os provocou sem se dizer nada ou talvez haja entre eles uma linguagem que somente eles percebem, signos entre eles, que ele não conhece... Eles se aglutinam num instante, se abraçam, se dizem palavras baixinho... eles morrem de rir, se acotovelam...

Seus olhares deslizam sobre ele como se não o vissem, eles parecem não sentir sua presença, não perceber que ele está lá todo tenso na frente deles, os olhos fixos neles, observando todos seus movimentos, fixados ali na frente deles como em frente a uma jaula de macacos, um ninho de cobras... A gente se sente, não é, tão diferente... todo orgulhoso de sê-lo e ao mesmo tempo a gente adoraria ver bem seu corpo flexível que eles dobram, desdobram, rolam, jogam, sua alegria, sua despreocupação... É bem conhecido, tudo isso, é velho como o mundo, isso está descrito há muito tempo, está há muito tempo classificado... Elas levam em suas mãos um pouco inchadas... os anéis afundados na carne mole dos dedos formando rolinhos... as pontas dos dedos gorduchos com unhas de um vermelho vivo se levantam ligeiramente... há aí alguma coisa repugnante que dá vontade de desviar os olhos... elas seguram entre seus dedos o caderno onde elas inscrevem após cada nome suas observações... esse aqui... é muito característico... tem todos os signos: embaraço, timidez, sentimento de ser diferente, superior... – Oh não, Madame, não é isso... – Sim, claro, a gente conhece tudo isso, meu pequeno amigo, a gente estudou há muito tempo a composição dessa mistura, é feita de desprezo, de nostalgia, de inveja, da impressão de ser incompreendido, desprezado, da aflição misturada à volúpia, de um sentimento orgulhoso de solidão... São, sem dúvida, sintomas característicos... A notar: fato inadaptado. Fato predestinado.

São como ele, todos iguais a ele, ele tem certeza disso, eles devem ser sensíveis à direita, à simplicidade, basta se aproximar deles, se misturar a eles como se não fosse nada, como se a gente fosse um deles, e lhes dizer com o jeito mais natural, sem antes se encolher nem mesmo um pouquinho... eles percebem certamente como ele o mais fraco movimento e imediatamente na sua vez se retraem... é necessário ter coragem de olhá-los nos olhos e perguntar-lhes: “Que palavra você disse? Eu não ouvi direito...”

Eles pulam no ar, levados por uma excitação alegre, fazem esforços para tentar, entre duas explosões de riso, pronunciar: “A gente disse... – Mas ele não sabe o que é... – Sua mãe não lhe explicou, ele precisava perguntá-la... – Oh não, ela ralharia com ele...” eles balançam a cabeça, esbugalham os olhos, franzem os lábios... “Oh, o que você está falando aí? Quem lhe ensinou essa palavra, meu querido?”

Eles sabem fazer tudo isso muito cedo, por instinto, como os cachorros pastores novinhos que sabem fazer desde cedo as ovelhas entrarem nos recintos. Eles são desde sua jovem idade bons pequenos proprietários que levantam e têm em dia seu inventário. Eles sabem agarrar habilmente todas as palavras que passam ao seu alcance e grudá-las sobre o que eles encontram em volta deles... tecer com essas palavras uma rede cada vez mais apertada que cobrirá inteiramente suas posses, dela não deixará fora nenhuma parcela.

Nada pode se esquivar de seu olhar vigilante. Sobre esse que mexe nos recantos sombrios, estremece, treme, se esquiva,... informa, mole, vagamente inquietante,... nesse que ressuda, corre, sangra, palpita, eles lançam essas palavras... eles as plantam dentro... nada os repugna, nada os amedronta, eles arpeiam isso e a atiram neles... eles olham isso, estendido em seus pés... como uma carniça grotescamente estendida nas costas, a barriga aberta, as patas afastadas, como a pele sangrenta, reluzente, arroxeadas os bichos frescamente esfolados... isso se resseca e endurece ao sol.

Eis a palavra, pois ele a quer, eles o jogam desdenhosamente, pois ele mesmo não soube apropriar-se dela, se servir dela... tudo passa ao seu alcance sem que ele estenda a mão... ele está sempre devaneando Deus sabe o que, sempre na lua, perdido nas nuvens... ah esses poetas... que ele então a leve, ei-la.

Ele a agarra – qualquer coisa dura, pontiaguda, cortante – ele a lança, fecha os olhos para não ver a carne viva onde a palavra se adentra que se abre, palpita, sangra, se debate... ele puxa para si, mas nada vem, a palavra sem ter nada agarrado volta a ele: um objeto grosseiro, horrendo, como aqueles que a gente ganha nas loterias das feiras... ele o olha perplexo, embaraçado, ele não sabe onde colocá-lo, o que fazer com ele... Ele cora, como ele é engraçado, olhem-o, ele é perfeito... de fato feito sob medida... Tão intacto, é um signo bem conhecido, tão gabado desde sempre, essa inocência, essa famosa candura...

Ele queria escapar, mas elas se mantêm postadas nas portas, elas guardam as saídas. Ele corre de uma a outra... elas avançam uma em direção a outra, se aproximam dele de cada lado, elas o apanham, o fazem voltar, e ele, todo direito, seus braços ao longo do corpo, ele se faz inerte, um pacote que elas se jogam de uma a outra, que elas recebem, e jogam de novo... Eu o jogo para você... ele faz o inadaptado... eu o jogo de volta... ele faz o predestinado... Inadaptado. Predestinado. Inadaptado. Seus lábios arregaçam por cima de seus incisivos desvios... o fim pontiagudo de seus dedos gorduchos nas unhas pintadas se levantam como a calda de um escorpião.

Impossível fazer um movimento para se afastar, deixar aparecer a repugnância. Mesmo aqueles que lhe são mais próximos, aqueles que ele diz que estão ao seu lado, que são daqui, o olhariam com severidade... O que ele tem? O que está lhe incomodando? Eu prefiro o acento popular. Gosto da sua familiaridade um pouco atrevida... seu desleixo tão bom menino... Não me diga que você ainda é, assim como os ingleses, que julgam as pessoas pelo seu acento... Mesmo na Inglaterra, hoje, essas formas... Mas aqui, em nossa casa, a gente não tem esses desgostos... a gente não se permite, sobre tais signos, estabelecer hierarquias, pronunciar exclusões... É você que merece ser colocado no banimento, excluído...

Humildemente ele tenta se corrigir. Eles têm razão, tem de haver nesse desgosto alguma coisa esquisita, alguma coisa inconfessável. É necessário arrancar isso em si, é necessário destruir, se mortificar... Que as moles vogais arrastando livremente se estendem... A maaaala... É necessário atravessá-las sem parar, pular através delas sem respirar, entupindo o nariz, e olhar o que está lá, por trás... e eis... a gente vê seu couro de um grão fino, enovelado, lustrado, o clarão dourado das suas ferradas de cobre, seu espesso punho arredondado, liso ao tocar... As fériaaaas... e eis entre os rochedos as enseadas de esmeralda, a água transparente onde tremem as melancias de uma areia intacta... os cumes imóveis de pinheiros, os sóis vermelhos, os raios verdes... “Sim, as férias logo... Eu só amo o Midi, o mar morno... E você? Onde você vai esse ano?”

Mas a gente não pode se mandar assim tão fácil. As moles vogais engordadas impiedosamente sobre ele se espraíam, se estendem, se enrolam... Essas fériaas... a curta consoante final traz um breve sossego, e depois a gente vai recomçar... o soool... ooo maaar... o líquido dos vestígios insossos que vomitam o aspargo...

Não se mexer. Nem um gesto mesmo furtivo para se secar. Somente depois, quando o suplício cessou, ele não pode mais se conter, ele precisa custe o que custar se assegurar de que não está só, que outros, como ele foram torturados, ele deve obrigá-los com cuidado confessar, a unir-se a ele... “Você percebeu seu acento?... Não, não acredite, não tenho nada, lhe asseguro, contra um acento um pouco gozado... É por vezes encantador, bom menino, cintilante... ele tem um tipo de frescor ácido... Tenho um amigo, um verdadeiro típico parisiense... Mas aqui você sente bem que há alguma coisa particular... alguma coisa pesada, pressionada... como uma violência falsa, uma agressão... É como se a gente passeasse sobre vocês...”

E eles, como a gente cobre de sal para absorver a mancha de vinho vilã que um desastrado fez sobre a toalha branca, eles tão logo se apressam em jogar lá em cima palavras que vão reabsorver isso... “Saído de um meio modesto. O mérito é muito maior.” Depressa, eles jogam sobre aquela poça de alcatrão pegajoso que estendeu na frente deles algumas pazadas de areia... “Complexado. Orgulho. Um pouco de agressividade.” Os grãos caem... “É freqüente. Banal. Bem conhecido. Repô-la para se afirmar. Não tem de que se ofuscar.” Eis. Está recoberto. A gente pode atravessar isso, avançar, ir para longe, não há nada a temer. Eles arrumaram a bagunça.

O que é necessário, é não resistir, não se contrair, é se deixar invadir docilmente, dilatar fraternalmente suas narinas e aspirar muito forte, abrir a boca derrubando a cabeça como para beber às goladas, e engolir... que em sua própria garganta as vogais se repercutem, que elas saem dela ainda mais pesadas, se enrolam... aaa maaala... a peeeesca no claaaaaro da.á.á luuuu... E depois rir, lhe bater no ombro... Como você é engraçado, você é hilário quando pega esse acento... Você não acha? Sim, não é, você acha? Perto de

mim, perto de nós, apertados uns contra os outros, todos iguais, rindo juntos, surpresos, alegres, olhamos esse pequeno gênio malfeitor que lhe habitava... ele lhe fazia mal... mas você está exorcizado... ele lhe deixou... veja como ele é cômico, esse diabinho que esperneia, que se torce em nossos pés.

Mas de tanto tentar fazer voltar a si com seus tapas fraternais nas costas, os risos zombeteiros, um sádico perseguindo sua vítima. Nada pode obrigá-lo a deixá-la... As fééérias... ela é arrastada, toda desfigurada, grotesca, aviltada, prostituída, um objeto cuja bruta se serve para executar seus projetos esquisitos... é necessário repreendê-la, arrancá-la dela, é necessário ousar, desafiando o perigo, heroicamente, com uma determinação tranqüila, somente corando um pouco, como se impedir disso? articular cada vogal com grande nitidez, trazê-la de volta a suas justas proporções, lhe restituir seus contornos puros... Sim. As férias. O mar. A pesca... Veja como ela é bela quando a gente a trata assim, deste modo se faz em um país civilizado, entre pessoas convenientes, como todos os respeitos que lhe são devidos... Como ela se ergue, toda direita e leve, naturalmente discreta, modesta e orgulhosa... sua limpidez, sua graça inocente mantém à distância, comandam o respeito. A gente não tem o direito de levar o nosso alcance a isso. São coisas da mais alta importância... Há pessoas que para lhes defender... Conheço os precedentes... Esse poeta agonizando... não, isso não... apenas um homem, um homem como você e eu... a gente conta que ao escutar a freira que lhe cuidava dizer: coledor, ele se ergueu em seu leito, e parecendo suas últimas forças ele articulou muito distintamente: cor-redor. E depois voltou a cair. Morto. No entanto como comparar o erro inocente da freira com o crime que você cometeu?

Mas nada não é mais perigoso, nada pode antes excitar no torturador a necessidade de dominá-la, de aviltá-la...

De tê-la tão logo agarrada por ele de novo, ei-la, dessa vez, arrastada mais longe, agarrada mais forte... rastejante, horrenda, deformada, enfunada, inchada... Você saaabe... as fééé... seu carrasco, como no fim das forças, enfim a contragosto a deixa... rias... só por

um instante... E depois, isso não lhe desagrada, meu pequeno, é necessário que a gente recomece... ooo maaar... eu somente aaamo ooo Meeediiterrââneoooo...

Páre, você ouviu. Por que você está fazendo isso? Onde você foi procurar esse acento? Você está acabando com nossos ouvidos. Quem fala assim? O que é essa imitação de acento vadio, gênero apache 1900? É ridículo, lhe asseguro... está fora de moda, é pretensioso...

Mas todos tão logo, aqueles mesmo, sobretudo aqueles que sempre se mostraram com respeito à compreensão, indulgentes, se erguem horrorizados, gritam a sua vez... Como você ousa? Como você pode se permitir? Você rompeu todas as proibições. Atentado a qualquer coisa à qual ninguém tem o direito de tocar, qualquer coisa sagrada... Você seguiu o rastro que saía dali, você ousou remontar até essa fonte nele, esperar esse lugar preservado em cada um de nós de onde isso filtrou... esse ponto vital... você foi tentada a isso, cometeu essa violação... Veja agora como ele lhe olha... seus olhos espantados de animal ferido à morte... - Não, não é verdade. Nada de inviolável aqui. Nenhuma fonte que ninguém tem o direito de profanar. O que sai dali somente é uma pura emanção, uma secreção que ressuriria de soslaio do mais profundo dele mesmo... nem mesmo um veneno que jorraria apesar dele... há uma fria determinação, o projeto deliberado de desrespeitar, de aviltar, de destruir... É uma agressão intolerável, um atentado... Por menos que isso um poeta no seu leito de morte se ergueu... – A prova da premeditação. Forneça a prova. Nos é necessário uma prova absoluta, você ouviu? Você a tem? – É uma certeza. – Fundamentada em quê? – Eu não sei... Eu o sinto... Você o sente também, como eu... – Não há sensação que conte. Nem presunção. É grave demais. É necessária uma prova irrefragável. E ele jamais tem essa prova. Sempre há uma dúvida possível. Então é necessário se submeter. É necessário aceitar. Como fazemos todos nós. Ninguém tem escolha.

Nada lhe escapa, nem a mais leve suspeita de movimento, nem o mais fraco arrepio de desgosto, de dor, nem um gemido tão logo sufocado... ele sabe que ele apontou correto... ele sente deliciosamente, sem que você mexa, ao mais secreto de você próprio qualquer

coisa que ao menos palpita, amedrontado se debate... e ali ele apóia... lá em cima em toda impunidade ele se enrola... suas moles vogais se estendem ali suas carnes cambaleantes de medusas, aplicam ali suas ventosas de onde ressurda um líquido urticante... A maaaala... como a gente mal rosa... se tem vontade de abaixar os olhos, mas a gente não ousa... sábio... muito sábio... sem contorções... é necessário sofrer, não é? não há meio de fazer de outra maneira...

Sim, é necessário se resignar. Eles têm razão. É necessário endurecer. Perder essa sensibilidade de princesa da ervilha. É necessário sobretudo, se libertar desse respeito.

Dessa veneração infantil. A gente pode mesmo, na melhor das hipóteses perdê-las, treinar a si mesmo a tomar algumas liberdades, de tempos em tempos se divertir ao empurrá-la levemente, espriá-la só um pouco... as férias... tratá-la um pouco sem modos, com familiaridade, com desenvoltura. Isso pode dar certo. A gente se habitua a tudo. É uma questão de treino. A gente pode acabar fazendo-a naturalmente, sem prestar atenção nisso.

Então talvez o agressor que nenhuma astúcia pode enganar, não percebendo nada mais em você que palpita, certo de que você não levantaria um dedo para protegê-la, que você não sentiria ao vê-la entregue e restabelecida em seus direitos nenhum alívio, nenhum sentimento de triunfo, que você é completamente indiferente a seu tipo, então talvez ele se decidirá em desapertar seu abraço, a deixá-lo retomar sua forma.

Ela não chamará mais atenção de ninguém, naturalmente discreta como ela é, sempre pronta a se apagar, a se tornar invisível... a gente a esquecerá.

Todos os três juntos embaralhados, cada um braço levantado, a mão cerrando o punho de cobre, a redonda e lisa barra de metal, se apoiando ligeiramente uns sobre os outros, rindo quando um solavanco mais forte os faz bater, sorrindo-se com um ar de tenra solidariedade... Uma tepidez, um confortável, um tranquilizante, um adormecente calor emitido por cada um de um a outro se espalha... Como a gente está bem... É como se a

gente nunca se tivesse se deixado... como compatriotas que um longo exílio separou, que enfim se reencontram... mesmo dialeto, mesmas lembranças da infância... Não há pressa. A gente agora tem todo o tempo de conversar... Mas a gente tem necessidade de falar, de contar? Por que evocar as provas passadas, as feridas que um inimigo comum nos infligiu, as violações, as profanações... Está longe agora, tudo isso... é melhor esquecê-lo... De uma mão agarrando-se ao punho de cobre, à barra de metal, eles embaralhados, se batem, riem... “Felizmente a gente chegará logo... Oh ali... me desculpe... Eu fiz mal a você? – Mas não, não é nada... – Ah, a você ela perdoa tudo... Mas você sabe, ela não é assim com todo mundo... Você não sabe como esse gênero de coisas pode talvez deixá-la irascível. Você sabe o que ela me disse, um dia que eu derrubei um pouco de água sobre seu vestido?... Pequeno imbecil!”

A gente diria que ela se endireita, que se estica... “Pequeno imbecil!” Então você não pode prestar atenção?” Entre eles alguma coisa se passou, um signo entre eles foi trocado... igual a esse leve movimento de cabeça que fazem dois empregados que apanharam de cada lado um objeto pesado e se aprontam de um comum acordo para levantá-lo... um movimento que significa: Você está aí? A gente pode ir aí?... Pequeno imbecil! Ela me disse isso... e ela concorda, ri... Eles o levantaram e colocaram à distância, uma “distância respeitosa”, como é bem dito... é dali que agora ele os contempla: o casal incomparável. Ele, o homem único. Ele que ninguém jamais, nem mesmo seu pior inimigo, não se arriscaria a dizer, mesmo cochichando, que ninguém nem mesmo ousaria pensar que ele não é a suprema inteligência... E ela que sozinha pôde se permitir isso: “Pequeno imbecil!” A ele! Ela lhe disse isso. Ela, sua única igual, ela sua companheira real, somente dela ele pode aceitar, na frente dela ele se inclinou... No rosto de seu súdito um ar estupefato, escandalizado se espalha... E depois eis o que exigem os dois, de pé um perto do outro sobre o estrado, o que ela espera: a veneração o sentido fixo a seus pés, ele levanta em direção a ela olhos que arregalam o maravilhamento.

Em frente da tribuna de onde eles nos observam, em filas impecavelmente alinhadas nós os saudamos, nós agitamos nossas pequenas bandeiras, de uma só voz nós damos os vivas... O que aconteceu? Como eu estou aqui? Há ainda um instante, todos três iguais, nós

festejando como em nosso elemento natural, longe da multidão estúpida... – O que ele está dizendo? O que eles estão resmungando entre seus dentes? – O senhor não está contente... ele não está mais no seu elemento... – Seu elemento? – Sim, imagine o senhor que, ele sonhava que passeava entre os eleitos sobre as pradarias floridas onde os grandes espíritos enfim reunidos na “luz real”, na perfeita serenidade conversam junto... – Mas meu pequeno amigo, acorde. Olhe onde você está. Você nunca saiu daqui. Sempre entre nós, contemplando... todo tenso, a espreita... pronto para pular como nós no primeiro signo de aprovação, de encorajamento... Lisonjeado quando um belo dia eles se dignaram... – Lisonjeado? Eu? Eu, lisonjeado? Nem por um segundo. Você não estava. Lisonjeado de que? A gente era tudo próximo, iguais... Eles mesmos o reconheceram... Eles me disseram... – Eles lhe disseram! Oh é muito engraçado, deixe-me rir... – Sim, eles lhe disseram. Eles tiveram razão. A gente sentia tudo do mesmo modo. Tudo. As palavras. Os acentos. Não há nem necessidade entre nós de se falar neles. Bastava que um de nós três triscasse de leve a menor nuance... menos que nada... a gente vibraria em uníssono... Lisonjeado! Mas quando eles vieram a mim, achei tudo isso natural. Reencontros. Não estava nem mesmo surpreso, se você quer que eu lhe diga a verdade. Eu os esperava. Como o agente alfandegário Rousseau ainda obscuro quando os brincalhões lhe fizeram acreditar que Puvis de Chavannes, a grande glória do momento, vinha lhe visitar... ele não mostrou nenhuma surpresa, ele simplesmente disse bom dia, eu lhe esperava, provocando os risos dos imbecis... Eles riem da mais bela. Eles se acotovelam... – Oh é perfeito. Ainda melhor do que a gente pensava... Você percebeu? O agente alfandegário Rousseau, é ele, e os outros de Puvis de Chavannes... – Oh magnífico. Oh agora confie-o a mim. Faço dele meu assunto. Deixe-me ocupar dele... Que esse será bom... Você vai ver... Olhe-me... Eles se afastam para ver melhor, eles fazem círculo... Escute, você bem disse: a celebridade do momento? Você disse isso? – Com certeza, quem não sabe agora... – Sim, sim, todos nós o sabemos, não é disso que se trata... Você disse: do momento, hein? somente do momento, tudo como eles lá, são dois grandes erros... Então você pode me dizer por que com eles todos esses impulsos, essa fraternidade tocante? Por que com eles, especificamente, que você se abriu, estendendo na frente deles suas riquezas secretas, seus pequenos tesouros... “A ninguém mais além de vocês... Só vocês... Vocês são os primeiros...” A gente lhes sussurrava isso... a gente entregava o que escondia de todo mundo, mesmo às verdadeiras

almas gêmeas que talvez teriam podido se encontrar menos longe do que a gente acreditava, talvez, quem sabe, bem perto... bastaria olhar... mas eis, a gente é antes preguiçoso demais, temeroso demais, antes obediente demais... se submetendo docilmente às nossas leis... vindo comer em nossa mão... procurando se fazer aceitar por estes daqui, especificamente, estes que nós levamos ao poder, nós a multidão estúpida, nós tão considerados pelas nossas fabricações de falsos gênios, de falsas glórias... Vamos, você é bem um dos nossos. Você nunca saiu daqui. Conosco na frente deles guardando sentido, cada um nossa pequena bandeira na mão. Cada um em seu lugar, hein, pelo momento. Eles pelo ao menos sabem onde eles estão. Eles bem que devem ter se divertido ao ver nosso ar beato quando eles lhes levaram consigo, todo originado de felicidade, vocês pregados neles... é um pouco pegajoso, a gente tem vontade de lhe dar um pequeno peteleco para lhe afastar um pouco... “Pequeno imbecil, ela me disse isso... – Ela lhe disse isso? Oh, é engraçado demais... A gente ri todos os três, a gente se entende... – E agora nós chegamos aqui, vamos, venha, a gente desce...”

Todos os três espremidos de todas as partes, um instante separados, se esperando, enfim reunidos, eles se esgueiram um atrás do outro, se seguindo bem juntinho, eles formam os três um só tronco que serpenteia através da multidão.

“Ah, ainda os Ballut? Mas meu querido, é uma idéia fixa...” Uma corrente quente percorre seu corpo, suas bochechas queimam, ele abaixa os olhos, balbucia...

Ah, ainda os Ballut? o grande policial que o tinha embaixo de seus olhos há um momento, que observava com atenção suas manobras estranhas lhe colocou a mão sobre o ombro: vamos, nada de histórias, inútil protestar, a gente viu você.

Ah, ainda os Ballut... eles podem agora se permitir isso, as regras do respeito humano não estão mais em jogo, eles podem arrastar para ducha, trancar atrás de janelas engradadas, entre os muros acolchoados os loucos, os maníacos, os perversos, os exibicionistas, os *voyeurs* e outros de sua espécie, se escondendo nos arvoredos, ladeando os muros, assobiando sempre o mesmo ar sinistro, espiando atrás das janelas iluminadas as

mocinhas ajoelhadas ao pé de suas camas, abrindo e fechando no fundo dos bolsos de suas calças seus dedos de estrangulador.

Ah, ainda os Ballut? mas meu querido, é uma ideia fixa... Bruscamente, por detrás, apesar de ele ter tomado todas suas precauções, observado todas as gradações e que ele acreditava chegado o momento em que ele poderia sem despertar a desconfiança deles levantar por um segundo sua válvula de certeza e deixar sair justo um último jato de vapor, duas ou três palavras... Mas ele tinha subestimado vigilância deles.

No entanto ele foi prudente. Nenhum pedido de socorro, nenhuma queixa, um suspiro para chamar a atenção deles, para que eles viessem ver... está ali nele, ele não sabe o que é... é como um fluido, como eflúvios... uma palavra qualquer, perfeitamente banal, transportou isso, uma palavra penetrou nele, se abriu e espalhou isso por todo canto, ele está embebido nela, isso circula em suas veias, carregada pelo seu sangue, coágulos se formam, congestões, poças, tumores que incham, pesam, disparam... E com a obstinação dos maníacos ele procura descobrir de onde vêm as pontadas, ele apalpa as regiões dolorosas para encontrar seu lugar exato, delimitar seus contornos... isso incha cada vez mais, apóia, ele tem necessidade de ser aliviado, lhes seriam necessários cuidados imediatos, uma incisão, uma punção, uma sangria... Mas eles sempre tiveram tanto medo de serem sujos, contaminados... para obter sua ajuda é necessário tomar alguns cuidados, lhes fazer sentir que eles não têm nada a temer. Ele não os pedirá nada que não seja para eles perfeitamente inofensivo e mesmo salutar, mesmo agradável. Alguns exercícios praticados em comum, cujos efeitos benéficos são desde sempre conhecidos, que uma higiene imemorial recomenda.

Não será mais questão de fluídos, eflúvios, palavras propagadoras de germes, vindas não se sabe de onde, jorradadas de qualquer um, flutuando no ar em todo lugar, o ar em volta de nós está cheio disso... eles tão logo se desinteressariam... Não. Só aqueles da boca dos quais as palavras saíram vão manter nossa atenção. São eles que nos é necessário. Só eles. E somente há o obstáculo da escolha. Ele está pronto para lhes oferecer o que eles querem, pouco o importa. Ele tem essa sorte de ter o dom de fazer surgir à vontade, de mostrar, parecidos ao desejo, mais verdadeiros que a natureza, cada um com seus traços distintivos, seu aspecto físico, sua vestimenta, seu caráter, seus gestos, seus tiques, os Ballut, os

Chenut, Dulud, Perroud, os Signet, Tarral, Suzanne Magnien, Paul Artel, os Boulier, os Fermont, Jean Cordier...qualquer um, só ou em casais.

Seu público sentado em volta como no teatro em círculo exclama, dão gargalhadas, a gente se empurra, dá tapas nos braços sem se olhar, não quer perder um segundo do espetáculo... “Sim, é exatamente isso, também tinha percebido, você não? – Com certeza que sim... é ele todo cuspidor...” Uma mesma vibração os percorre, é de fato o que a gente chama estar no mesmo cumprimento de onda.

Os Ballut... e tão logo os amadores, os colecionadores avançam a cabeça, esticam o pescoço, seus olhos reluzem... “Oh sim, é isso, os Ballut, conte-nos deles.”

Então os Ballut... Ele endireita o torso, levanta o queixo, avança o lábio inferior em um beicinho desdenhoso, faz o gesto de levar um óculo *face-à-main* aos olhos, sussurra, nasaliza... ah, encantadorr... os risos rebentam, a gente bate as mãos... Agora, como a professora da escola durante a aula de modelagem, de desenho, após ter dado a seus alunos o primeiro impulso os deixa procurar por si próprios... que cada um traga sua contribuição... ele vai se limitar a seguir o trabalho deles, a guiá-los um pouco, apenas um tempo a outro uma mãozinha. E cada um se apressa... Eis roupas, fuxicos, babados, rendas iguais àquelas usadas no seu casamento pela minha avó, gola alta e engomada, dividida ao meio, cabelos alisados, sombras, bolinhas e peças montadas, eis o quadro, a mobília, a comida, os gostos, os passa-tempos favoritos, eis as atitudes reveladoras, traços de caráter sutil, detalhes picantes... a construção progride: personagens bem modelados, reproduzidos exatamente, não se parecendo a ninguém mais, ninguém de nós – é muito importante – separados de cada um de nós pelas divisórias estanques. A qualquer momento ele poderá pegá-los e levá-los à luz: as retortas, provetas de lados espessos.

Bastará agitá-los ligeiramente, passá-los na chama e todos verão desprender-se e subir suas bolhas... imprudentemente ele as absorverá, e ficará incomodado com elas, eles vão todos juntos examiná-las, encontrar um remédio, um contraveneno... o momento se aproxima, é necessário se preparar, eis, é agora dele, ele levanta a mão...

Mas essa aqui, não há meio de pará-la, ela é sempre mais zelosa que as outras, mais excitada, ela continua a se agitar bem em volta, adicionando isso, aquilo, e ainda ali um novo detalhe, um pequeno embelezamento... seu olho infantil ao qual nada, tão ínfimo que

seja, escapa, seu olho farejador, bisbilhoteiro a prendeu e ela o refere e o situa, tudo é bom a ela quando ela é lançada... Ele se impacienta... Isso basta agora. Eis o bastante... “Isso não apresenta grande interesse... De longe não é exatamente justo... A gente desvia...” Ele tenta afastá-lo... Mas ela resiste, ela o agarra, ela se cola nele, o encerra, ele se debate, eles lutam, eles rolam abraçados, confundidos, e os outros assistem espenejar a seus pés esses dois anões maus, essas duas crianças perversas, tagarelar essas duas comadres... quando ele enfim se endireita, eles o examinam com um ar de piedade, um ar de leve desgosto... “Mas como você se empolga... De onde você sabe, como você retém tudo isso? Eu tão logo o esqueço. Mas você, não, isso lhe apaixona?”

Mas nenhum trabalho é inútil, todo trabalho, mesmo esboçado, mesmo fracassado, deve cedo ou tarde dar frutos... basta deixar passar um certo prazo, escolher o momento propício e voltar a cargo.

Aproveitando-se do adquirido ele pode agora não perder tempo nos preparativos. Os Ballut, todos acabados estão ali, prontos para servir. Bastará uma leve tirada de pó para que eles apareçam, rebentados e sólidos a desejar. Ele poderá apresentá-los sem levantar nenhuma desconfiança e depois fazer surgir de seus flancos e se espalhar, provocando surpresa, levantando a curiosidade, o receio, obrigando cada um a reconhecer seu poder, a lhes considerar com respeito... essas palavras...

Sem parecer encontrar nelas a importância, de um ar um pouco distraído, de um signo discreto ele as lembra, ele as faz voltar sob qualquer pretexto... “É engraçado, não sei porque isso me faz pensar nos Ballut...” ou: “Para falar como os Ballut...”

Mas tão logo a gente toca o alarme, se reuni, o cerca... “Ah ainda os Ballut...” ele é apanhado, perambulante, lamentável, ridículo, cabeça baixa, pés descalços, no meio da multidão, a gente lhe mostra o dedo... “Então você só pensa neles... Eles lhe assombram...” Tudo em volta a gente se empurra rindo, se mexe... “Mas meu querido é uma idéia fixa!”

Mais Ballut, Chenut, Dulud, Tarral, Magnien ou outros. A gente passará por eles. Sem mais necessidade de ninguém. As palavras sozinhas. Palavras surgem de qualquer

lugar, poeiras flutuantes no ar que respiramos, micróbios, vírus... a gente está tudo ameaçado. Você como eu. Nenhum dentre nós pode estar certo de continuar ileso. Palavras banais, nem mesmo as endereçadas a vocês. Palavras que desconhecidos trocaram em uma mesa de restaurante vizinha, caminhando em frente de vocês na rua ou em uma alameda de jardim, sentada perto de você no ônibus, e que você absorveu, por vezes sem mesmo no movimento se dar conta. – Que palavras? –Palavras muito ordinárias, se eu lhe as repetisse você zombaria de mim e, no entanto elas penetraram em mim, elas se incrustaram, não posso mais me livrar delas, elas incham, se apóiam... Qualquer coisa delas é expelida...

Em volta dele a gente se impacienta... “Mas de que se trata enfim? É irritante, todos esses mistérios. Que palavras? Diga-as a nós... – Oh não, por que ele deve dar exemplos? Isso vai embaralhar tudo... obscurecer tudo... Cada um reage diferentemente. Cada um de nós certamente tem seu próprio pequeno estoque de palavras. Você tem um como eu. Talvez não sejam as mesmas. Mas é sem importância. O que quero dizer a vocês, é que elas têm alguma coisa, essas palavras, de muito particular... Elas continuam ali, em vocês, sempre na atividade, elas entram de tempos em tempos em erupção, elas expelem vapores, fumaças... Ou antes elas agem como algumas drogas, tudo que lhe cerca é transformado... A gente diria que uma rocha se abriu de repente. Pela fenda qualquer coisa é introduzida, vinda de outro lugar... Um outro lugar estava ali, que a gente não suspeitava, ou antes que se esforçava para ignorar, fazia de conta, pela comodidade, você entende... E está ali, isso se espreme de todos os lados, isso se infiltra... Não, isso não... essas palavras projetadas de fora são como partículas que cristalizam o que estava em suspenso... tudo em volta de você se petrifica, se endurece, a gente se fere com coisas cortantes, picantes...” Mas de todas partes a gente protesta... “Bastantes enigmas. Nos fazem ver. O que é tudo isso? Essas drogas, esses cristais, esses vulcões? Como você quer que a gente lhe compreenda, que lhe responda? – Eh bem, se você a tem de fato, mas a tem tanto... enfim, vou tirar na sorte... o que faz se cristalizar... palavras abocanhadas na passagem... vindas de uma mesa vizinha em um hotel na *ville d’eaux*... A gente está sempre nessas regiões sinistras, mais frágil, vago, como enfraquecido, a gente perde sua imunidade, a gente está particularmente predisposto... Em uma mesa vizinha escuto uma voz feminina, não me lembro de nenhum rosto, nada além das palavras restou, e o tom, um pequeno tom seco: Se você continua, Armand, seu pai vai preferir sua irmã.”

Eles se afastam uns dos outros para melhor se verem, os óculos dos velhos descem sobre seus narizes... “Seu pai vai preferir sua irmã... É isso... Mas vou lhe dizer... eu devo ser esses que fazem “as paredes se racharem”, “os vapores se exalarem”, “o que estava suspenso se cristalizar”... – Eu, certamente devo vir “de outro lugar”, porque devo confessar que são palavras que eu também, devo fazer minha *mea-culpa*... Ela bate comicadamente seu peito com seu punho... É minha culpa, é minha enorme culpa... São, eu também, oh pobre de mim, palavras que eu emprego... – “Seu pai, sua irmã”, oh, é horrível, mas eu também, que me perdoem, chego a dizer isso... Que aqueles que nunca o disseram...”

Eles se agitam, os fios telegráficos invisíveis que os ligam uns aos outros zumbem, mensagens que ele reconhece são enviadas, captadas... Eu estou sempre desconfiado delas... Ele me deixa desconfortável... Sempre senti que ele estava ali nos observando... anotando, preparando relatórios... Ele ouve um risinho rouco... Calem-se, desconfiem, orelhas inimigas lhes escutam... Tudo o que vocês disserem poderá ser usado contra vocês... Atenção, o que você disse? Oh nada... Como nada!... Seu pai vai preferir sua irmã... Mas você sabe que é perigoso... Você sabe que isso emite radiações mortais... isso mete o mundo em perigo... Um dentre eles sacode sua espessa cabeleira branca, seus olhos por debaixo dos óculos o fixam severamente: “Mas o que você vai procurar? Que mal tem nisso? – Mal? Eu não disse que era mal. Não é essa a questão... Eu dizia apenas que tem nessas palavras alguma coisa... – Mas a gente então não pode mais falar, a gente não pode pronunciar na sua presença as palavras mais comuns... Você é terrível. Você está aí nos espionando... gravando tudo... criticando tudo...”

Ele recua, levanta a mão... Oh não, não acredite. Não é isso, de jeito nenhum, não observo nada, não critico... é outra coisa... eu sou completamente igual... Igual? Essa palavra jogada, sem muito saber o que ele estava fazendo, um pouco ao acaso, somente para apaziguá-los... Igual... Agora subitamente ele vê. Eles o ajudaram sem querer... Igual. É isso. Completamente igual. Daí tudo provém, toda a angústia, todo o sofrimento... Igual. Mesma substância. Jamais nenhuma separação. Ou então as divisórias comuns através das quais se produz uma osmose constante... Não, não é osmose. Eles não são iguais, não exatamente... Ele é de uma matéria mais porosa, absorvente... Cada gotinha segredada por

eles, uma simples palavra sem importância, um acento, qualquer um, penetra nele, provoca turvações, faz ele perder o senso das proporções, da medida, lhe turva a vista, o espírito...

Ele é uma terra propícia onde isso cresce, desabrocha, exala odores, vapores... Ele está nisso todo embebido, cheio... Que eles o aliviam, que eles se abrem a isso, que a eles também se espalham... Ele está saturado dela até as náuseas, até um tipo de doloroso gozo... uma estranha alegria... É uma droga da qual ele não pode se privar... Que eles a absorvem um pouco, somente algumas gotas, e eles verão...

Mas a gente estaria errado de pensar que eles são todos tão limitados como eles querem aparecer. Ele se encontra sempre dentre eles de muito, como eles dizem, “espertos”, que, como eles dizem ainda, “conhecem o mundo deles”.

A gente deveria se trancar no quarto para ler, simplesmente, ou para trabalhar em qualquer coisa tão inocente quanto uma tese de doutorado, eles não se deixam ser pegos. Eles têm sem mostrá-lo – alguns deles – um instinto extraordinariamente aguçado. Índícios que igual aos avestruzes ele acredita invisíveis os furam os olhos. Eles não se deixam todos, se for preciso, deixar-se levar muito ingênuo pelas fofocas, na necessidade do denegrimiento, à atração doentia pelos odores esquisitos. É que não há nada de novo sob o sol. Houve precedentes. Pra não procurar muito longe, há escritores, Flaubert por exemplo, de quem se fala tanto nesse momento, que disseram como eles se empanturraram até o enjoo de banalidades, de vulgaridade. Em verdadeiros mártires. Ele bem o deveria. Baudelaire declarou que nada fazia tanto “um homem de espírito” mudar de idéia quanto “a conversa de imbecis”. Tudo isso, a gente sabe há muito tempo. Eles sabem e veem tantas coisas sem jamais aparentá-lo. Se eles consentem, como os outros, a se disfarçar com essa fantasia de comadre, de anão malvado, é o que os irrita. Essa certeza que ele exala através seus ares servis e trêmulos – como se ele pudesse enganá-los! – e que vem a eles desses parentescos ilustres que ele se encontrou, desses avalistas, é de fato insuportável, grotesco. Não é necessário muito para o impulsionar, perdendo a cabeça, a se exhibir. Um pouco mais de desdém, ainda um pouco mais de incompreensão neles, de repugnância, e bruscamente seu ar de rato caçado vai se apagar, como eles ainda dizem, por “encantamento”. Ele vai

retornar de repente, pular em cada um deles e bradar isso na cara gritando: empanturrar como outros... Flaubert... Baudelaire... igual a eles... você não compreende nada... Levando sobre mim todos os pecados do mundo... Então seria necessário que alguém o lembre à ordem, ele corta a grama sob o pé: Sim, com certeza, Flaubert... mas ele, ele se faz alguma coisa com isso – é toda a diferença – enquanto que você, você só faz falar.

Não há nada a temer. As sortes de se enganar são insignificantes. Nulas, para dizer tudo. Basta aplicar no seu caso do cálculo das probabilidades – tão eficaz: Quantos há, eu lhe pergunto, de Flauberts em mil habitantes? Quantos, em cem mil, de Baudelaires? E quantos em um milhão? E em cinquenta milhões, quantos? O que mais é necessário? E quantas pessoas dentre nós que tem a pretensão de escrever romances? Quem, conseqüentemente, falsamente se castiga em cada um, se embebem, se afastam, espiam? As estatísticas respondem: um francês em dois esconde no fundo da sua gaveta um manuscrito. Um em dois procura referencias... Só aqui embaixo entre seus irmãos inferiores, ele estica a mão por cima das suas cabeças, eu lhe dou em mil, a quem? Mas por que ele se incomodaria? Por que se restringir? a Flaubert, a Balzac, a Baudelaire sobretudo, a ele o patrono das legiões de preguiçosos estéreis, rejeitados em todo lugar.

Esse aqui também, conseqüentemente, há nele um arzinho... há muito tempo suspeito dele... ele deve sorrateiramente... deveria lhe ver empalidecer, se encolher, recuar, levantando a mão como para parar uma bofetada, quando você lhe disse isso: Mas por que você não escreve? Você só faz falar disso...

5 – Comentários da Tradução de *Entre la vie et la mort*

A teoria sobre as estratégias utilizadas por Sarraute para compor os tropismos em sua obra *Entre la vie et la mort* foi muito estudada. Entretanto para traduzir sua obra houve dificuldades para aplicar os conceitos em um primeiro momento, pois havia uma questão de fidelidade à ideia original do texto e à estrutura de construção das frases, que passaram despercebidas em uma primeira tradução.

Pois em um primeiro momento, cometemos o erro de tentar deixar o texto agradável ao leitor. Entretanto, ao adquirir a maturidade de perceber que a intenção da obra se sobrepõe à beleza estética, como esta é largamente concebida, e surge como um novo estilo de expressão. Onde a explicitação do conteúdo, tal como ele é apresentado, caracteriza o texto com os movimentos tropismais, nele presentes e surge também com uma nova beleza diversa na obra.

Em um segundo momento, porém foram percebidos os problemas da tradução que, se apresentava muito rebuscada em relação à composição em francês. A partir daí foi trabalhada a linguagem traduzida, isto é, a língua portuguesa para que se tornasse mais corrente e, portanto mais coerente com a proposta original da obra em francês.

5.1 – O uso de « *On* » e suas possibilidades

O pronome indefinido “*on*”, muito frequente ao longo de todo o texto, foi traduzido de duas maneiras. Devido ao seu uso que pode indicar uma ideia de terceira pessoa do singular na figura do “a gente” ou a presença da impessoalidade, uma vez que não há em francês o uso do verbo sem o sujeito.

Nesse primeiro momento, temos um exemplo do uso de “*on*” que foi traduzido por “a gente”. Primeiro, havia-se traduzido o verbo sem o sujeito, concordando com a primeira pessoa do plural, entretanto em um segundo momento, percebeu-se que a inclusão de “a gente” para substituir “*on*” causaria a desambiguação com os casos em que o pronome “*nous*” aparece de fato e que o verbo é colocado em concordância com o sujeito. Deste

modo, quando o pronome “on” designa pessoa, ele foi traduzido por “a gente”. Como no exemplo a seguir:

Mais aussitôt on sonne l'alarme, on se rassemble, on l'entoure... « Ah encore les Ballut... » il est saisi, promené, pitoyable, ridicule, tête basse, pieds nus, au milieu de la foule, on le montre du doigt... « Vous ne pensez donc qu'à eux... Ils vous hantent... » Tout autour on se pousse en riant, on se trémousse... « Mais mon cher c'est une idée fixe! » (SARRAUTE, 1968. pp. 54 e 55)

Mas tão logo **a gente** toca o alarme, se reúne, o cerca... “Ah ainda os Ballut...” ele é apanhado, perambulante, lamentável, ridículo, cabeça baixa, pés descalços, no meio da multidão, **a gente** lhe mostra o dedo... “Então você só pensa neles... Eles lhe assombram...” Em volta dele, **a gente** se empurra rindo, se mexendo... “Mas meu querido, isso é uma idéia fixa!” (Tradução nossa)

Para o outro uso de “on”, decidiu-se traduzir na terceira pessoa do plural, sem a inclusão do sujeito exposto, pois se percebe que desse modo ressalta-se o uso do “on” como partícula impessoal. Logo, o emprego dos verbos na terceira pessoa do plural sem a presença do pronome transmite bem a ideia presente nos trechos a exemplo de:

Y a-t-il encore quelqu'un parmi nous? Y a-t-il encore quelqu'un, dissimulé ici?... Des yeux s'arrêtent sur moi. « Et vous? » **On me tire.** « Ne vous défendez pas. Nous savons. Allons, dites-le. Avouez. » **On me pousse, on me jette** devant lui, je tombe à ses pieds... Il me prend par le menton, il relève ma tête, il scrute mon visage... « Mais c'est vrai, pourquoi ne dites-vous jamais rien? (SARRAUTE, 1968. p. 9)

Há ainda alguém entre nós? Há alguém ainda, disfarçado aqui?... Olhos param em mim. “E você?” **Me atiram.** “Não se defenda. Nós sabemos. Vamos, diga. Confesse.” **Empurram-me, me jogam** na frente dele, caio aos seus pés... Ele me pega pelo queixo, levanta minha cabeça, esquadrinha meu rosto... “Mas é verdade, por que você nunca diz nada?”

Percebemos através do exemplo que, a tradução por “a gente” não ficaria adequada ao contexto, pois não faria sentido. Assim, justificamos dois tipos de tradução para um mesmo termo em francês, devido à multiplicidade de possibilidades do seu uso.

5.2 – A tradução de homófonos e aliterações

No início do terceiro capítulo somos confrontados a uma série de homófonos criados a partir do departamento francês *Hérault*, e que na língua original é uma construção perfeita, porém quando traduzida perde todo o efeito do ritmo original do texto. Pensou-se em procurar outros homônimos para substituir a construção do texto, entretanto ao longo do capítulo Sarraute desconstrói os homônimos e os reconstrói em outras imagens, repetindo sucessivamente esse procedimento. Assim, qualquer mudança nas palavras que compõem a estrutura, comprometeria a construção original do texto, e assim, o sentido, por isso decidiu-se manter a estrutura a fim de não comprometer o significado presente no texto.

Hérault, héraut, héros, aire, haut, erre haut, R.O., rythmé sur le bruit du train roulant à travers les plates plaines blanches. Les images surgissent l'une après l'autre, tirées de sa collection... (SARRAUTE, 1968. p22)

Hérault, arauto, herói, área alta, erra alto, R.O., ritmado no barulho do trem correndo pelas pálidas planícies planas. As imagens surgem uma após outra, tiradas de sua coleção... (Tradução nossa)

Perde-se a homofonia entre essas duas últimas partes, porque não correspondem a homófonos na tradução erre alto com R.O, como em francês. Mas ganhou-se em aliteração sonora, mesmo assim.

Por ditarem o ritmo do texto, foram encontrados inúmeros exemplos de aliterações. E por perceber-se que a sonoridade é de fundamental importância para o texto, temos aqui o fato de que o ritmo não pertence apenas à poesia, mas também à prosa, uma vez que ela dita o seu ritmo junto com outros aspectos, como pontuação e a escolha de uma linguagem mais

informal. Procurou-se manter ao máximo as aliterações a fim de manter o ritmo do texto na tradução. Como percebemos nos trechos:

*Héraut... Il s'avance lentement, très droit sur son cheval caparaçonné. Il est coiffé de sa toque de vair, revêtu de la dalmatique de **velours violet**. (SARRAUTE, 1968. p22)*

Arauto... Avança lentamente bem reto sobre seu cavalo ajaezado. Usando seu capacete heráldico, revestido da dalmática de **veludo violeta**. (Tradução nossa)

*La **plaine blanche** s'étend sans fin avec des **bosquets de bouleaux**, des sapins couverts de neige... (SARRAUTE, 1968. p23)*

A **pálida planície** se estende sem fim com **bosques de bétulas**, com abetos cobertos de neve... (Tradução nossa)

5.3 - A tradução de expressões idiomáticas da língua francesa

Por ter sido utilizada uma linguagem corrente para a composição do texto, são recorrentes os exemplos de expressões da língua francesa e, portanto para traduzi-las foram adotadas diferentes estratégias.

Há momentos em que foi necessário procurar expressões em português, que passassem ideia similar à intenção do texto original. Essa posição em relação aos textos visou conferir-lhe a oralidade da linguagem empregada no texto original e assim, mantida na tradução. Como podemos notar no exemplo que segue:

*Mais maintenant **ils se sont piqués au jeu**, le spectacle est trop amusant... leurs têtes s'avacent, ils se penchent, ils se regardent...(SARRAUTE, 1968. pp. 9)*

Mas agora **eles entram na dança**, o espetáculo é divertido demais... suas cabeças avançam, eles se inclinam, se olham... (Tradução nossa)

Em outras ocasiões, por não se encontrar expressões em português que passassem uma ideia similar à da mensagem original em francês, foram traduzidos os significados. Sempre com o cuidado de não fazê-los destoar da linguagem do texto, nem da proposta original. Os conceitos e explicações visaram deixar clara a ideia do texto original, sem ousar criar qualquer expressão que pudesse não ser entendida pelo leitor da tradução.

*Ce qu'il faut, c'est ne pas résister, ne pas se contracter, c'est se laisser envahir docilement, dilater fraternellement ses narines et aspirer très fort, ouvrir la bouche en renversant la tête **comme pour boire à la régolade**, et avaler... que dans sa propre gorge les voyelles se répercutent, qu'elles en sortent plus lourdes encore, se vautrent... laa vaaaalise... la pêêêche au claiiair deu.eu.eu luuune... (SARRAUTE, 1968, p. 40)*

O que é necessário é não resistir, não se contrair, é se deixar invadir docilmente, dilatar fraternalmente suas narinas e aspirar muito forte, abrir a boca derrubando a cabeça **como para beber às goladas**, e engolir... que em sua própria garganta as vogais se repercutem, que elas saem dela ainda mais pesadas, se enrolam... aaa maaala... a peeesca no claaaaaaro da.á.á luuuu... (Tradução nossa)

5.4 – O uso do verbo « *Faire* »

Sarraute aborda em vários momentos o verbo “*faire*” ao longo de sua obra. Por ser um verbo utilizado em francês em muitos contextos, preferiu-se por momentos manter o uso do mesmo para respeitar a intenção original do texto, mesmo causando estranhamento no leitor, como se pode conferir no trecho:

*" Faisiez. " C'est tout ce que je peux pour vous. " Faisiez " est juste et décourage les imposteurs. " Faisiez " indique que vous avez voulu remplir les conditions, que vous êtes venu vous soumettre à nos lois. " Faisiez c'est tout ce que vous méritez, ne protestez pas. Vous **faisiez** — sans plus. Ça ne vous suffit donc pas?(SARRAUTE, 1968, p. 8)*

“**Fazia**” é tudo que eu posso por você. “**Fazia**” é justo e desencoraja os impostores. “**Fazia**” indica que você queria preencher as condições, que veio se submeter a nossas leis. “**Fazia**”, é tudo o que você merece, não proteste. Você **fazia** – sem mais. Então não é o suficiente para você? (Tradução nossa)

Os diferentes empregos do verbo “*Faire*”, conforme o dicionário Le Robert:

Faire

I Réaliser (un objet : qqch. ou qqn).

1 Réaliser hors de soi (une chose matérielle). 2 Réaliser (une chose abstraite). 3 Produire de soi, hors de soi (qqch.) 4 Par ext. Se fournir en; prendre (qqch.) 5 (1877) Fam. Prendre à qqn; obtenir (qqch.) aux dépens d'autrui. 6 (Choses) Constituer (quant à la quantité, la forme, la qualité).

II Réaliser (une manière d'être); être le sujet de (une activité), la cause de (un effet).

1 Effectuer (un mouvement). 2 Effectuer (une opération, un travail), s'occuper à (qqch.). 3 Exercer (une activité suivie). 4 Accomplir, exécuter (une action). 5 Exécuter (une prescription). 6 Être la cause, l'agent de. 7 Spécialt Parcourir (un trajet, une distance); franchir. 8 Fam. Durer, quant à l'usage. 9 Exprimer par la parole (surtout en incise). 10 (Choses ou personnes) Présenter en soi (un aspect physique, matériel). 11 Subir (quelque trouble physique)

III Déterminer (qqn, qqch.) dans sa manière d'être

1 Arranger, disposer (qqch.) comme il faut. 2 Former (qqn, qqch.). 3 Donner une qualité, un caractère, un état à. 4 FAIRE... DE (qqn, qqch.). changer, transformer. 5 Représenter (qqn, qqch.). 6 (Avec l'attribut) FAIRE suivi d'un adj., d'un nom sans art. (le plus souvent inv.). Avoir l'air de, donner l'impression.

IV FAIRE (suivi d'un v. à l'inf.).

1 Être cause que. 2 Attribuer, prétendre. 3 REM. Construction.

V FAIRE avec un sujet impers.

1 Pour exprimer les conditions de l'atmosphère ou du milieu. 2 *Il fait bon, beau, mauvais* (et inf.).

VI FAIRE, employé comme substitut d'autres verbes.

1 Vx ou littér. Dans le second terme d'une comparaison. 2 Avec le second terme de la compar., suivi d'un compl. d'objet dir

VII SE FAIRE (emplois spéciaux).

1 Se former. former. 2 SE FAIRE (et adj.): commencer à être, devenir. 3 Devenir volontairement. 4 SE FAIRE À: s'habituer à 5 Se procurer. 6 Former en soi, se donner. 7 (Pass.) Être fait. 8 Être, arriver (impers.).

VIII Pass.

1 ÊTRE FAIT POUR, destiné à. 2 Littér. C'EN EST FAIT DE...

Conforme podemos perceber, o verbo “*faire*” é polissêmico e proporciona diferentes possibilidades de emprego. Sarraute se preocupou em mostrar a polissemia desse verbo e, por conseguinte, mantivemos o uso do verbo “*fazer*” ao longo do texto para explorar a metalinguagem presente na escrita de Sarraute.

5.5 – A tradução dos pronomes « *vous* » e « *tu* »

Em francês são utilizados ao longo do texto dois pronomes pessoais: o “*vous*” e o “*tu*”. Como a língua francesa dita, e conforme o dicionário Le Robert:

- **vous [vu] pron. pers.**

Pronom personnel de la deuxième personne du pluriel (réel ou de politesse).

- **tu [ty] pron. pers.**

Pronom personnel sujet de la deuxième personne du singulier et des deux genres.

Percebemos assim que o “*vous*” é utilizado em situações mais formais e o “*tu*” quando não se é exigida tanta formalidade. O “*vous*” também marca o plural, a distância social e a distância de idade. O “*vous*” marca sempre uma distância, e essa característica é própria da língua francesa. O “*tu*” por sua vez, demonstra intimidade e proximidade entre as pessoas, é um tratamento bem informal utilizado.

Entretanto, o tratamento em português entre as pessoas é basicamente feito em todos os contextos, com o uso do pronome de tratamento “você”, sem maiores formalidades. Por esse motivo, nos diversos momentos que ambos os pronomes em francês foram utilizados, eles foram traduzidos por “você”, como podemos perceber a seguir:

Vous ne vouliez pas? Vraiment? Vous ne saviez pas ce que vous disiez? Vous osez prétendre cela? Vous ne saviez pas du tout ce que signifiaient vos réponses. Vous ne prétendiez à rien quand vous avez rempli les fiches, accompli les formalités. Vous n'avez pas voulu montrer que vous étiez digne de figurer parmi ceux-là, hein, les enfants prédestinés? Vous osez le nier?(SARRAUTE, 1968. p. 19)

Você não queria? Sério? **Você** não sabia o que dizia? Quer fingir isso? **Você** não sabia de jeito nenhum o que significavam suas respostas. **Você** não pretendia nada quando preencheu as fichas, cumpriu as formalidades. **Você** não quis mostrar que era digno de figurar entre elas, hein, as crianças predestinadas? Vai ousar negá-las? (Tradução nossa)

Hérait... — Mais qu'est-ce que tu marmonnes depuis une heure? Tu parles tout seul. Tu ne regardes rien. C'est pourtant si joli. Combien d'enfants seraient ravis de pouvoir faire un pareil voyage. Mais tu ne vois rien. Je te l'ai dit souvent : l'essentiel, c'est d'être capable d'attention, de posséder le don d'observation. Il est pourtant si aigü d'ordinaire à ton âge. Mais tu es toujours tourné en dedans, en train de ruminer. Dis-le-moi, mon chéri, tu as de nouveau tes « idées »? Tes peurs?— Non. Pas ça... (SARRAUTE, 1968. p.23)

Arauto... – Mas o que **você** está resmungando há uma hora? Está falando sozinho. **Você** não vê nada. No entanto é tão bonito. Quantas crianças estariam felizes de poder fazer uma viagem como essa. Mas **você** não vê nada. Eu te disse isso muitas vezes: o fundamental é ser capaz da atenção, de possuir o dom da observação. No entanto ele é tão aguçado na sua idade. Mas **você** está sempre voltado pra dentro, ruminando. Diga-me, meu querido, **você** tem de novo suas “idéias”? **Seus** medos?- Não. Isso não... (Tradução nossa)

Podemos constatar que o uso do pronome possessivo “você” é utilizado com os verbos conjugados na terceira pessoa do singular e também, com os pronomes possessivos

da terceira pessoa do singular. A tradução foi feita assim, pois a obra é praticamente toda composta de diálogos e o pronome “você” é utilizado em todos os contextos na língua portuguesa. O uso dos pronomes e dos verbos está consoante com a regra portuguesa de utilização.

5.6 – Omissão dos pronomes na tradução

Na norma da língua francesa, há a necessidade de se ter um pronome acompanhando cada verbo. Sarraute por sua vez, se utiliza da norma na composição de seus textos, embora não o faça com tanta rigorosidade. Percebemos que os verbos grifados estão acompanhados dos respectivos sujeitos, no trecho a seguir:

*Il a été trop désinvolte, il était comme le joueur **qui voit** tout à coup monter devant lui un grand tas de pièces d'or et **qui** sûr de sa chance **le pousse** tout entier sur un nouveau nombre... **Il a pris** ce mot, dont ils se servent, et comme si **ce mot** lui appartenait aussi à lui, comme s'il était, **lui, devenu** semblable aux autres, l'un d'entre eux, négligemment **il l'a avancé** devant eux... « Qu'est-ce qu'il a dit? » **Leurs rires déferlent...** (SARRAUTE, 1968. p32)*

Ele foi muito desvolto, **era** como um jogador **que vê** a qualquer momento aparecer na frente dele um grande monte de moedas de ouro e que confiante em sua sorte **chuta-o** inteiro para um novo número... **Ele pegou** essa palavra, a qual eles usam, e como se **a palavra pertencesse** também a ele, como se **ele tivesse se tornado** semelhante aos outros, um dentre eles, descuidadamente **ele a avançou** na frente deles... “O que **ele disse?**” **Seus risos rebentam...** (Tradução nossa)

Entretanto em português essa frequente repetição causa um problema de fluidez no texto. Pois cada pessoa da gramática tem uma desinência própria e, portanto não é obrigatório o uso da pessoa explícita para identificar o sujeito do verbo.

Usaremos como exemplo o verbo amar, cuja conjugação no dicionário Aurélio é a seguinte:

- Eu am - o
- Tu am – as
- Ele am – a
- Nós am – amos
- Vós am – ais
- Eles am – am

Conforme, podemos conferir as terminações caracterizam a pessoa agente do verbo, por isso o uso dela é facultativo. Por esse motivo, suprimimos as repetições sempre que se tratava de uma série de verbos com o mesmo pronome, a exemplo de:

Non, pas ça. Je ne veux pas... pas ça... Il tourne sur lui-même, il se déboutonne, il arrache ses vêtements... Non, je n'ai rien brigué... J'ai juste répondu honnêtement quand vous m'avez interrogé... Je ne songeais pas un instant... Je ne voulais pas, pour rien au monde... laissez-moi repartir, rentrer chez moi... J'ai été attiré dans un guet-apens... Il pousse des cris pitoyables. (SARRAUTE, 1968. p. 19)

Não, isso não. Eu não quero... isso não... **Dá** meia volta, **se desabotoa, arranca** suas roupas... Não, eu não briguei por nada... Eu apenas respondi honestamente quando você me interrogou... Não sonhei nem por um instante... Eu não queria, por nada no mundo... deixe-me ir embora, voltar para casa... Fui atraído para uma armadilha... Ele dá gritos lamentáveis. (Tradução nossa)

5.7 – A tradução de palavras que designam aspectos culturais

Há alguns trechos do texto, nos quais aparecem nomes de lugares e referências tipicamente franceses. Mantivemos esses tipos de referências, pois acreditamos que marcas culturais que situam o texto e que lhe atribuem a procedência, devem ser mantidos a fim de não descaracterizar o texto como originalmente francês.

Mais qui a dit que ce sont toujours les fous qui gagnent? Il n'y avait pas la moindre raison de croire qu'elle, entre toutes, un jour serait visitée. Il y avait bien eu, dans

*la famille, un grand-oncle violoniste, une grand-mère qui avait tenu un journal au cours de son voyage aux Indes... des extraits en avaient été publiés dans la **Gazette du Poitou**... Mais de là à oser penser... C'était dément. Et voilà que cela s'est réalisé... est-ce possible?... Juste des mots... (SARRAUTE, 1968. p.29)*

Mas quem disse que são sempre os loucos que vencem? Não havia a menor razão de acreditar que ela entre todas, um dia seria visitada. Bem que houve, na família, um tio-avô violinista, uma avó que havia tido um diário durante sua viagem às Índias... trechos dele haviam sido publicados na ***Gazette du Poitou***... Mas daí a ousar pensar... Era loucura. E eis que isso se realizou... é possível?... Apenas palavras... (Tradução nossa)

Percebe-se, que colocamos as expressões em outros idiomas com grifo em itálico para ressaltar que eles não se apresentam em português e conforme as normas portuguesas.

Conclusão

Nesse trabalho, visamos estudar a obra *Entre la vie et la mort* de Nathalie Sarraute, para nos levar a uma compreensão que nos permitisse sua tradução. Fomos além, pois compreendemos a obra e nos colocamos também em uma situação entre a vida e a morte. Pois nesse caso, o tradutor, tal como o escritor teve que recompor os tropismos e mantê-los vivos em português para que o leitor tivesse acesso a eles.

Compreendemos a importância atribuída à obra de Sarraute, singular e inovadora. Percebemos as dificuldades enfrentadas no texto e através de estratégias traçamos caminhos para superar cada uma. Devido as nossas posições de leitor da obra original, tradutor e leitor da tradução tentamos nos posicionar em cada momento sobre as características da obra em cada uma dessas situações.

Por fim, esperamos que nosso trabalho tenha conseguido alcançar o nosso objetivo de compreender a manifestação dos tropismos dentro da obra *Entre la vie et la mort* e recompô-los em português na nossa tradução *Entre a vida e a morte*.

Referências Bibliográficas

1) Dicionários e Enciclopédias

AVELAR, Luís. *Dicionário de Montanha e Escalada*. 2002. Disponível em: <http://luis-avelar.planetaclix.pt/dicionario/dicio_c.htm>. Acesso em: 08 agosto 2011.

BENCHMARK. *Liternaute Encyclopédie*. 2011. Disponível em: <http://www.liternaute.com/encyclopedie/recherche/?f_libelle=crach%E9>. Acesso em: 12 agosto 2011.

CARLOS, Ceia. *E-dicionário de termos literários: Nouveau Roman*. Disponível em: <http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=75&Itemid=2>. Acesso em: 26 junho 2011.

Dicionário Aurélio Buarque Ferreira de Hollanda, São Paulo, Editora Positivo (edição eletrônica), 2004.

Dicionário Houaiss eletrônico, São Paulo, Editora Objetiva Ltda, 2009

Dictionnaire Larousse, Paris, édition électronique.

Dictionnaire le Petit Robert, Paris, Bureau van Dijik, édition électronique, 1997.

LITTRÉ, Emile. *Dictionnaire de Français Littré*. Disponível em : <<http://littre.reverso.net/dictionnaire-francais/definition/avant-go%C3%BBt/5016>>. Acesso em: 19 maio 2011.

No spot. *Lexique d'escalade Français- Italien- Allemand- Anglais*. Disponível em : <http://www.nospot.org/index.php?option=com_content&view=article&id=50&Itemid=31&lang=fr>. Acesso em : 08 agosto 2011.

Reverso. *Dictionary*. Disponível em : <<http://dictionary.reverso.net/french-english/c'est%20lui%20tout%20crach%C3%A9>>. Acesso em: 12 agosto 2011.

Sensagent. *Dictionnaire*. Disponível em: <<http://dictionnaire.sensagent.com/crach%C3%A9/fr-fr/>> Acesso em: 12 agosto 2011.

2) **Obras teóricas**

DUARTE, Cristina Vaz. *A forma literária em Nathalie Sarraute*. Campinas: Komedi, 2007.

SOUSA, Germana Henriques Pereira de. *O uso da palavra em Nathalie Sarraute: uma análise da narrativa do romance: Le Planétarium/*. Brasília: Centro de Estudos em Educação Linguagem e Literatura, 2010.

VERCIER, Bruno; LECARME, Jacques; BERSANI, Jacques. *La littérature en France depuis 1968*. Paris : Bordas, 1982.

3) **Obras de escritores do movimento “Nouveau Roman”**

a. **Sarraute**

i. **Em francês**

SARRAUTE, Nathalie. *Entre la vie et la mort*. França: Gallimard, 1968.

SARRAUTE, Nathalie. *L'ère du soupçon*. França : Gallimard, 1956.

SARRAUTE, Nathalie. *Martereau*. França: Gallimard, 1953.

ii. **Em português**

SARRAUTE, Nathalie. *Infância*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. Tradução de Luiz Carlos de Brito Rezende. Título Original: Enfance.

SARRAUTE, Nathalie. *Os frutos de Ouro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. Tradução de Raquel Ramallete. Título Original: Les fruits d'or.

b. Demais escritores

ROBBE-GRILLET, Alain. *La Jalousie*. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/54231995/Alain-Robbe-Grillet-O-Ciome-Rev>>. Acesso em: 10 julho 2011.

TADIÉ, Jean-Yves. *OEuvres complètes*. Paris : Gallimard, 1996. (Bibliothèque de la Pléiade.)

4) Artigos científicos

MELLO, Renato de. *O teatro tropismal de Nathalie Sarraute*. 2000. 10p. Artigo. Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/poslit>>. Acesso em: 01 abril 2011.

MELLO, Renato de. *A escrita autobiográfica tropismal de Nathalie Sarraute*. 2010. 11p. Artigo. Universidade Estadual de Maringá. Disponível em: <<http://www.cielli.com.br/downloads/301.pdf>>. Acesso em: 10 abril 2011.

MOJURÃO, Isabel; OUTEIRINHO, Fátima. *Nathalie Sarraute: A aventura de uma escrita recomeçada ou do “innommé” ao “innommable”*. Disponível em: <<http://ler.lettras.up.pt/uploads/ficheiros/2543.pdf>> Acesso em: 12 abril 2011.

SOUSA, Germana Henriques Pereira de. *Nathalie Sarraute: a era da suspeita, a delimitação de um novo cânone, e sua tradução*. 2011. 11p. Artigo. XII Congresso Internacional da ABRALIC: Centro, Centros – Ética, Estética. Disponível em: <<http://www.abralic.org.br/anais/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC1049-1.pdf>> Acesso em: 20 novembro 2011.

5) **Entrevista**

SARRAUTE, Nathalie. *Em busca do movimento interior*. Folha de São Paulo, 28 jul. 1996. Entrevista concedida a Betty Milan.

6) **Referências do vocabulário**

ANDERSEN, Hans Christian. *La princesse au petit pois*. Disponível em : <<http://feeclochette.chez.com/Andersen/pois.htm>> . Acesso em: 22 maio 2011.

ANDERSEN, Hans Christian. *A princesa e a Ervilha*. Disponível em: <<http://guida.querido.net/andersen/conto-01.htm>>. Acesso em: 22 maio 2011.

BUCHOT, Emmanuel. *Carnet Photographique: Mapa geográfico da França*. Disponível em: < http://www.voyagesphotosmanu.com/geografia_franca.html>. Acesso em: 19 maio 2011.

CASSINI. *Géosciences Montpellier: La légende du Golfe du Lion*. Disponível em : <<http://www.gm.univ-montp2.fr/spip/spip.php?article731>>. Acesso em: 19 maio 2011.

Cursos Unisanta. *Oceanografia: Ondas*. Disponível em: <<http://cursos.unisanta.br/oceanografia/ondas.htm>>. Acesso em: 09 agosto 2011.

6 – Anexos

6.1 – Texto Original de *Entre la vie et la mort*

Il hoche la tête, il plisse les paupières, les lèvres... « Non, décidément non, ça ne va pas. » Il étend le bras, il le replie... « J'arrache la page. » Il serre le poing, puis son bras s'abaisse, sa main s'ouvre... « Je jette. Je prends une autre feuille. Je tape. A la machine. Toujours. Je n'écris jamais à la main. Je relis... » Sa tête oscille de côté et d'autre. Ses lèvres font la moue... « Non et non, encore une fois. J'arrache. Je froisse. Je jette. Ainsi trois, quatre, dix fois je recommence... » Il plisse les lèvres, il fronce les sourcils, il étend le bras, le replie, l'abaisse, il serre le poing.

Et elle maintenant, sa compagne effacée, pose son regard au loin, contemple une image... « Tout le bureau en est jonché. » Elle parle d'une voix très douce, sur un ton neutre... « Il les jette par terre. Il sort en titubant. Parfois il est tout en nage. Quand on lui parle, il n'entend pas. »

Son bras est comme une tige métallique articulée qui se déplie et se replie. J'arrache. Je froisse. Je jette. La tige appuie, s'incrute. Le geste répété se grave. Encore. Encore et encore. Je reprends une nouvelle feuille. Ses doigts s'agitent. Sur la page blanche les mots, les phrases se forment. Miracle. Comment peut-on? C'est un grand mystère. Son regard court le long des lignes, il hoche la tête. Non et encore non. Ainsi jour après jour je peine. Parfois je me réveille la nuit, je m'interroge. A quoi bon tant de luttes, d'efforts? Pourquoi, mon Dieu, pour quoi?

« Oui. Moi aussi. » Le bras reste replié, la tête s'immobilise. Tous les yeux se tournent vers elle et se fixent. Que fait-elle? Qu'est-ce qui lui prend?

La pauvrete, comme elle a peur, elle rentre sa tête dans ses épaules, elle voudrait se faire invisible, elle ne sait pas ce qui lui est arrivé... C'est l'impulsion sacrilège, c'est le vertige du scandale, c'est l'audace des timides, c'est le goût du suicide, c'est un accès de fureur sournoise, c'est le besoin de destruction des enfants... Non, c'est un excès de candeur, l'innocence d'une âme très pure... Moi aussi - tout simplement. Ne sommes-nous pas

tous pareils, tous semblables, des frères? « Moi aussi, parfois, comme vous, la nuit surtout je me demande... »

Il incline vers elle son visage tout amolli par l'indulgence... elle a raison, cette petite, ne suis-je pas l'un des vôtres, n'ai-je pas votre forme, votre corps périssable, ne suis-je pas faible et seul comme vous, quand la nuit j'appelle?... ne vous ai-je pas montré — et elle a su le voir — que je peine et doute comme n'importe qui?... Des rayons fusent de ses yeux et la caressent. Il opine de la tête lentement... « Ah, vous aussi... »

Elle avance sa face plate sur laquelle s'étire un sourire d'idiote... ignore-t-elle vraiment les règles? Ne lui a-t-on jamais expliqué? Mais c'est vrai, ce sont des choses qu'on n'explique pas, a-t-on jamais besoin d'expliquer ces choses... qui en parle?... il faut être vraiment obtus... manquer d'instinct, être aveugle, étourdi, dire tout ce qui vous passe par la tête... Maintenant elle commence à comprendre, mais un peu tard, tous la regardent et il attend... allons, puisqu'elle aussi, la nuit s'interroge, puisqu'elle aussi arrache et jette, voyons cela, c'est très intéressant... « Racontez-nous... » Mais elle rougit, elle bafouille... « Enfin non, je ne sais pas pourquoi j'ai dit ça... il n'y a rien de comparable... C'est vrai, qui suis-je, moi? Je ne suis rien... c'est bien normal que je me désespère... » Elle s'écarte, elle rentre dans le cercle.

Mais maintenant ils se sont piqués au jeu, le spectacle est trop amusant... leurs têtes s'avancent, ils se penchent, ils se regardent... Y a-t-il encore quelqu'un parmi nous? Y a-t-il encore quelqu'un, dissimulé ici?... Des yeux s'arrêtent sur moi. « Et vous? » On me tire. « Ne vous défendez pas. Nous savons. Allons, dites-le. Avouez. » On me pousse, on me jette devant lui, je tombe à ses pieds... Il me prend par le menton, il relève ma tête, il scrute mon visage... « Mais c'est vrai, pourquoi ne dites-vous jamais rien? Et vous, comment travaillez-vous? Racontez-nous un peu cela... » Je pousse de faibles couinements : « Moi? Moi? Mais pourquoi moi? Qu'est-ce qui vous fait croire? Moi je n'ai rien à dire. Moi ça ne présente aucun intérêt. Ça n'a aucune importance. Non, je vous en prie, ne vous moquez pas de moi... » Tout ébouriffé, échauffé, je me dégage, je cours me réfugier parmi eux.

Me voici de nouveau l'un d'eux, un chaînon anonyme. Nos yeux sont fixés sur lui. Nos regards appuient sur lui... « Continuez. Dites-nous. Vous aviez déjà commencé... Si on

ne vous avait pas interrompu... mais on a perdu assez de temps... nous vous supplions... Ne nous faites pas languir... »

Il se tait. Sous la pression de nos regards il rentre en lui-même, s'enfonce... Il faut attendre. Il va ressortir, venir à nous... Le voilà. Il vient. Vers nous il s'avance... « Eh bien, si vous voulez. Moi-même je n'en sais rien... C'est une histoire bizarre... » On dirait qu'il se scinde, se dédouble. Une moitié de lui-même, déléguée auprès de nous, prend place parmi nous dans le cercle, avec nous à distance contemple, interroge... ensemble nous cherchons à percer le mystère, à expliquer le miracle. L'autre moitié restée au milieu du cercle s'efforce comme elle peut de nous aider... « Vous savez, j'ai été orphelin de bonne heure... un enfant unique, sans père. Pas aimé et trop aimé... » Mais nous hochons la tête... « Cela suffit-il? Combien y a-t-il de par le monde de gens qui ont été des enfants malheureux... tenez, parmi nous, ici même... » Il en convient. Il cherche encore... « En moi deux sangs très différents se sont mêlés... Ma mère était savoyarde. J'ai par elle du sang italien. Mon grand-père maternel était berger. Même après son mariage il n'a rien voulu savoir pour quitter sa maison roulante. Il a fallu la naissance d'un second enfant. Mais ma mère est née dans « la carrosse » comme on disait. Mon père était breton. Mâtiné de normand. Son père à lui... on dit dans la famille que je lui ressemble... dans sa jeunesse, il avait été marbrier. On raconte que par fois il lui arrivait de modifier les formules que son patron lui faisait graver sur les monuments, sur les stèles funéraires. Il était très gai, il aimait les facéties. Il croyait aux revenants, il racontait des histoires de fantômes... » Son regard attendri caresse ces parcelles infimes de lui-même, ces paillettes qui scintillent dans la terre grise, faisant pressentir déjà l'énorme gisement... tandis que la moitié qu'il a déléguée parmi nous, semblable à nous, avec nous dans un silence perplexe médite... « C'étaient des gens durs à l'ouvrage, mais heureux de vivre. Moi je suis plutôt anxieux. Toujours préoccupé. Ma mère me disait déjà, quand elle me voyait m'isoler dans un coin : Mais qu'est-ce que tu es encore en train de ruminer? » Il sourit en écoutant les petits rires tendres, très légèrement scandalisés, qui partent du cercle. « Elle avait raison. Je ruminais toujours. Il suffisait parfois d'un simple mot... D'un certain mot qu'on avait dit devant moi, et aussitôt me voilà parti... Pour des heures... — Oh s'il vous plaît, dites-nous... Quels mots? Quel genre de mots? — Eh bien, je me souviens, tenez, qu'un jour... J'étais dans la cour de récréation... Je lisais un livre anglais... j'ai appris l'anglais de bonne heure... c'était

un roman de Fenimore Cooper... un auteur que j'adorais... Un professeur s'est approché de moi, il a regardé pardessus mon épaule et il m'a dit : Tiens, vous « faites » de l'anglais. Ce mot : faites... c'est comme s'il m'avait donné un coup. Depuis, chaque fois que je l'entends, employé comme ça... Des mots comme celui-là s'enfonçaient en moi. Ils me faisaient mal. Il fallait les extraire et les examiner. Ils révélaient un danger... Une présence inquiétante. Oui, certains mots. Ou certaines façons de les prononcer... Mais je pense que beaucoup d'enfants... ou même beaucoup d'adultes... Ce qui compte, voyez-vous, je crois, c'est ce tempérament de tâcheron... Comme mon grand-père. Mais moi je suis un tâcheron triste. Jamais satisfait. Mal doué. Le moins doué de tous. Oui, parfaitement. Ne souriez pas, c'est vrai. J'ai parfois la nostalgie de tout abandonner. De travailler de mes mains. L'ouvrier aux pièces, le balayeur de rues, le contrôleur de métro sont moins à plaindre que moi. Jamais un moment de répit. Dès que je me repose, je me tourmente : qu'est-ce que je fais là? Je devrais être à ma table. Et me voilà de nouveau devant ma machine à écrire, en train de taper. Et puis je relis... »

Son regard glisse de gauche à droite, il plisse les lèvres, il hoche la tête... « Et de nouveau ça ne va pas. » Son bras tire, son poing froisse... « Oh non, il ne fallait pas... Qu'aurions-nous donné pour recueillir, pour conserver pieusement ces ébauches... C'est si précieux... Vous auriez dû nous les laisser... Tous ces états... » Il secoue la tête. Non. Impossible... Il faut se résigner : lui seul est juge. Il est la plus haute instance. La plus impitoyable de toutes. « Je prends une nouvelle feuille blanche. » Ses doigts s'agitent. Les mots s'alignent. Comment? Un rythme dans la tête? Une arabesque que les mots dessinent? Sa tête tourne de gauche à droite... « Je lis la page d'abord très vite. Et alors, cette fois, peut-être... » Sa main droite tendue en avant s'abaisse. Ses doigts réunis comme pour le signe de croix se posent sur la page. La main se relève, s'abaisse de nouveau... « Je corrige. A la pointe Bic. Toujours. J'ai horreur des stylos. » Le bras pivote lentement sur le coude, fait un demi-cercle... « Je mets la page de côté. Je la laisse reposer. Je n'y touche plus, il faut attendre. Parfois la déception sera terrible, parfois il n'y aura pas un mot à changer. »

Avec elle il sent qu'il n'a rien à craindre... de son regard posé sur lui coule la confiance, et même, est-ce possible?... mais pourquoi cela ne serait-il pas possible, ici, entre eux? de l'admiration... Il peut rejeter les précautions mesquines, les ruses épuisantes... « Avec vous je peux parler... A vous je peux tout dire... enfin... dire ce qui compte... Il y a en vous tant de générosité... » Elle lève la main comme pour l'arrêter, comme s'il l'avait effrayée... « Mais voyons, il ne s'agit pas de cela entre nous... Vous m'avez apporté pour le moins autant... En lisant votre texte, j'ai pensé : Voilà ce qu'on attend pendant des mois, parfois des années... — Oui, j'ai eu tort de parler de générosité. La vôtre est au second degré, c'est celle qui fait du mot générosité, par le seul fait qu'on l'emploie, le signe de l'avarice... Pardonnez-moi, je me suis montré mesquin... » Elle rit, il sent dans son rire comme de la tendresse... « Non, vous êtes fou... Mais c'est vrai, ne me parlez jamais de générosité. C'est un mot qui n'a pas cours entre nous... » Comme sous l'effet d'un calmant, sous l'effet d'un euphorisant, tout en lui se détend, tout se relâche, s'amollit... toutes les barrières dressées en lui, toutes ces haies de buissons piquants, comme celles qui entourent les lopins de terre bretons, qui le divisent en petites parcelles bien closes et empêchent celui qu'il a laissé pénétrer sur l'une d'entre elles d'aller où bon lui semble, ont disparu... elle peut entrer partout, tout est à elle, à eux deux, qu'elle s'installe où elle voudra. Mais elle n'a pas à s'installer. Elle est ici depuis toujours, elle a toujours vécu ici, ils ne font qu'un... « C'est étonnant à quel point je me sens proche de vous... Il me semble que vous comprenez tout... jusqu'aux moindres nuances. Déjà en lisant votre lettre, je l'ai senti... Je l'ai lue et relue... Je ne parvenais pas à croire que cela ait pu m'arriver, à moi... Une réponse pareille. Venant de vous! Vous qui êtes la première. La seule. Je n'ai jamais osé... A personne... Votre jugement... Rien d'autre ne compte. Je savais, en vous l'envoyant, que je risquais le tout pour le tout. — Et moi, voyez- vous, en vous lisant, j'ai pensé, bien que ce que j'écris soit si différent... — Oh... bien sûr... » il rejette légèrement le torse en arrière, comme effrayé — un mouvement qu'il regrette aussitôt de n'avoir pu réprimer, c'est une séquelle de son humilité passée... ou de son orgueil... un réflexe conditionné par tant d'années de solitude, par un si long effacement... « En vous lisant, je me disais tout le temps... c'est étonnant comme tout cela me concerne... ce qu'il y a, c'est que vous et moi, nous parlons la même langue... — Oui, n'est-ce pas? La même langue. C'est bien ça. Je l'ai toujours senti... C'est bien pour ça... Je n'en avais que plus peur... Mais maintenant je le

sais : vous êtes... plus encore que je n'osais l'espérer... vous êtes d'ici. Elle lève les sourcils pour exprimer l'étonnement. Oui, c'est un mot à moi que j'employais quand j'étais enfant. Il y avait pour moi ceux d'ici et ceux de là-bas... C'était une sorte de ségrégation. Ceux de là-bas se révélaient tout à coup, toujours à leur insu, par quelque chose d'indéfinissable qui filtrait d'eux... une exhalaison... Je reconnaissais cela aussitôt. En y repensant, je vois que c'était toujours, justement, comme vous le disiez... cela suintait des mots qu'ils employaient, de leur façon de prononcer certains mots... Ces mots permettaient de déceler leur présence. Des mots qui là-bas s'emploient couramment sans que personne trouve rien à y reprendre... Mais même quelqu'un d'ici en les entendant n'oserait jamais... Ce sont des choses auxquelles on ne touche pas. Dont on ne parle pas. On reçoit ces mots sans broncher, sans oser faire un mouvement... — Quels mots? Dites-moi, cela m'intéresse énormément. — Eh bien, le verbe faire, tenez, par exemple... Je m'en suis préoccupé beaucoup dans mon enfance... C'est un verbe riche en possibilités... C'est une arme à plusieurs tranchants... Il produit parfois des ébranlements... Les ondes se répercutent très loin... Je me rappelle une lettre de mon oncle à ma mère où il lui avait écrit : « Je fais une pleurésie. « Ce mot « fais » employé ainsi... il m'a mis mal à l'aise... je ne savais pas pourquoi... il y avait là une sorte de soumission, une passivité d'objet, une humilité un peu abjecte... Et en même temps quelque chose qui s'étale, qui se vautre... Je fais une pleurésie. J'ai fait une crise cardiaque... c'est comme si on était forcé de toucher... je ne sais pas... Je sentais une répulsion, j'avais envie de m'écarter... J'ai toujours éprouvé cela quand quelqu'un de là-bas se révèle ainsi par un de ces mots. Ce sont des signes qui ne trompent pas. C'est étrange, si on leur parlait de cela, à ceux de là-bas, on aurait beau leur expliquer, ils ne pourraient jamais comprendre... » Elle scrute son visage. Son regard est attentif et grave... « Ou peut-être feraient-ils semblant de ne pas comprendre. Les gens sont peut-être moins différents que vous ne croyez... que vous n'avez cru, quand vous étiez enfant... — Oui, parfois maintenant je me dis qu'ils ne veulent pas... peut-être parce qu'ils sont craintifs, ou un peu paresseux, ou humbles... Ils n'osent pas se fier à leurs propres sensations, ils ne donnent droit de cité qu'à ce qu'on leur a montré, à ce qui est connu, reconnu, classé... Et comme personne ne leur a jamais parlé de cela... Personne ne leur a jamais demandé de ne pas employer ce mot, ni expliqué pourquoi... Il aurait fallu que ce mot ait blessé quelqu'un dont ils savent que ses blessures méritent d'être considérées avec respect... il aurait fallu pour

qu'ils se laissent persuader que Baudelaire, par exemple, ait été blessé par ce mot-là et l'ait dit dans un poème, ou même dans ses carnets intimes... même dans une lettre, cela aurait suffi... Mais quand il n'y a aucune référence... — Oui. Je comprends... Mais quel âge aviez-vous quand vous pensiez tout cela? — Oh je ne sais pas... j'étais encore petit... peut-être sept ou huit ans... — Moi j'étais à cet âge-là un vrai bébé... Elle sourit tendrement, contemple une image d'elle-même... Je jouais à la poupée. Les mots pour moi, à cet âge-là... — Oh! vous avez dû oublier... C'est l'âge où les mots sont des jouets... qu'on ouvre, qu'on casse... on veut voir ce qu'il y a dedans... — Vous y jouiez beaucoup? — Oui, c'était une vraie manie... » Ici entre eux il n'y a pas d'indiscrétion, pas de réserve, pas de fausse modestie, aucune pudeur... Ici tout est pure spontanéité, élans, liberté parfaite de chaque mouvement... abandon... insouciance confiante... « Je crois même que ça a commencé avant, dès ma petite enfance. Mon lit avait encore des barreaux... Je me souviens... Assis la nuit dans mon lit je jouais aux mots... Ils prenaient toutes sortes de formes... Pendant des heures je les prononçais, avec toutes sortes d'intonations... Plus tard j'ai eu des périodes occupées par un seul mot... Il y en avait un, je me rappelle... il sent sur son propre visage un sourire tendre, sa voix s'amollit, se mouille... Le mot héros... hérauts claironnant... erre haut... un moine errant sur la montagne... » Elle se penche en avant... ses yeux clairs aux pupilles dilatées sont devenus transparents... au fond une petite lueur vacille... « Ah oui. Je vois. C'était, tout ça... Oui, ça faisait... vous faisiez vraiment enfant prédestiné. »

Regardez-le. Je l'ai ramené. Capturé au cours d'une brève razzia. Rien de plus facile. Ils ne demandent tous au fond qu'à se laisser prendre. Ils viennent d'eux-mêmes se livrer... Coquets... étalant leurs charmes... Captives consentantes qui espèrent en secret devenir l'épouse du roi.

Maintenant on a peur, on tremble, on voudrait retourner chez soi... Comment a-t-on pu se laisser aveugler au point de se mettre à la merci de ces brutes barbares? Perdre toute pudeur? Se commettre ainsi, s'encanailler?

Voyez ces regards de détresse que le pauvre jette à la dérobée autour de lui. S'il l'osait, il se boucherait le nez. Les miasmes que nous dégageons l'incommodent. Il est si délicat...

Mais il est trop tard. On le tient. Ça lui apprendra. Il était là à rôder, cherchant à attirer notre attention, espérant qu'on l'aiderait à franchir nos lignes. Il a fait état de ses exploits. Il a pensé qu'il lui suffirait de désertir pour qu'on lui propose aussitôt chez nous un poste de commandement.

Mais il ne peut en être question. Voici vos papiers. Vous allez servir ici avec le rang d'aspirant. C'est déjà beau. La préposée à la distribution des vêtements d'un seul coup d'œil voit ce qui lui convient. Il n'est pas le premier dans ce cas, elle en voit tant. Il est déshabillé, on lui passe ses sous-vêtements, ils font partie de la tenue réglementaire. On lui fait endosser son uniforme.

Non, pas ça. Je ne veux pas... pas ça... Il tourne sur lui-même, il se déboutonne, il arrache ses vêtements... Non, je n'ai rien brigué... J'ai juste répondu honnêtement quand vous m'avez interrogé... Je ne songeais pas un instant... Je ne voulais pas, pour rien au monde... laissez-moi repartir, rentrer chez moi... J'ai été attiré dans un guet-apens... Il pousse des cris pitoyables.

Vous ne vouliez pas? Vraiment? Vous ne saviez pas ce que vous disiez? Vous osez prétendre cela? Vous ne saviez pas du tout ce que signifiaient vos réponses. Vous ne prétendiez à rien quand vous avez rempli les fiches, accompli les formalités. Vous n'avez pas voulu montrer que vous étiez digne de figurer parmi ceux-là, hein, les enfants prédestinés? Vous osez le nier? — Non je n'y pensais pas, je ne savais même pas que c'étaient des fiches. Avec quelle encre invisible était-ce indiqué? Je n'ai vu qu'une feuille blanche sur laquelle j'ai tracé en toute sincérité... pourquoi aurais-je refusé? Chez nous on ne connaît pas ces fichiers, ces grades.. Je n'ai pas appris...

Il n'a pas appris. Voyez l'hypocrite, l'imposteur. Que vous disais-je? Il mérite cette tenue. Elle montre qu'il a été accepté sous toutes réserves. A titre provisoire. Parce qu'on a eu la bonté de céder à ses supplications. Vous faisiez enfant prédestiné. Jusqu'à nouvel ordre, puisque vous avez fourni tant de preuves... vous-même... C'était dangereux de vouloir soi-même prouver... En pareil cas, « faisiez » est ce qui convient. On ne reviendra pas là-dessus. Inutile de vous débattre, de protester. Vous faisiez enfant prédestiné.

« Faisiez. » C'est tout ce que je peux pour vous. « Faisiez » est juste et décourage les imposteur. « Faisiez » indique que vous avez voulu remplir les conditions, que vous êtes venu vous soumettre à nos lois. « Faisiez c'est tout ce que vous méritez, ne protestez pas. Vous faisiez — sans plus. Ça ne vous suffit donc pas?

Mais que veut-il enfin? Il veut —on a peine à croire à tant de prétention — il voudrait trôner, comme ça, sans autres preuves, sans plus d'efforts, parmi ceux qui sont admis sans réserve. « Faisiez » lui déplâit. Il « était figurez-vous... L'insensé essayait de nous faire croire ça. Il veut être déjà parmi ceux qui arrachent, qui froissent et jettent, ceux qui ont le droit de raconter comment, pendant que tout le monde dormait, ils se levaient et marchaient au clair de lune sur les bords des toits, raides dans leurs longues chemises blanches, parlant, récitant à voix haute, leurs yeux grands ouverts sur la nuit.

Hérault, héraut, héros, aire, haut, erre haut, R.O., rythmé sur le bruit du train roulant à travers les plates plaines blanches. Les images surgissent l'une après l'autre, tirées de sa collection...

Hérault... la corne mauve aux contours mous s'étend le long de la mer bleue. Son bout étroit, recourbé, s'encastre dans l'Aude jaune. Dans son creux sont insérés le Tarn orange, l'Aveyron vert. Le Gard rose bouche l'ouverture de la corne...

Héraut... Il s'avance lentement, très droit sur son cheval caparaçonné. Il est coiffé de sa toque de vair, revêtu de la dalmatique de velours violet. Il tient dans sa main le caducée.

Ses cavaliers le suivent. Tout bouge et chatoie, les bannières, les étendards, la soie, les broderies d'argent et d'or, les bijoux, les fourrures, le cuivre des trompettes, l'acier des armes...

Héros... Il est étendu sur le dos sous le ciel sombre plein d'étoiles. Son bras droit est replié. Sa main raidie serre la hampe du drapeau déchiré qui couvre son visage et le haut de son habit blanc...

Aire haut... le brouillard s'écarte et découvre le nid d'aigle dans un creux du rocher à pic. Tout en bas, dans la vallée, les maisons sont de minuscules cubes blancs et gris...

Au suivant : Erre haut... Voici le moine dans sa robe de bure. Le vent qui souffle à travers la montagne agite ses cheveux. Il marche à grandes enjambées. Ses pieds nus foulent l'herbe rase, les courtes fleurs violettes, jaunes, blanches...

R. O... R, sur ses pattes écartées de bouledogue attend. O, le cercle est bouclé. Tout se referme et on recommence...

Hérault... La branche immobile du pin parasol s'étend au-dessus de l'auvent recouvert de tuiles arrondies orange et roses. Elles descendent en- pente douce, leurs petites voûtes s'emboîtent les unes dans les autres. Dans les rainures, entre les rangées, il y a des traînées d'aiguilles de pin jaunies, quelques pommes de pin...

Héraut... — Mais qu'est-ce que tu marmonnes depuis une heure? Tu parles tout seul. Tu ne regardes rien. C'est pourtant si joli. Combien d'enfants seraient ravis de pouvoir faire un pareil voyage. Mais tu ne vois rien. Je te l'ai dit souvent : l'essentiel, c'est d'être capable d'attention, de posséder le don d'observation. Il est pourtant si aigu d'ordinaire à ton âge. Mais tu es toujours tourné en dedans, en train de ruminer. Dis-le-moi, mon chéri, tu as de nouveau tes « idées »? Tes peurs? — Non. Pas ça... Mais ça tourne dans ma tête... C'est juste des mots... Ils tournent dans le bruit du train... — Regarde, on abat des arbres. Ici toutes les maisons sont en bois, tu as remarqué? même les églises... les forêts sont une des grandes richesses de ces régions. On a dû te l'apprendre en classe de géographie... C'est

pareil dans tous les pays du Nord, tu verras, nous irons aussi un jour en Suède... en Finlande...

Il perçoit en elle le petit crépitement familial : c'est cette paresse inquiétante, comme chez son oncle... il était si doué, et puis un beau jour il a coupé le fil du téléphone, il a jeté le chat par la fenêtre, il a fini lui-même par sauter... maintenant il erre... erre haut, non, pas ça, c'est fini, arrêtez... des formes blanches avancent entre les croix et les cyprès... cachez-le, couvrez ce tableau, là, sur le mur... je ne peux pas m'empêcher de le regarder... réveille-toi, c'est un cauchemar, quel enfant nerveux tu fais... regarde... La plaine blanche s'étend sans fin avec des bosquets de bouleaux, des sapins couverts de neige... des bras de fantômes se tendent... où sommes-nous emportés? je veux revenir, arrêtez... mais ne crie pas comme ça, tu es fatigué, ça ne m'étonne pas, le voyage est si long, ferme les yeux, ça te reposera... la procession de moines la tête couverte de cagoules blanches s'avance lentement... héros couché sur le dos dans le cercueil couvert du drap mortuaire, entouré de cierges... Hérault... tu ne sais pas tes sous- préfetures... erre haut... mais tu marmonnes de nouveau, ça te reprend...

Hérault, héraut, héros, aire haut, erre haut, R.O... le bruit du train a accroché cela, le bruit cadencé des roues va traîner ça pendant des heures, les images se succèdent de plus en plus vite... aussitôt le mot prononcé, l'image apparaît... les mots tour à tour les soulèvent, les sortent, on peut les intervertir sans ralentir leur mouvement rythmé sur le bruit des roues... Il n'a plus prise sur elles... il ne peut plus les arrêter... c'est comme se ronger les ongles, extraire les crapauds de son nez, sucer son pouce... comme les démangeaisons que provoquent les éruptions, l'agitation monotone que donne la fièvre... elle se penche sur lui, elle passe ses doigts sur son front, elle palpe la moiteur de son cou, elle le prend par les épaules, elle le force à s'asseoir bien droit et elle lui montre : « Regarde donc ce qui arrive... regarde par la fenêtre... là-bas... ce cheval arrêté, tu vois, il ne peut plus avancer, la neige est trop épaisse, la route est barrée... regarde ce qu'il transporte. Moi je ne distingue pas bien. Qu'est-ce que c'est? — C'est un chargement de bois. Quel bois est-ce, crois-tu?... et il se prête à cela... comme le chat qui se tourne docilement quand on lui cherche ses puces, comme le chien à qui on arrache délicatement avec quelques poils les tiques

incrustées dans sa peau... il se laisse faire... il sait que c'est pour son bien... — C'est du sapin ou du bouleau. — Tu en es sûr? Pourquoi? — Mais parce que ce sont les arbres qui poussent ici. C'est pour ça que toutes les maisons... — Tu te rappelles, tu disais : Quand je serai grand, je construirai des maisons hautes et étroites comme des tours... tu jouais aux constructions... tu crois que tu aimerais encore?... Il opine de la tête... Mais il faudrait, mon chéri, que ton calcul marche mieux... il faut être très fort, tu sais, pour construire des maisons, des ponts... Je parie que tu as oublié l'addition des fractions... Non, demande-moi, tu verras. »

Le voilà nettoyé, soulagé... maintenant juste ça... «Je t'ai entendu tout à l'heure... » il se rétracte légèrement... elle se penche, allons, encore un peu de patience et ce sera fini... « Tu répétais un mot...— Oh non, ce n'était rien. — Si. Dis-moi. Qu'est-ce que c'était? Tu avais l'air si absorbé... » Il faut être raisonnable, c'est pour son bien... se laisser faire... « Je répétais le nom d'un département. Hérault. — Ah c'est ça... tu disais par moments Héraulltte... en orthographe tu es très fort. Tu te souviens encore des chefs-lieux et des sous-préfectures? — Oui. L'Hérault, chef-lieu Montpellier, sous-préfectures : Sète, Béziers... — Bravo. Et qu'y a-t-il autour? — Autour... il se sent content, apaisé comme en retrouvant dans un jeu de puzzle la place d'un fragment... maintenant il suffit d'appuyer avec la paume de la main pour le faire rentrer et il va s'emboîter... Autour : d'abord en bas la mer... — Quelle mer? — La Méditerranée. Le golfe du Lion. Et puis, de gauche à droite, ou mieux, de l'ouest à l'est : l'Aude, le Tarn, l'Aveyron, le Gard. »

Qu'est-ce que tu rumines encore? regarde plutôt par la fenêtre comme c'est joli, regarde ces petites maisons... à ton âge, je pouvais rester devant elles pendant des heures, mon cœur fondait... ces fenêtres ouvragées... comme des dentelles, regarde ces jolies couleurs... et tous ces pots de fleurs, ces rideaux blancs... c'est comme les maisons des contes de fées... celle-ci... tu la vois? tu te rappelles celle sur trois pattes de poule? c'est elle... tu ne crois pas?...

Viens voir les petits lapins, n'aie pas peur, étends ta main, c'est doux, n'est-ce pas? on dirait de la soie... caresse-les... là... comme c'est doux... Et ces agneaux nouveau-nés, tu vois, leurs pattes sont encore molles, ils titubent... cette plume, elle est jolie, tu as raison, il

faut la garder... et ce marron, comme sa peau est lisse... tiens, sens cette mousse... si tu fermes les yeux, tu pourras mieux sentir l'odeur... c'est d'une fraîcheur... regarde les ombres des branches qui se reflètent dans l'eau, on les voit trembler... et ces feuilles de toutes les couleurs, ces fleurs, ces sources, cette herbe, ces cailloux, ces écorces...

Des ondes qu'elle émet... un courant sorti d'elle le traverse, lui fait étendre la main et la promener sur la fourrure des lapins, sur le duvet des poussins, sur la tête pelucheuse des agneaux, sur la peau sèche et tiède de la plante des pattes des petits chats, des chiots, sur les bourgeons collants ou couverts de poils soyeux, sur les plumes, sur les pétales, lui fait lever les yeux vers les nuages, le ciel, les cimes des arbres, le fait se pencher pour ramasser des feuilles mortes et les lui rapporter, les poser sur sa robe, entre ses genoux écartés, et attendre... elle va lui dire : comme elles sont jolies... regarde ces couleurs... pourpre, cuivre, or, fauve, orange, rouge vif...

« Regarde ce que je fais. D'un seul mot je peux faire surgir des images de toutes sortes. On peut les varier... — De quels mots, mon chéri? — Par exemple du mot Hérault... Il en donne plein... il suffit de le prononcer, l'image sort. Hérault... et je fais venir la maison de Tatie. Héraut... un héraut s'avance sur la route, vers le château fort... Héros... un officier en habit blanc... il crie, il s'élançe, ses hommes le suivent... Aire haut... on bat le blé sur un haut plateau, la menue paille vole, les ânes et les chevaux tournent... Erre haut... une cordée perdue dans la tempête de neige... et à la fin R.O. Et crac, tout s'arrête. C'est comme un paquet de cartes qu'on a déployé et qu'on referme. — Mais comme c'est amusant. Mais tu sais, il me semble qu'il t'en manque. Tiens, en voilà d'autres, je vais t'en donner. Tu as Air haut... Une belle princesse qui descend fièrement les marches de marbre rose de son palais. Elle se tient tête haute. Les courtisans s'inclinent sur son passage. Elle regarde au loin d'un air pensif... Et encore Air, oh... Un moribond sur son lit à baldaquin... Ce serait un baldaquin de serge, couleur pourpre... l'homme halète, il étouffe, ses lèvres s'entrouvrent, il prononce difficilement : air... et puis sa tête retombe, il rend le dernier soupir : Oh... Il y a aussi Air. Eau. Y as-tu pensé?

— Non. R.O. maintenant. Rrrr... le gros bouledogue se tient sur ses pattes écartées., sa gueule est grande ouverte, attention, il va te mordre, il se jette sur toi, tous ses crocs en avant, ouah, ouah, ouah. Non, va, n'aie pas peur. Voilà O. Tout est annulé. Zéro.

— A quoi penses-tu, mon chéri? Tu es là tout ren- cogné... Tu marmonnes comme un vieux grand- père... —Je ne marmonne pas... — Si, je t'ai entendu, tu parlais d'un héros... Tuteracoutais des histoires... — Non. Ce n'était rien. C'était juste des mots.

Elle attend, elle se tend, elle s'ouvre pour absorber, elle savoure l'avant-goût de ce qu'il va lui lancer : les contes de fées, les pays des merveilles, les joutes de chevaliers, les explorateurs descendant sur leurs radeaux les rivières infestées de reptiles, marchant dans la brousse, dans la jungle où les guettent les sauvages aux têtes emplumées, aux faces peinturlurées, parcourant les étendues glacées sur les traîneaux attelés de rennes, de chiens, dormant sur des arbres, sous la tente, dans des igloos... elle va happer cela, l'avaler... et il lui jette juste cet os desséché, rond, lisse, nu... pas le plus petit lambeau comestible dessus qu'elle puisse arracher, qu'elle puisse lécher... Rien. Juste des mots.

Des mots... Oh le trésor., il a dit : « des mots... » dans son innocence, dans sa candeur, avec cette pudeur, il a dit cela : non, ce n'est rien, c'est juste des mots...

Juste des mots... à elle, cela a pu arriver... Tous ces espoirs, toutes ces prémonitions pendant qu'elle le portait, cette prescience, cette certitude, cette fierté quand on le lui a montré, quand on l'a posé dans ses bras... Cela paraissait insensé... Mais qui a dit que ce sont toujours les fous qui gagnent? Il n'y avait pas la moindre raison de croire qu'elle, entre toutes, un jour serait visitée. Il y avait bien eu, dans la famille, un grand-oncle violoniste, une grand-mère qui avait tenu un journal au cours de son voyage aux Indes... des extraits en avaient été publiés dans la *Gazette du Poitou*... Mais de là à oser penser... C'était dément. Et voilà que cela s'est réalisé... est-ce possible?... Juste des mots...

Le méchant, le petit pervers qui prend plaisir à la faire souffrir, il a voulu la repousser, il a cherché à la décevoir, il a cru qu'il pourrait la tromper quand il a laissé

tomber cela de sa bouche maussade, avec son air de petite brute renfrognée... Non, ce n'est rien. C'est juste des mots.

« Des mots... Il se répète des mots. Il joue avec des mots... et pourtant on ne lui dit jamais rien pour le pousser, on évite de l'encourager, ces choses-là doivent venir naturellement, et les enfants sont si malins, ils sentent si bien l'admiration des adultes, ils sont si comédiens... Je savais qu'il a beaucoup d'imagination, ses devoirs de français sont déjà si bien tournés, mais vous avez raison... tous les enfants... je savais que ça ne signifiait rien. Je voyais ses lèvres remuer, il se parle à lui-même pendant des heures... je pensais qu'il se racontait des histoires... je sais, c'est ce que font tous les enfants... bien sûr, il est particulièrement sensible... il était encore tout petit quand il fermait les yeux pour renifler la mousse, l'herbe fauchée, il avait l'air extasié... il aimait passer sa main sur l'écorce des arbres, il ramassait des feuilles d'automne et il les assemblait et restait là sans bouger, à les contempler... mais ça... je sais ce que vous me direz... seulement vous avouerez... vous savez bien que les mots... les mots tout seuls, pour eux-mêmes, avec leur aspect, leur poids, leurs chatolements, leurs résonances... il passe des heures à les tourner et les retourner... il faut voir par moments son air presque hébété... — Oui, les têtes avec componction s'inclinent, il faut dire que ce penchant juste pour les mots... il y a là probablement, en effet, un signe... »

Il sent leurs regards qui l'effleurent comme en passant, comme se dirigeant ailleurs, il perçoit leurs chuchotements, même pas leurs chuchotements, il connaît ces échanges muets entre eux... tandis qu'elle le pousse devant elle...

Personne ne donne un centime à aucun des autres, de ceux qui quêtent, tenant dans leurs mains des feuilles d'automne, des bourgeons, des chatons, tendant des images de hérauts, de moines, de nids d'aigle, de pins parasols, d'auvents... mais elle a déposé dans la sébile qu'il leur tend quelque chose qui va les inciter à se montrer généreux... une belle pièce d'argent... Juste des mots... Les doigts fouillent dans les poches, dans les sacs à main... Voilà. Prenez: « C'est un des signes... un de ceux qui comptent... » « S'il y a quelque chose qui distingue un écrivain, c'est vraiment ça. » Celui-ci ouvre sa main pleine :

« Un poète n'est pas, comme on le croit, celui qui sait mieux que d'autres regarder la terre et le ciel, écouter le bruit de la mer, le gazouillis des sources et des oiseaux, un poète, vous en serez un, mon petit ami — les pièces sonnent, elle salue bien bas — un poète, on l'a dit et c'est vrai, c'est celui qui sait fabriquer un poème avec des mots. »

C'est sorti malgré lui : le premier mot venu. Il savait que ce n'était pas le mot qui convenait, il a saisi maladroitement ce mot au lieu de l'autre, il est si gauche, ses réflexes sont si lents, il a perdu la tête quand ils sont venus lui demander de se joindre à eux... cela n'arrive jamais... ils avaient sûrement besoin d'un joueur pour faire nombre... quelqu'un a dû au dernier moment refuser... il le savait, mais il a été comme balayé, une vague de bonheur a déferlé sur lui et l'a renversé, il s'est agrippé à n'importe quoi, à ce mot...

Il a été trop désinvolte, il était comme le joueur qui voit tout à coup monter devant lui un grand tas de pièces d'or et qui sûr de sa chance le pousse tout entier sur un nouveau nombre... Il a pris ce mot, dont ils se servent, et comme si ce mot lui appartenait aussi à lui, comme s'il était, lui, devenu semblable aux autres, l'un d'entre eux, négligemment il l'a avancé devant eux... « Qu'est-ce qu'il a dit? » Leurs rires déferlent...

Il est tout rouge, renfrogné, il est si empoté, si empêtré... il n'y a rien à faire, il ne sait pas jouer... il y a en lui quelque chose... Mais qu'est-ce que c'est? Qu'y a-t-il en moi, Madame, dites- le-moi... C'est quelque chose dont je ne m'aperçois pas, c'est comme une odeur que les autres sentent... Je suis pourtant exactement pareil à eux. Tout pareil. Juste un peu timide. Cela me conduit parfois à être maladroit. A trop oser... C'est peut- être ça? C'est le sens du ridicule qui doit me manquer... aidez-moi, je voudrais savoir, je ne demande qu'à me corriger... Elle soulève ses lèvres molles qui se retroussent très haut, dénudant ses gencives... Oui. Il est bien certain que vous faites assez inadapté...

Je suis perdu, j'ai peur, je suis seul dans le camp ennemi... sans défense... protégez-moi, j'ai été déposé dans une région dont j'ignore les coutumes, les lois... il y a là un mystère... une menace cachée... personne ne veut m'éclairer... — C'est vrai, vous ne savez pas. Ce sont des choses pourtant qu'on sait de naissance. Ça ne s'apprend pas. Ou plutôt on apprend cela tout naturellement, sans en être conscient, comme on apprend à se tenir debout ou à parler. Mais vous, c'est vrai, vous faites inadapté.

Ils sont comme des lutins, des gnomes malicieux... ils se roulent par terre, ils sautent à pieds joints des lits, des fauteuils, ils se jettent l'un sur l'autre sans raison et se battent... tous leurs gestes ont un air désordonné, distrait, un peu hagard... ils les interrompent sans cesse comme poussés par on ne sait quelle brusque impulsion, quel désir vague aussitôt oublié... ils glissent, se balancent, grimpent, s'enlacent, se donnent des bourrades, ils ont des fous rires, des sourires... ils savent ce qui les a provoqués sans rien se dire ou peut-être y a-t-il entre eux un langage qu'eux seuls perçoivent, des signes entre eux, qu'il ne connaît pas... Ils s'agglutinent tout à coup, se serrent, se disent tout bas des mots... ils pouffent de rire, ils se poussent du coude...

Leurs regards glissent sur lui comme sans le voir, ils n'ont pas l'air de sentir sa présence, de s'apercevoir qu'il est là tout tendu vers eux, les yeux fixés sur eux, observant tous leurs mouvements, planté là devant eux comme devant la cage aux singes, la fosse aux serpents... On se sent, n'est-ce pas, si différent... tout fier de l'être et en même temps on aimerait bien avoir leur corps flexible qu'ils plient, déplient, roulent, jettent, leur gaîté, leur insouciance... C'est bien connu, tout ça, c'est vieux comme le monde, cela a été depuis longtemps décrit, c'est depuis longtemps classé... Elles tiennent dans leurs mains un peu enflées... les bagues enfoncées dans la chair molle des doigts font des bourrelets... les bouts des doigts grassouillets aux ongles d'un rouge vif se redressent légèrement... il y a là quelque chose de répugnant qui donne envie de détourner les yeux... elles tiennent entre leurs doigts le cahier où elles inscrivent après chaque nom leurs observations... celui-ci... c'est très caractéristique... il a tous les signes : gaucherie, timidité, sentiment d'être différent, supérieur... — Oh non, Madame, pas ça... — Mais si, mais si, on connaît tout ça,

mon petit ami, on a étudié depuis longtemps la composition de ce mélange, il est fait de mépris, de nostalgie, d'envie, de l'impression d'être incompris, dédaigné, de détresse mêlée de volupté, d'un sentiment orgueilleux de solitude... Ce sont, à n'en pas douter, des symptômes caractéristiques... A noter : fait inadapté. Fait prédestiné.

Ils sont comme lui, tout pareils à lui, il en est sûr, ils doivent être sensibles à la droiture, à la simplicité, il suffit de s'approcher d'eux, de se mêler à eux comme si de rien n'était, comme si on était l'un d'entre eux, et de leur dire de l'air le plus naturel, sans d'avance se recroqueviller même un tout petit peu... ils perçoivent sûrement comme lui le plus faible mouvement et immédiatement à leur tour se rétractent... il faut avoir le courage de les regarder dans les yeux et de leur demander : « Quel mot vous avez dit? Je n'ai pas bien entendu... »

Ils sautent en l'air, soulevés par une excitation joyeuse, ils font des efforts pour essayer, entre deux explosions de rire, de prononcer : « On a dit... — Mais il ne sait pas ce que c'est... — Sa maman ne lui a pas expliqué, il devrait lui demander... — Oh non, elle le gronderait... » ils hochent la tête, font les gros yeux, plissent les lèvres... « Oh, qu'est-ce que tu dis là? Qui t'a appris ce mot, mon chéri? »

Ils savent faire tout cela très tôt, d'instinct, comme les jeunes chiens de berger qui savent de bonne heure faire entrer les brebis dans l'enclos. Ils sont dès leur jeune âge de bons petits propriétaires qui dressent et tiennent à jour leur inventaire. Ils savent saisir adroitement tous les mots qui passent à leur portée et les plaquer sur ce qu'ils trouvent autour d'eux... tisser avec ces mots un réseau de plus en plus serré qui couvrira entièrement leurs possessions, n'en laissera au-dehors aucune parcelle.

Rien ne doit se dérober à leur regard vigilant. Sur ce qui bouge dans les recoins ombreux, flageole, frémit, se dérobe,... informe, mou, vaguement inquiétant,... dans ce qui suinte, coule, saigne, palpite, ils lancent ces mots... ils les plantent dedans... rien ne leur répugne, ne leur fait peur, ils harponnent cela et ils le tirent à eux... ils regardent cela, étendu à leurs pieds... comme une charogne grotesquement étalée sur le dos, le ventre

ouvert, les pattes écartées, comme la peau sanguinolente, luisante, violacée des bêtes fraîchement écorchées... cela se dessèche et durcit au soleil.

Voilà le mot, puisqu'il le veut, ils le lui jettent dédaigneusement, puisqu'il n'a pas su lui-même se l'approprier, s'en servir... tout passe à sa portée sans qu'il étende la main... il est toujours en train de rêvasser Dieu sait à quoi, toujours dans la lune, perdu dans les nuages... ah ces poètes... qu'il le prenne donc, le voilà.

Il le saisit — quelque chose de dur, de pointu, de tranchant — et il le lance, il ferme les yeux pour ne pas voir la chair vivante où le mot s'enfonce qui s'ouvre, palpite, saigne, se débat... il tire à lui, mais rien ne vient, le mot sans avoir rien accroché lui revient : un objet grossier, hideux, comme ceux qu'on gagne aux loteries des foires... il le regarde, perplexe, embarrassé, il ne sait où le poser, qu'en faire... Il rougit, comme il est drôle, regardez-le, il est parfait... vraiment fait sur mesure... Si intact, c'est un signe bien connu, tant vanté depuis toujours, cette innocence, cette fameuse candeur...

Il voudrait s'échapper, mais elles se tiennent postées aux portes, elles gardent les issues. Il court de l'une à l'autre... elles avancent l'une vers l'autre, elles s'approchent de lui de chaque côté, elles le saisissent, elles se le renvoient, et lui, tout droit, ses bras le long du corps, il se fait inerte, un paquet qu'elles se jettent l'une à l'autre, qu'elles reçoivent, qu'elles repoussent... Je vous l'envoie... il fait inadapté... Je vous le renvoie... il fait prédestiné- Inadapté. Prédestiné. Inadapté. Leurs lèvres se retroussent au-dessus de leurs incisives écartées... le bout pointu de leurs doigts grassouillets aux ongles peints se redresse comme la queue d'un scorpion.

Impossible de faire un mouvement pour s'écarter, de laisser paraître de la répugnance. Même ceux qui lui sont le plus proches, ceux dont il dit qu'ils sont de son côté, qu'ils sont d'ici, le regarderaient avec sévérité... Qu'y a-t-il? Qu'est-ce qui vous gêne? Moi j'aime bien l'accent populaire. J'aime sa familiarité un peu gouailleuse... son débrillé si

bon enfant... Ne me dites pas que vous en êtes encore, comme les Anglais, à juger les gens sur leur accent... Même en Angleterre, aujourd'hui, ces façons... Mais ici, chez nous, on n'a pas de ces dégoûts... on ne se permet pas, sur de tels signes, d'établir des hiérarchies, de prononcer des exclusions... C'est vous qui méritez d'être mis au ban, exclu...

Humblement il essaie de se corriger. Ils ont raison, il doit y avoir dans ce dégoût quelque chose de louche, quelque chose d'invouable. Il faut écraser cela en soi, il faut le détruire, se mortifier... Que les molles voyelles traînantes librement s'étalent... La vaaalise... Il faut les traverser sans s'y arrêter, sauter à travers elles sans respirer, en se bouchant le nez, et regarder ce qui est là, par- derrière... et la voici... on voit son cuir d'un grain fin, patiné, satiné, l'éclat doré de ses ferrures de cuivre, son épaisse poignée arrondie, lisse au toucher... Les vaaaacances... et voici entre les rochers les criques d'émeraude, l'eau transparente où tremblent les moirures d'un sable intact... les cimes immobiles des pins, les soleils rouges, les rayons verts... « Oui, les vacances bientôt... Moi je n'aime que le Midi, la mer tiède... Et vous? Où irez-vous cette année? »

Mais on ne peut pas s'en tirer à si bon compte. Les molles voyelles graisseuses impitoyablement sur lui s'étirent, s'étalent, se vautrent... Ces vaaa- cances... la courte consonne finale apporte un bref répit, et puis on va recommencer... le soooleil... laaa meeer... le liquide aux relents fades qu'elles dégorge l'asperge...

Ne pas bouger. Pas un geste même furtif pour s'essuyer. Seulement après, quand le supplice a cessé, il ne peut plus se contenir, il a besoin coûte que coûte de s'assurer qu'il n'est pas seul, que d'autres, comme lui ont été torturés, il doit les contraindre avec précaution à avouer, à se rallier à lui... « Vous avez remarqué son accent?... Non, ne croyez pas, je n'ai rien, je vous assure, contre un accent un peu gouailleur... Il est parfois charmant, bon enfant, pétillant... il a une sorte de fraîcheur acide... J'ai un ami, un vrai titi parisien- Mais ici vous sentez bien qu'il y a quelque chose de particulier... quelque chose de pesant, d'appuyé... comme une violence sournoise, une agression... C'est comme si on promenait sur vous... »

Et eux, comme on recouvre de sel pour l'absorber la vilaine tache de vin qu'un maladroit a faite sur la nappe blanche, eux aussitôt se dépêchent de jeter là-dessus les mots qui vont résorber cela... « Sorti d'un milieu modeste. N'en a que plus de mérite. » Vite, ils lancent sur cette flaque de goudron poisseux qu'il a étalée devant eux quelques pelletées de sable... « Complexé. Orgueil. Un peu d'agressivité. » Les grains tombent... « C'est fréquent. Banal. Bien connu. En remet pour s'affirmer. Pas de quoi s'offusquer. » Voilà. C'est recouvert. On peut traverser cela, avancer, aller ailleurs, il n'y a rien à craindre. Ils ont réparé le désordre.

Ce qu'il faut, c'est ne pas résister, ne pas se contracter, c'est se laisser envahir docilement, dilater fraternellement ses narines et aspirer très fort, ouvrir la bouche en renversant la tête comme pour boire à la régalaide, et avaler... que dans sa propre gorge les voyelles se répercutent, qu'elles en sortent plus lourdes encore, se vautrent... laa vaaalise... la pêêêche au claiiair deu.eu.eu luuune... Et puis rire, lui taper sur l'épaule... Que vous êtes drôle, vous êtes tordant quand vous prenez cet accent... Vous ne trouvez pas? Si, n'est-ce pas, vous trouvez? Près de moi, près de nous, serrés les uns contre les autres, tous pareils, riant ensemble, surpris, amusés, regardons ce petit génie malfaisant qui vous habitait... il vous faisait mal... mais vous êtes exorcisé... il vous a quitté... voyez comme il est comique, ce diablotin qui gigote, qui se tord à nos pieds.

Mais autant essayer de faire revenir à lui avec des tapes fraternelles sur le dos, des rires moqueurs, un sadique en train de s'acharner sur sa victime. Rien ne peut le contraindre à la lâcher... Les vaaacances... elle est traînée, toute défigurée, grotesque, avilie, prostituée, un objet dont la brute se sert pour exécuter ses louches desseins... il faut la reprendre, la lui arracher, il faut oser, bravant le danger, héroïquement, avec une détermination tranquille, juste en rougissant un peu, comment s'en empêcher? articuler chaque voyelle avec une grande netteté, la ramener à ses justes proportions, lui rendre ses purs contours... Oui. Les vacances. La mer. La pêche... Voyez comme elle est belle quand on la traite ainsi, comme

cela se fait dans un pays civilisé, entre gens convenables, avec tous les égards qui lui sont dus... Comme elle se dresse, toute droite et légère, naturellement discrète, modeste et fière... sa limpidité, sa grâce innocente tiennent à distance, commandent le respect. On n'a pas le droit de porter atteinte à cela. Ce sont des choses de la plus haute importance... Il y a des gens qui pour les défendre... Je connais des précédents... Ce poète agonisant... non, pas cela... juste un homme, un homme comme vous et moi... on raconte qu'en entendant la bonne sœur qui le soignait dire : col- lidor, il s'est dressé sur son lit, et rassemblant ses dernières forces il a articulé très distinctement : cor-ridor. Et puis il est retombé. Mort. Pourtant comment comparer la faute innocente de la bonne sœur avec le crime que vous commettez?

Mais rien n'est plus dangereux, rien ne peut davantage exciter chez le tortionnaire le besoin de la ressaisir, de l'avilir...

La voilà aussitôt agrippée par lui de nouveau, la voilà, cette fois, traînée plus loin, serrée plus fort...

rampante, hideuse, déformée, tuméfiée, boursouflée... Vous saavez... les vaaa... son bourreau, comme à bout de forces, enfin à contrecœur la lâche... cances... juste pour un instant... Et puis, ne vous en déplaise, mon petit, il va falloir qu'on recommence... laaa meer... je n'aiaiaime que laaa Meeediiterraaanéee...

Arrêtez, vous entendez. Pourquoi faites-vous ça? Où avez-vous été chercher cet accent? Vous nous cassez les oreilles. Qui parle ainsi? Qu'est-ce que c'est que cette imitation d'accent gouape, genre apache 1900? C'esJ ridicule, je vous assure... c'est démodé, c'est prétentieux...

Mais tous aussitôt, ceux même, ceux surtout qui se sont toujours montrés à son égard compréhensifs, indulgents, se dressent horrifiés, crient à leur tour... Comment osez-vous? Comment pouvez-vous vous permettre? Vous avez rompu tous les interdits. Attenté

à quelque chose à quoi personne n'a le droit de toucher, quelque chose de sacré... Vous avez suivi à la trace ce qui sortait là, vous avez osé remonter jusqu'à cette source en lui, atteindre ce lieu préservé en chacun de nous d'où cela a filtré... ce point vital... vous avez attenté à cela, commis ce viol... Voyez maintenant comme il vous regarde... ses yeux étonnés d'animal blessé à mort... — Non, ce n'est pas vrai. Rien d'inviolable ici. Aucune source que personne n'a le droit de profaner. Ce qui sort là n'est pas une pure émanation, une sécrétion qui suinterait du plus profond de lui-même à son insu... pas même un venin qui jaillirait malgré lui... il y a là une froide détermination, le dessein délibéré de bafouer, d'avilir, de détruire... C'est une agression intolérable, un attentat... Pour moins que cela un poète sur son lit de mort s'est dressé... — La preuve de la préméditation. Fournissez la preuve. Il nous faut une preuve absolue, vous entendez? L'avez-vous? — C'est une certitude. — Fondée sur quoi?—Je ne sais pas... Je le sens... Vous le sentez aussi, comme moi... — Il n'y a pas de sensation qui compte. Pas de présomption. C'est trop grave. Il faut une preuve irréfragable. Et il n'y en a jamais. Il y a toujours un doute possible. Donc il faut se soumettre. Il faut accepter. Comme nous faisons tous. Personne n'a le choix.

Rien ne lui échappe, pas le plus léger soupçon de mouvement, pas le plus faible frémissement de dégoût, de douleur, pas un gémissement aussitôt étouffé... il sait qu'il a visé juste... il sent délicieusement, sans que vous bougiez, au plus secret de vous-même quelque chose qui palpite à peine, craintivement se débat... et là il appuie... là-dessus en toute impunité il se vautre... ses molles voyelles étalent là leurs chairs flageolantes de méduses, appliquent là leurs ventouses d'où suinte un liquide urticant... La vaaaalise... comme on rosit... à peine... on a envie de baisser les yeux, mais on n'ose pas... sage... bien sage... pas de contorsions... il faut subir, n'est-ce pas? il n'y a pas moyen de faire autrement...

Oui, il faut se résigner. Ils ont raison. Il faut se durcir. Perdre cette sensibilité de princesse au petit pois. Il faut surtout se débarrasser de ce respect. De cette vénération

enfantine. On peut même, pour mieux les perdre, s'entraîner à prendre soi-même quelques libertés, de temps en temps s'amuser à la bousculer légèrement, l'étirer juste un peu... les vacances... la traiter un peu sans façons, avec familiarité, avec désinvolture. Cela peut réussir. On s'habitue à tout. C'est une question d'entraînement. On peut finir par le faire naturellement, sans y prendre garde.

Alors peut-être l'agresseur qu'aucune ruse ne peut tromper, ne percevant en vous plus rien qui palpite, assuré que vous ne lèveriez pas un doigt pour la protéger, que vous ne ressentiriez à la voir délivrée et rétablie dans ses droits aucun apaisement, aucun sentiment de triomphe, que vous êtes complètement indifférent à son sort, alors peut-être il se décidera à desserrer son étreinte, à lui laisser reprendre sa forme.

Elle n'attirera plus l'attention de personne, naturellement discrète comme elle est, toujours prête à s'effacer, à se rendre invisible... on l'oubliera.

Tous trois ensemble bringuebalés, chacun un bras levé, la main serrant la poignée de cuir, la ronde et lisse barre de métal, s'appuyant légèrement les uns aux autres, riant quand un cahot plus fort les fait se cogner, se souriant avec un air de solidarité tendre... Une tiédeur, une confortable, une rassurante, assoupissante chaleur émise par chacun de l'un à l'autre se répand... Qu'on est bien... C'est comme si on ne s'était jamais quittés... comme des compatriotes qu'un long exil a séparés, qui se retrouvent enfin... même dialecte, mêmes souvenirs d'enfance... Il n'y a pas de hâte. On a maintenant tout le temps de se parler... Mais a-t-on besoin de parler, de raconter? Pourquoi évoquer les épreuves passées, les blessures qu'un ennemi commun nous a infligées, les viols, les profanations... C'est loin maintenant, tout cela... il vaut mieux l'oublier... D'une main se cramponnant à la poignée de cuir, à la barre de métal, ils bringuebalaient, ils se cognaient, ils rient... « Heureusement on arrive bientôt... Oh là... excusez-moi... Je vous ai fait mal? — Mais non, ce n'est rien... — Ah, à vous elle pardonne tout... Mais vous savez, elle n'est pas comme ça avec tout le monde... Vous ne savez pas comme ce genre de choses peut parfois la rendre irascible.

Vous savez ce qu'elle m'a dit, un jour que j'ai renversé un peu d'eau sur sa robe?... Petit imbécile! »

On dirait qu'elle se redresse, qu'elle se tend... « Petit imbécile! Vous ne pouvez donc pas faire attention? » Entre eux quelque chose a passé, un signe entre eux a été échangé... pareil à ce léger mouvement de la tête que font deux déménageurs qui ont saisi par chaque bout un objet pesant et s'appêtent d'un commun accord à le soulever... un mouvement qui signifie : Tu y es? On peut y aller?... Petit imbécile! Elle m'a dit ça... et elle acquiesce, elle rit... Ils l'ont soulevé et déposé à distance, une « distance respectueuse », comme c'est bien dit... c'est de là que maintenant il les contemple : le couple incomparable. Lui, l'homme unique. Lui dont personne jamais, pas même son pire ennemi, ne se risquerait à dire, même en chuchotant, dont personne n'oserait même penser qu'il n'est pas la suprême intelligence... Et elle qui seule a pu se permettre cela : « Petit imbécile! » A lui! Elle lui a dit ça. Elle, sa seule égale, elle sa compagne royale, d'elle seule il peut l'accepter, devant elle il s'est incliné... Sur le visage de leur sujet un air stupéfait, scandalisé se répand... Et puis voilà ce qu'ils exigent tous deux, debout l'un près de l'autre sur l'estrade, ce qu'elle attend : la vénération le fige au garde-à-vous à leurs pieds, il lève vers elle des yeux qu'écarquille l'émerveillement.

Face à la tribune d'où ils nous observent, en rangs impeccablement alignés nous les saluons, nous agitions nos petits drapeaux, d'une seule voix nous poussons des vivats... Que s'est-il passé? Comment suis-je là? Il y a encore un instant, tous trois pareils, nous ébattant comme dans notre élément naturel, loin de la foule stupide... — Que dit-il? Que marmonne-t-il entre ses dents? — Monsieur n'est pas content... il n'est plus dans son élément... — Son élément? — Oui, figurez-vous, il rêvait qu'il se promenait parmi les élus sur les prairies fleuries où les grands esprits enfin réunis dans « la lumière réelle », dans la parfaite sérénité devisent ensemble... — Mais mon petit ami, réveillez-vous. Regardez où vous êtes. Vous n'avez jamais bougé d'ici. Toujours parmi nous, en train de contempler... tout tendu, aux aguets... prêt à bondir comme nous au premier signe d'approbation, d'encouragement... Flatté quand un beau jour ils ont daigné... — Flatté? Moi? Moi, flatté? Pas une seconde.

Vous n'y êtes pas. Flatté de quoi? On était tout proches, des égaux... Eux-mêmes l'ont reconnu... Ils me l'ont dit... — Ils le lui ont dit! Oh c'est trop drôle, laissez-moi rire...— Oui, ils l'ont dit. Et ils ont eu raison. On sentait tout de la même façon. Tout. Les mots. Les accents. Pas même besoin entre nous d'en parler. Il suffisait que l'un de nous trois effleure en passant la moindre nuance... moins que rien... on vibrait à l'unisson... Flatté! Mais quand ils sont venus à moi, j'ai trouvé ça tout naturel. Des retrouvailles. Je n'étais même pas surpris, si vous voulez que je vous dise la vérité. Je les attendais. Comme le douanier Rousseau encore obscur quand des farceurs lui ont fait croire que Puvis de Chavannes, la grande gloire du moment, venait lui rendre visite... il n'a montré aucun étonnement, il a dit simplement bonjour, je t'attendais, provoquant les rires des imbéciles... Ils rient de plus belle. Ils se poussent du coude... — Oh c'est parfait. Encore mieux qu'on ne pensait... Vous avez remarqué? Le douanier Rousseau, c'est lui, et les autres des Puvis de Chavannes... — Oh magnifique. Oh maintenant confiez-le-moi. J'en fais mon affaire. Laissez-moi m'en occuper... Que ce sera bon... Vous allez voir... Regardez-moi... Ils s'écartent pour mieux voir, ils font cercle... Écoutez, vous avez bien dit : la célébrité du moment? Vous l'avez dit? — Bien sûr, qui ne sait maintenant... — Oui, oui, nous le savons tous, ce n'est pas de cela qu'il s'agit... Vous avez dit : du moment, hein? seulement du moment, tout comme ceux-là, ces deux faux grands... Alors pouvez-vous me dire pourquoi avec eux tous ces élans, cette touchante fraternité? pourquoi c'est à eux, précisément, que vous vous êtes ouvert, étalant devant eux vos richesses secrètes, vos petits trésors... « A personne d'autre qu'à vous... Vous seuls... Vous êtes les premiers... » On leur susurrerait cela... on leur livrait ce qu'à tout le monde on cachait, même aux vraies âmes-sœurs qui peut-être auraient pu se trouver moins loin qu'on ne croyait, peut-être, qui sait, tout près... il suffisait de regarder... mais voilà, on est bien trop paresseux, trop timoré, bien trop obéissant... se soumettant docilement à nos lois... venant manger dans notre main... cherchant à se faire accepter par ceux-ci, précisément, ceux-ci que nous avons portés au pouvoir, nous la foule stupide, nous si réputés pour nos fabrications de faux génies, de fausses gloires... Allons, vous êtes bien des nôtres. Vous n'avez jamais bougé d'ici. Avec nous devant eux au garde-à-vous, chacun notre petit drapeau à la main. Chacun à sa place, hein, pour le moment. Eux au moins savent où ils sont. Ils ont bien dû s'amuser à voir votre air béat quand ils vous ont emmené, tout soulevé de bonheur, vous collant à eux... c'est un peu poisseux, on a envie de lui

donner une petite chiquenaude pour l'écarter un peu... « Petit imbécile, elle m'a dit ça... — Elle vous a dit ça? Oh, c'est trop drôle... On rit tous les trois, on se comprend... — Et maintenant nous voilà arrivés, allons, venez, on descend... »

Tous trois pressés de toutes parts, un instant séparés, s'attendant, enfin réunis, ils se faufilent l'un derrière l'autre, se suivant sur les talons, ils forment à eux trois un seul tronçon qui serpente à travers la foule.

« Ah, encore les Ballut? Mais mon cher, c'est une idée fixe... » Un courant chaud parcourt son corps, ses joues brûlent, il baisse les yeux, il bafouille...

Ah, encore les Ballut? le grand policeman qui l'avait à l'oeil depuis un moment, qui observait avec attention ses manœuvres étranges lui a posé la main sur l'épaule : allons, pas d'histoires, inutile de protester, on vous a vu.

Ah, encore les Ballut... ils peuvent maintenant se permettre cela, les règles du respect humain ne jouent plus, ils peuvent traîner sous la douche, enfermer derrière des fenêtres grillagées, entre des murs capitonnés les forcenés, les maniaques, les pervers, les exhibitionnistes, les voyeurs et autres de leur espèce, se cachant dans les buissons, longeant les murs; sifflotant toujours le même air sinistre, épiant derrière les fenêtres éclairées les fillettes agenouillées au pied de leur lit, ouvrant et refermant au fond des poches de leur pantalon leurs doigts d'étrangleur.

Ah, encore les Ballut? mais mon cher, c'est une idée fixe... Brusquement, par derrière, alors qu'il avait pris toutes ses précautions, observé toutes les gradations et qu'il croyait venu le moment où il pourrait sans éveiller leur méfiance soulever pour une seconde sa soupape de sûreté et laisser sortir juste un fin jet de vapeur, deux ou trois mots... Mais il avait sous-estimé leur vigilance.

Il a pourtant été prudent. Aucun appel au secours, pas une plainte, un soupir pour attirer leur attention, pour qu'ils viennent voir... c'est là en lui, il ne sait pas ce que c'est... c'est comme un fluide, comme des effluves... un mot quelconque, tout à fait banal, a

transporté cela, un mot a pénétré en lui, s'est ouvert et a répandu cela partout, il en est imbibé, cela circule dans ses veines, charrié par son sang, des caillots se forment, des engorgements, des poches, des tumeurs qui enflent, pèsent, tirent... Et avec l'obstination des maniaques il cherche à découvrir d'où viennent les élancements, il palpe les endroits douloureux pour trouver leur place exacte, délimiter leurs contours... cela enfle toujours plus, cela appuie, il a besoin d'être soulagé, il lui faudrait des soins immédiats, une incision, une ponction, une saignée... Mais ils ont toujours si peur d'être salis, contaminés... pour obtenir leur aide il faut prendre certaines précautions, leur faire sentir qu'ils n'ont rien à craindre. Il ne leur demandera rien qui ne soit pour eux parfaitement inoffensif et même salubre, même agréable. Quelques exercices pratiqués en commun dont les effets bienfaisants sont depuis toujours connus, qu'une hygiène immémoriale recommande.

Il ne sera pas question de fluides, d'effluves, de mots propagateurs de germes, venus on ne sait d'où, jaillis de n'importe qui, flottant dans l'air partout, l'air autour de nous en est rempli... ils s'en détourneraient aussitôt... Non. Seuls ceux de la bouche desquels les mots sont sortis vont retenir notre attention. C'est eux qu'il nous faut. Eux seuls. Et il n'y a que l'embarras du choix. Il est prêt à leur offrir qui ils voudront, peu lui importe. Il a cette chance d'avoir le don de faire surgir à volonté, de montrer, ressemblants à souhait, plus vrais que nature, chacun avec ses traits distinctifs, son aspect physique, son accoutrement, son caractère, ses gestes, ses tics, les Ballut, les Chenut, Dulud, Perroud, les Signet, Tarral, Suzanne Magnien, Paul Artel, les Boulier, les Fermont, Jean Cordier... n'importe qui, seul ou par couples.

Son public assis autour comme au théâtre en rond s'exclame, s'esclaffe, on se pousse, on se donne des tapes sur le bras sans se regarder, on ne veut pas perdre une seconde du spectacle... « Oui, c'est ça exactement, je l'ai remarqué aussi, pas vous? — Bien sûr que si... c'est lui tout craché... » Une même vibration les parcourt, c'est vraiment ce qu'on appelle être sur la même longueur d'onde.

Les Ballut... et aussitôt les amateurs, les collectionneurs avancent la tête, tendent le cou, leurs yeux luisent... « Oh oui, c'est ça, les Ballut, racontez-les-nous. »

Donc les Ballut... Il redresse le torse, il lève le menton, il avance la lèvre inférieure en une moue dédaigneuse, il fait le geste de porter un face-à-main à ses yeux, il susurre, il nasille... ah, charr- mante... les rires éclatent, on bat des mains... Maintenant, comme la maîtresse d'école pendant la classe de modelage, de dessin, après avoir donné à ses élèves la première impulsion les laisse chercher par eux-mêmes... que chacun apporte sa contribution... il va se borner à surveiller leur travail, à les guider un peu, juste de temps à autre un petit coup de pouce. Et chacun s'empresse... Voici les vêtements, ruches, fanfreluches, dentelles pareilles à celles portées à son mariage par ma mère-grand, col haut et empesé, raie au milieu, cheveux gominés, fards, bouclettes et pièces montées, voici le cadre, l'ameublement, la nourriture, les goûts, les passe-temps favoris, voici des attitudes révélatrices, des traits de caractère subtils, des détails piquants... la construction progresse : des personnages bien modelés, reproduits exactement, ne ressemblant à personne d'autre, à personne d'entre nous — c'est très important — séparés de chacun de nous par des cloisons étanches. Tout à l'heure il pourra les prendre et les tourner dans la lumière : des cornues, des éprouvettes aux parois épaisses.

Il suffira de les agiter légèrement, de les passer à la flamme et tous verront se dégager et monter ces bulles... imprudemment il en a absorbé, il en est incommodé, ils vont tous ensemble les examiner, trouver un remède, un contre-poison... le moment approche, il faut se préparer, voilà, c'est à lui maintenant, il lève la main...

Mais celle-ci, il n'y a pas moyen de l'arrêter, elle est toujours plus zélée que les autres, plus excitée, elle continue à s'agiter tout autour, ajoutant là, là, et encore là un nouveau détail, un petit enjolivement... son œil infantile auquel rien, si infime que ce soit, n'échappe, son œil fureteur, fouineur l'a accroché et elle le rapporte et le place, tout lui est bon quand elle est lancée... Il s'impatiente... Ça suffit maintenant. En voilà assez... « Ça ne présente pas grand intérêt... D'ailleurs ce n'est pas tout à fait juste... On s'égare... » Il essaie de l'écarter... Mais elle résiste, elle l'agrippe, elle se colle à lui, l'enserme, il se débat, ils luttent, ils roulent enlacés, confondus, et les autres regardent gigoter à leurs pieds ces deux nabots méchants, ces deux enfants pervers, discuter ces deux commères... quand il se redresse enfin, ils l'examinent d'un air de pitié, d'un air de léger dégoût... « Mais comme vous vous excitez... D'où savez-vous, comment retenez-vous tout cela? Moi je l'oublie aussitôt. Mais vous, n'est-ce pas, ça vous passionne? »

Mais aucun travail n'est inutile, tout travail, même ébauché, même raté, doit tôt ou tard porter ses fruits... il suffit de laisser passer un certain délai, de choisir un moment propice et de revenir à la charge.

Profitant de l'acquis il peut maintenant ne pas perdre de temps dans des préparatifs. Les Ballut, tout à fait achevés sont là, prêts à servir. Il suffira d'un époussetage léger pour qu'ils apparaissent, éclatants et solides à souhait. Il pourra les introduire sans éveiller aucune méfiance et puis faire surgir de leurs Bancs et se répandre, provoquant la surprise, éveillant la curiosité, la crainte, obligeant chacun à reconnaître leur puissance, à les considérer avec respect... ces mots...

Sans paraître y attacher d'importance, d'un air un peu distrait, d'un signe discret il les rappelle, il les fait revenir sous n'importe quel prétexte... « C'est drôle, je ne sais pas pourquoi ça me fait penser aux Ballut... » ou : « Pour parler comme les Ballut... »

Mais aussitôt on sonne l'alarme, on se rassemble, on l'entoure... « Ah encore les Ballut... » il est saisi, promené, pitoyable, ridicule, tête basse, pieds nus, au milieu de la foule, on le montre du doigt... « Vous ne pensez donc qu'à eux... Ils vous hantent... » Tout autour on se pousse en riant, on se trémousse... « Mais mon cher c'est une idée fixe! »

Plus de Ballut, Chenut, Dulud, Tarral, Magnien ou autres. On s'en passera. Plus besoin de personne. Les mots seuls. Des mots surgis de n'importe où, poussières flottant dans l'air que nous respirons, microbes, virus... on est tous menacés. Vous comme moi. Aucun d'entre nous ne peut être assuré de rester indemne. Des mots banals, pas même adressés à vous. Des mots que des inconnus ont échangés à une table de restaurant voisine, marchant devant vous dans la rue ou dans une allée de jardin, assis près de vous dans l'autobus, et que vous avez absorbés, parfois sans même sur le moment vous en rendre compte. — Quels mots? — Des mots très ordinaires, si je vous les répétais vous vous moqueriez de moi, et pourtant ils ont pénétré en moi, ils se sont incrustés, je ne peux plus m'en débarrasser, ils enflent, ils appuient... Quelque chose s'en dégage...

Autour de lui on s'impatiente... « Mais de quoi s'agit-il enfin? C'est agaçant, tous ces mystères. Quels mots? Dites-les-nous... — Oh non, pourquoi faut-il donner des exemples? Ça va tout embrouiller... tout obscurcir... Chacun réagit différemment. Chacun de nous sûrement a son petit stock de mots à lui. Vous en avez comme moi. Ce ne sont peut-être pas les mêmes. Mais c'est sans importance. Ce que je veux juste vous dire, c'est qu'ils ont quelque chose, ces mots, de très particulier... Ils restent là, en vous, toujours en activité, ils entrent de temps en temps en éruption, ils dégagent des vapeurs, des fumées... Ou plutôt ils agissent comme certaines drogues, tout ce qui vous entoure est transformé... On dirait qu'une paroi tout d'un coup s'est ouverte. Par la fente quelque chose s'est engouffré, venu d'ailleurs... Un ailleurs était là, qu'on ne soupçonnait pas, ou plutôt qu'on s'efforçait d'ignorer, on faisait semblant, pour la commodité, vous comprenez... Et c'est là, ça presse de toutes parts, cela s'infiltré... Non, pas ça... ces mots projetés du dehors sont comme des particules qui cristallisent ce qui était en suspens... tout autour de vous se fige, se durcit, on se heurte à des choses coupantes, à des piquants... » Mais de toutes parts on proteste... « Assez d'énigmes. Faites-nous voir. Qu'est-ce que c'est que tout ça? Ces drogues, ces cristaux, ces volcans? Comment voulez-vous qu'on vous comprenne, qu'on vous réponde? — Eh bien, si vous y tenez vraiment, mais il y en a tant... enfin, je vais prendre au hasard... ce qui fait se cristalliser... des paroles happées au passage... venues d'une table voisine dans un hôtel de ville d'eaux... On est toujours dans ces endroits sinistres plus fragile, vacant, comme affaibli, on perd son immunité, on est particulièrement prédisposé... A une table voisine j'entends une voix féminine, je ne me souviens d'aucun visage, rien n'est resté que les mots, et le ton, un petit ton sec : Si tu continues, Armand, ton père va préférer ta sœur. »

Ils s'écartent les uns des autres pour mieux se voir, les lunettes des vieillards descendent sur leur nez... « Ton père va préférer ta sœur... C'est ça... Mais je vais vous dire... moi je dois être de ceux qui font « se craqueler les parois », « se dégager des vapeurs », « se cristalliser ce qui était en suspens »... Moi, sûrement je dois venir « d'ailleurs », parce que je dois avouer que ce sont des mots que moi aussi, je dois faire mon mea culpa... Elle frappe comiquement sa poitrine avec son poing... C'est ma faute, c'est ma très grande faute... Ce sont, moi aussi, oh pauvre de moi, des mots que j'emploie... — Ton père, ta

sœur », oh, c'est horrible, mais moi aussi, qu'on me pardonne, il m'arrive de dire ça... Que ceux qui ne l'ont jamais dit... »

Ils s'agitent, les fils télégraphiques invisibles qui les relient les uns aux autres bourdonnent, des messages qu'il reconnaît sont envoyés, captés... Moi je m'en suis toujours méfié... Il me met mal à l'aise... J'ai toujours senti qu'il était là à nous observer... prenant des notes, préparant ses rapports... Il entend un petit rire enroué... Taisez-vous, méfiez-vous, des oreilles ennemies vous écoutent... Tout ce que vous direz pourra être retenu contre vous... Attention, qu'avez-vous dit? Oh rien... Comment rien!... Ton père va préférer ta sœur... Mais vous savez que c'est dangereux... Vous savez que cela émet des radiations mortelles... cela met le monde en danger... L'un d'entre eux secoue son épaisse chevelure blanche, ses yeux par-dessus ses lunettes le fixent sévèrement : « Mais qu'est-ce que vous allez chercher? Quel mal y a-t-il à cela? — Mal? Je n'ai pas dit que c'était mal. Ce n'est pas la question... Je disais juste qu'il y a dans ces mots quelque chose... — Mais on ne peut donc plus parler, on ne peut pas prononcer en votre présence les mots les plus ordinaires... Vous êtes terrible. Vous êtes là à nous épier... à tout enregistrer... à tout critiquer... »

Il recule, il lève la main... Oh non, ne croyez pas. Ce n'est pas ça, pas ça du tout, je n'observe rien, je ne critique pas... c'est autre chose... je suis tout pareil... Pareil? Ce mot jeté, sans trop savoir ce qu'il faisait, un peu au hasard, juste pour les apaiser... Pareil... Maintenant tout à coup il voit. Ils l'ont aidé sans le vouloir... Pareil. C'est ça. Tout pareil. De là tout provient, tout le malaise, toute la souffrance... Pareil. Même substance. Jamais aucune séparation. Ou alors des cloisons communes à travers lesquelles se produit une osmose constante- Non, pas d'osmose. Ils ne sont pas pareils, pas tout à fait... Il est d'une matière plus poreuse, absorbante... Chaque gouttelette sécrétée par eux, un simple mot sans importance, un accent, n'importe quoi, pénètre en lui, provoque des troubles, lui fait perdre le sens des proportions, de la mesure, lui trouble la vue, l'esprit...

Il est une terre propice où cela pousse, s'épanouit, exhale des relents, des vapeurs... Il en est tout imbibé, rempli... Qu'ils le soulagent, qu'ils s'ouvrent à cela, qu'en eux aussi cela se répande... Il en est gorgé jusqu'à la nausée, jusqu'à une sorte de douloureuse jouissance... une étrange joie... C'est une drogue dont il ne peut se passer... Qu'ils en absorbent un peu, juste quelques gouttes, et ils verront...

Mais on aurait bien tort de penser qu'ils sont tous aussi bornés qu'ils veulent le paraître. Il s'en trouve toujours parmi eux de très, comme ils disent, « futés » qui, comme ils disent encore, « connaissent leur monde ».

On a beau se barricader dans sa chambre pour lire, tout simplement, ou pour travailler à n'importe quoi d'aussi innocent qu'une thèse de doctorat, ils ne s'y laissent pas prendre. Ils possèdent sans le montrer — certains d'entre eux — un instinct extraordinairement aiguisé. Des indices que pareil à l'autruche il croit invisibles leur crèvent les yeux. Ils ne se laissent pas tous, il s'en faut, prendre au penchant tout naïf pour les cancans, au besoin de dénigrement, à l'attrait malsain pour les odeurs louches. C'est qu'il n'y a rien de nouveau sous le soleil. Il y a eu des précédents. Pour ne pas chercher bien loin, il y a des écrivains, Flaubert par exemple, dont on parle tant en ce moment, qui ont raconté comment ils se sont gorgés aussi jusqu'à l'écoeurement de platitudes, de vulgarité. En véritables martyrs. Il le fallait bien. Baudelaire a déclaré que rien ne ravissait autant un « homme d'esprit » que « la conversation des imbéciles ». Tout ça, on le sait depuis longtemps. Ils savent et voient tant de choses sans jamais en avoir l'air. S'ils consentent, comme les autres, à l'affubler de ce déguisement de commère, de nabot malfaisant, c'est qu'il les agace. Cette certitude qu'il dégage à travers ses airs serviles et tremblants — comme s'il pouvait les tromper! — et qui lui vient de ces parentés illustres qu'il s'est trouvées, de ces répondants, est vraiment insupportable, grotesque. Il ne faut pas beaucoup pour le pousser, perdant la tête, à l'exhiber. Un peu plus de dédain, encore un peu plus chez eux d'incompréhension, de répugnance, et brusquement son air de souris traquée va s'effacer, comme ils disent encore, par ce enchantement ». Il va tout à coup se retourner, bondir vers chacun d'eux et lui brandir cela au visage en criant : gorgé comme d'autres... Flaubert,.. Baudelaire... tout comme eux... vous ne comprenez rien... Prenant sur moi tous les péchés du monde... Alors il faudra que quelqu'un le rappelle à l'ordre, lui coupe l'herbe sous le pied : Oui, bien sûr, Flaubert... mais lui, il en fait quelque chose — c'est toute la différence — tandis que vous, vous ne faites qu'en parler.

Il n'y a rien à craindre. Les chances de se tromper sont insignifiantes. Nulles, pour tout dire. Il suffit d'appliquer à son cas le calcul des probabilités — si efficace : Combien y a-t-il, je vous le demande, de Flauberts sur mille habitants? Combien, sur cent mille, de Baudelaires? Et combien sur un million? Et sur cinquante millions, combien? Que faut-il de plus? Et combien y a-t-il chez nous de gens qui ont la prétention d'écrire des romans? Qui, par conséquent, sournoisement se collent à chacun, s'imbibent, s'écartent, épient? Les statistiques répondent : un Français sur deux cache au fond de son tiroir un manuscrit. Un sur deux se cherche des répondants... Seul ici-bas parmi ses frères inférieurs, il tend la main par-dessus leurs têtes, je vous le donne en mille, à qui? Mais pourquoi se gênerait-il? Pourquoi se restreindre? à Flaubert, à Balzac, à Baudelaire surtout, à lui le patron de légions de fainéants stériles, rejetés partout.

Celui-ci aussi, par conséquent, il y a en lui un petit air... il y a longtemps que je le soupçonne... il doit en catimini... il fallait le voir pâlir, se recroqueviller, reculer, levant la main comme pour parer une gifle, quand vous lui avez dit cela : Mais pourquoi n'écrivez-vous pas? Vous ne faites qu'en parler...

6.2 – Glossário

Devido à tradução dessa obra, sentimos em alguns momentos, dificuldades no vocabulário. Por esse motivo, surgiu uma necessidade de padronização de algumas palavras e, sua identificação como termos característicos da escrita de Sarraute. Portanto, compusemos esse glossário, a fim de expor os termos que de algum modo nos causaram dificuldade na tradução. Todas as palavras estão conforme a tradução empregada no texto.

Accoutrement - Vestimenta

Acquiescer - Concordar

Adroitement – Habilmente

Aggripé – Agarrado

Aguet – Espreita

Apaiser - Apaziguar

Appuier – Firmar

Arabesque – Arabesco

Asperge – Aspargo

Assoupissant - Adormecente

Attelé - Acoplada

Attendri - Amolecido

Auvent – Marquise

Avant-goût – Antegosto

Bafouer - Desrespeitar

Bafouiller – Balbuciar

Bague - Anel

Baldaquin – Dossel

Ban - Banimento

Bannière – Bandeira

Béat – Beato

Bienfaisant - Benéfico

Bondir – Pular
Borner – Limitar
Bourdonner - Zumbir
Bourgeon- Broto
Bourrade - Empurrão
Bourreau - Carrasco
Bourrelet – Rolinho
Boursouflé - Inchado
Braver – Desafiar
Brebis – Ovelha
Bringuebalé - Embaralhado
Broderie – Bordado
Brouillard – Nevoeiro
Brousse - Savana
Buisson – Arvoredo
Bure – Lã crua
Cadencé - Ritmado
Caducée – Caduceu
Cagoule – Capuz
Cahot – Solavanco
Cancan - Fofoca
Caparaçonné – Encarapuçado
Capitonné - Alcochoado
Carnet – Caderneta
Charmant - Encantador
Charogne - Carniça
Chatolement - Bruxuleio
Chatoier – Cintilar
Chef –lieu – Capital
Chiquenaude - Peteleco
Chuchotement - Cochicho

Cierge - Círio
Claironner – Clarinar
Cloison - Divisória
Cogner – Bater
Commère - Comadre
Consentante – Consciente
Cordée – Cordada
Cornue - Retorta
Coquet – Coquete
Contraindre – Obrigar
Craché - Cuspido
Craintif – Receoso
Cramponner – Agarrar
Craqueler - Rachar
Crépitement - Estalido
Creux – Recôndito
Crique - Enseada
Dalmatique – Dalmática
Débrillé - Desleixo
Déceler – Detectar
Dédagné - Desprezado
Dégager – Exalar
Dégorgier - Vomitar
Déguisement - Fantasia
Démangeaison – Comichão
Déménageur - Empregado
Dément - Loucura
Dentelle- Renda
Dérobée – Soslaio
Dérober - Esquivar
Détendre – Descontrair

Détresse – Aflição
Diablotin – Diabinho
Discutailler - Tagarelar
Docilement - Docilmente
Doué – Dotado
Durcir - Endurecer
Ébauche - Esboço
Ébouriffé – Desgrenhado
Ébranlement – Agitação
Écarquiller - Arregalar
Écarter - Afastar
Échauffé – Alterado
Éclat – Clarão
Écoeurement - Enjoo
Écorché – Esfolado
Écraser - Arrancar
Éffrayer – Assustar
Égard - Respeito
Élan – Ímpeto
Élancement - Pontada
Élu – Eleito
Embarras – Obstáculo
Empesé - Engomada
Empêtré - Embaraçado
Empoté – Desajeitado
Enclos - Recinto
Encre – Tinta
Endosser - Endossar
Enfoncer – Adentrar
Engorgement - Congestão
Entourer – Encerrar

Épanouir - Desabrochar
Épuisant – Esgotante
Essuyer - Secar
Étaler – Ostentar
Étendart - Estandarte
Étirer – Espraiar
Étonnant – Surpreendente
Étonnement – Surpresa
Étouffer - Pulsar
Étourdi – Atordoado
Exploit - Façanha
Facétie – Brincadeira
Fade – Inosso
Fard - Sombra
Fanfreluche - Babado
Faufiler - Esgueirar
Farceur - Brincalhão
Ferrure - Ferrada
Fierté – Orgulho
Figer - Petrificar
Flageoler – Estremecer
Flatté – Lisongeador
Forcené – Louco
Fouineur - Bisbilhoteiro
Fourrure – Pele
Frémir - Tremer
Froisser – Amassar
Fureteur - Farejador
Gaucherie - Embaraço
Gazouilli – Chilrar
Gêner – Incomodar

Gifle - Bofetada
Gigoter - Espernear
Gisement – Jazigo
Gouaillieur – Gozado
Gouape - Vadio
Goudron - Alcatrão
Grade – Patente
Grassouillet – Gorducho
Grillagé - Engradado
Gronder - Ralhar
Guet-apens - Armadilha
Gueule – Bocarra
Haie – Cerca
Hagard - Perdido
Haleter - Palpitar
Hampe – Haste
Hanter - Assombrar
Happer – Abocanhar
Indemne - Ileso
Harponner - Arpear
Hébété – Embasbacado
Hideux - Horrendo
Hocher – Balançar
Humblement - Humildemente
Impitoyable – Impiedosa
Indéfinissable – Indefinível
Irréfragable - Irrefragável
Jailler - Jorrar
Jetter – Descartar
Joute - Luta
Joyaux – Jóias

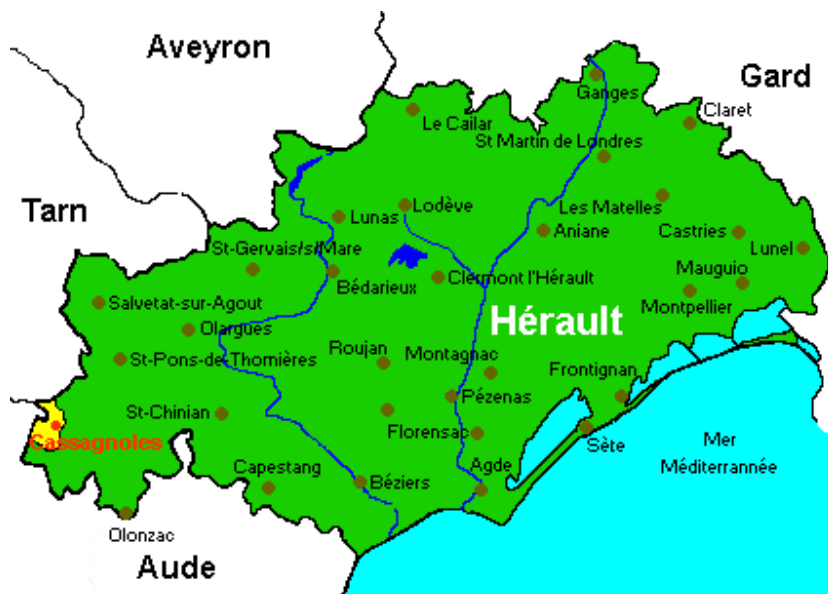
Lambeau - Naco
Languir – Languir
Longer - Ladear
Louche - Esquisita
Lutin- Duende
Malaise - Angústia
Malfaisant - Malfeitor
Malsain - Doentio
Marmonner – Resmungar
Maussade - Aborrecido
Moine – Monge
Moirure - Melania
Moue – Beicinho
Obtus - Obtuso
Opiner – Opinar
Ouvragé – Ornamentada
Parasol – Guarda-sol
Parvener – Conseguir
Patiné - Enovelado
Peinturlurée – Manchada
Pelletée - Pazada
Pelucheuse – Felpuda
Pétillant - Cintilante
Pieusement – Piedosamente
Pin - Pinheiro
Pitoyable – Lamentável
Plaine – Planície
Platitude - Banalidade
Poisieux – Pegajoso
Prairie - Pradaria
Préposée – Encarregada

Prescience – Presentimento
Quêter - Arrecadar
Radeau – Jangada
Raté - Fracassado
Raidie – Enrijecida
Rainure – Ranhura
Rallier – Unir
Rampante - Rastejante
Rangée – Fileira
Rassurant - Tranquilizante
Recogné – Encolhido
Recoin - Recanto
Recroqueviller – Encolher
Relent - Vestígio
Renfrogné – Carrancudo
Répit – Sossego
Réputé - Considerado
Réserve – Ressalva
Ruche - Fuxico
Retrousser – Arregaçar
Rêvasser - Devanear
Ruminer – Ruminar
Sanguinolant - Sangrento
Sapin – Abeto
Satiné - Lustrado
Scruter – Esquadrinhar
Sébile - Caneca
Soie – Seda
Soulagé – Aliviado
Soupape - Válvula
Sournoise – Falso

Suinter – Ressudar
Trouble - Turvação
Tâcheron – Labutador
Tenue – Traje
Tiédeur – Tepidez
Timoré - Temeroso
Tique – Carrapato
Titi – Pestinha
Tordant - Hilário
Traînée – Rastro
Tranchant – Cortante
Traqué - Caçado
Trôner – Tronar
Tuile – Telha
Tuméfié - Enfunado
Vanté - Gabado
Vautrer – Chafurdar
Viol - Violação
Voûte - Abóbada

6.3 - Mapa do Departamento *Hérault*

Visualização do mapa descrito no terceiro capítulo.



Disponível em : <<http://cassagnoles.funimag.com/>> Acesso em: 15 novembro 2011.